

REVISTA DA SEMANA

N.º 25

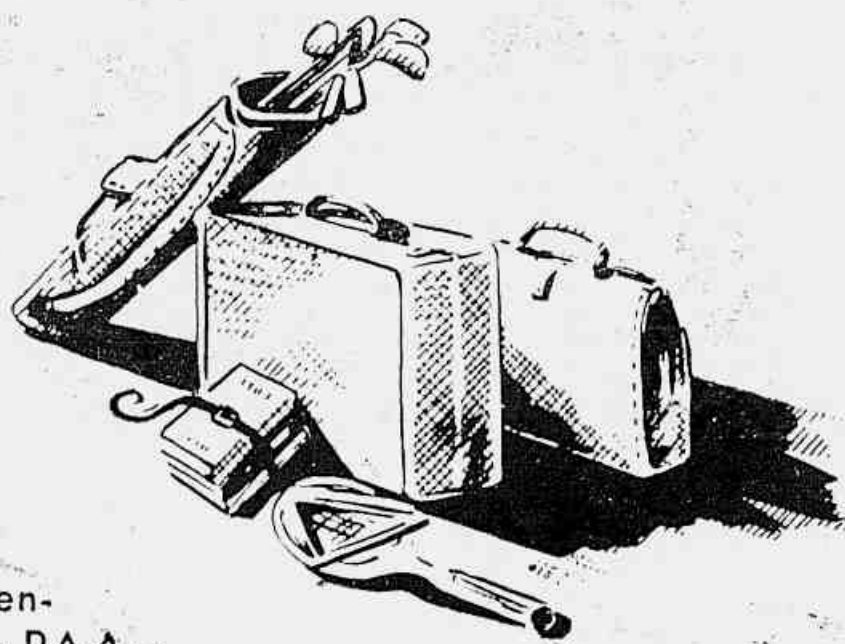
19-6-48

Cr\$ 3,00 em todo o Brasil





Há sempre um motivo
para Viajar — seja
negócios... estudos...
recreio — mas há
 muitas razões por que
a Melhor maneira
de viajar é re-
presentada pelo
emblem da PAA...



Rapidez com segurança.

Regularidade que sômen-
te a experiência da PAA
pode oferecer.

Assistência exemplar aos passageiros.

Atenções prestimosas a todos os seus desejos.

Repouso no requintado conforto que caracte-
riza os gigantescos Clippers. Portanto...
da próxima vez que viajar...



Viaje pela PAA

- Melhor maneira não há!

Sim, todos os dias, de Buenos Aires a
Nova York, de Caracas a Calcutá, a
PAA proporciona ao viajante rapidez,
elegância e conforto que representam hoje
os mais altos padrões em transportes
aéreos — padrões de que V. S. pode
desfrutar ao redor de todo o mundo.

Viagens por toda parte.

Consulte as Agências de Viagens ou a...

PAN AMERICAN WORLD AIRWAYS
 *A Rede dos Clippers Voadores*

PASSAGEIROS — CLIPPER CARGO — CORRESPONDÊNCIA

Poetas que morrem cedo

PARECE que foi José Veríssimo quem pretendeu isolar uma escola literária, baseado na fragilidade da existência orgânica de seus componentes. Seria a escola dos poetas que morrem cedo, e nela entrariam Casimiro de Abreu, Castro Alves, Álvares de Azevedo e — por que não? — Fagundes Varela e Gonçalves Dias.

Esta escola, assim isolada, a princípio poderia dar a impressão de baseada num capricho, num detalhe sem o menor valor científico à crítica literária. Mas não é tanto assim. Não é impunemente que um poeta sente dentro do peito a dor e a condenação e pressente o termo da jornada. A história dos poetas é em parte também a história dos micróbios que lhe corroem a integridade do tecido pulmonar. Se tivéssemos destes físicos artistas uma ficha, como a dos modernos sanatórios e que nos permitem seguir a evolução do caso clínico, desde a instalação da moléstia até a morte, seria provavelmente possível relacionar determinadas fases do ciclo da tuberculose a determinadas fases da evolução do poeta.

Nos físicos artistas, as condições psicológicas são evidentemente as mais importantes e decorrem das condições mórbidas do paciente. De início, a doença repercute sobre a quantidade da produção. A sedentariedade, a que a doença pode obrigar, passa a conceder mais tempo para as elucubrações literárias ou artísticas, ao mesmo tempo que o doente passa a procurar uma compensação mental para a sua deficiência física. Se a doença estiver associada a um pressentimento de morte (o que, ao contrário do que se possa pensar, nem sempre acontece), o artista luta com a morte, preocupado em realizar dentro do pouco que lhe sobra de vida tudo o que cabe dentro de seu sonho e seu orgulho. E desencadeia-se a corrida vertiginosa e trágica, entre a tuberculose, ou por outra, a morte e a ânsia de sobreviver, sobrevivência que, tornada impossível no plano orgânico, passa a ser acalentada no plano ideal.

Nem sempre o tuberculoso pensa que vai morrer. Atacado embora por aquela maldição de que fala o Deuteronômio ("O Senhor te açoitará com uma consunção, com uma febre, com uma inflamação"...), ele é o mais esperançoso de todos os homens. Mesmo dentro da maior decomposição orgânica, o tuberculoso crê, o tuberculoso espera. É a **esperança física**, já secularmente observada pelos estudiosos da moléstia. Do ponto de vista das repercussões na poesia, temos, pois, esta ambivalência: ou o poeta não tem esta esperança e vê com realidade o seu caso, — e daí nasce o tema da morte (Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, Auta de Souza, Augusto dos Anjos...), ou o poeta é cheio de esperanças. E esta esperança física sublima-se, inclusive, em esperança de outro tipo, esperança messiânica, esperança de dias melhores para o mundo (Antônio de Castro Alves...).

Há mais: além da compensação mental que o doente procura para a sua deficiência física e a que já fizemos menção, a tuberculose parece exercer um verdadeiro efeito estimulante sobre os seus portadores. Não é por preconceito infundado que o povo começa a suspeitar que poeta bem nutrido não pode dar grande poesia... Não é por preconceito infundado ainda que o povo não se conforma com poetas que, biotipologicamente, se apartam do ideal que a tradição romântica forjou: indivíduos melenudos, pálidos, escarrando sangue e morrendo na flor dos anos. Erich Stern chega a atribuir as manifestações do gênio à ação de toxinas originadas pelo bacilo. Um grande poeta tuberculoso, Novalis, afirma: "A enfermidade origina provavelmente a produção e o estímulo de nossas idéias e atividades mais interessantes". O bacilo de Koch, de acordo com uma série de estudiosos interessados na sua repercussão sobre as atividades do espírito, seria comparável ao ópio ou ao álcool, estimulando as faculdades criadoras do artista.

Evidentemente, esta série de idéias é aplicável aos nossos poetas que morrem cedo, como ainda aos tuberculosos ilustres dalém-mar — Stevenson, Schiller, Marie Bashkirshsheff, Voltaire, Molière, Shelley, Keats, São Francisco de Assis... Tuberculosos de um tempo em que Forlanini não havia descoberto o pneumotórax, nem Roentgen atinara com os raios X. Épocas de tuberculose sem possibilidades de frenicectomia, e muito menos de abreuografias, para diagnósticos em massa na população de poetas atacados. As condições modernas em que a tuberculose vitima os seus eleitos devem trazer repercussões psicológicas bastante diversas daquelas que se produziam quando a física correspondia a uma condenação praticamente inapelável. De qualquer jeito, essas digressões psico-físio-patológicas valem para toda a série de nossos poetas que morrem cedo, para todo o nosso desventurado e pálido período romântico brasileiro.

JAMIL ALMANSUR HADDAD, especial para "REVISTA DA SEMANA"

REVISTA DA SEMANA

SUMÁRIO

COLABORAÇÃO

Poetas que morrem cedo (Jamil Almansur Haddad)	3
Molière, fotógrafo da burguesia	28

BIOGRAFIA

A vida de Calvino (Henry Thomas e Dana Lee Thomas)	23
--	----

CARICATURA

Bom humor	12/13
-----------------	-------

REPORTAGENS

O maior escândalo teatral no Brasil (Ney Machado)	6/11
Tesouros artísticos da Bahia (Herman Lima)	24/27
Entre os mongóis do hemisfério ocidental (Raymond de La Chaumiade) ...	30/35

CONTOS

O sacristão (Somerset Maugham)	19
O bicho do tio Belhome (Guy de Maupassant)	20/21
Coisas de franceses (Miguel de Unamuno)	22

SEÇÕES PERMANENTES

A Semana em Revista	4
O Mundo Marcha	5
Música	14
Cine Revista	16
O Filme da Semana	17
Broadcast	36
Vida Literária	37
Livros Novos	38
Pelas Estradas do Céu	49
Cancioneiro Internacional	52

SUPLEMENTO DA MULHER

Nos bastidores femininos (Kitty)	39
O espírito feminino através dos tempos	44
A personalidade da semana (Sarah Marques)	45
Muro das lamentações	46
Mães e filhos (Zóia de Laet)	47
"Week-end" na cozinha (Marie Cook)	48

FOLHETIM

Na esteira do bruxo vermelho (Garland Roark-F. R. Gurger)	57/58
---	-------

ILUSTRAÇÕES

Armando Pacheco
Orlando Matos
Ana Zagorska

NOSSA CAPA



Ilustra hoje nossa capa a artista Arlene Dahl, uma garota que subiu depressa em Hollywood. Depois de uma rápida passagem pela Warner Brothers, foi contratada pela Metro-Goldwyn-Mayer, e nós a veremos brevemente, ao lado de Van Johnson, dividindo o estrelato feminino com June Allyson. O filme chama-se "The bride goes wild" (ainda sem título em português) e tem várias cenas roubadas inteiramente pela novata Arlene Dahl.

a Semana em Revista

O EXCESSO DE FERIADOS E OS MALES DO "PONTO FACULTATIVO"...



O Brasil é o país dos excessos. Excessos de franquias, ou excesso de reservas. Excesso de economias, ou excesso de gastos. Excesso de rigor ou excesso de licença. Com os feriados, foi assim. De repente, resolveram que não devia haver mais de cinco, fora dos domingos. Depois, achou-se que não era necessário chegar-se a tais extremos. Mesmo porque, além dos feriados ordinários, poderia haver outros, esses de caráter extraordinários. E os novos feriados foram surgindo, insinuando-se, impondo-se aqui e além, — e não só os feriados antigos voltaram dissimuladamente, como ainda foram criados outros novos. E não é só isso: a propósito de tudo, as repartições públicas se fecham, a massa do funcionalismo vem para a rua, a marcha da administração pública se paralisa, — e com isso são afetadas muitas outras atividades, as dos advogados, a quem o fôro se fecha, as dos bancos, as do comércio, etc. No dia em que se comemora uma das vitórias militares das nossas forças armadas na Itália, ponto facultativo. Dia de Nossa Senhora do Brasil, ponto facultativo. Chegada do presidente do Chile, feriado nacional. Desembarque do general Alexander, ponto facultativo. Conferência disto ou daquilo, feriado nacional. E assim vão se desdobrando os dias em que o expediente administrativo vai ficando paralisado, em um país em que ponto facultativo significa o mesmo que "hoje não se trabalha". O nosso governo parece muito preocupado com um programa de economias, mas não parece atentar em que o rendimento do trabalho coletivo é também uma economia bem realizada. Especialmente o rendimento do trabalho do funcionalismo público, pois já padecemos de uma burocratização excessiva, uma burocratização por vezes até mesmo irritante, perturbadora de numerosas iniciativas que entrariam em ritmo mais animador, mais produtivo, mais célebre, se não houvesse tanto papelório inútil, tanta exigência miuda e, por vezes,

até mesmo ridícula a preencher. O Brasil precisa trabalhar e, para trabalhar, é mister que não se veja impedido ou perturbado pela chusma de feriados e pontos facultativos que surgem intempestivamente. Feriados, só os do calendário, os fixos, os da Constituição. Fora daí, não. E por que ponto facultativo? Por que um privilégio para uma classe, quando as demais não se beneficiam de exceções e têm o dever de trabalhar? Nossos hóspedes ilustres devem ser bem recebidos, — e uma visita como a do general Alexander é uma insigne honra para o nosso país. Mas somos, talvez, o único país a recepcionar homens públicos deste jeito. Cremos que se o general Dutra, em pessoa, visitasse Londres, havia de receber muitas homenagens, pelo seu alto cargo, por ser o nosso presidente, o chefe do governo do Brasil. Duvidamos, entretanto, que essa visita produzisse a paralisação total da vida administrativa inglesa. As homenagens oficiais não se tornam mais calorosas pelo simples fato de se dar aos funcionários públicos a oportunidade de gozar a tarde numa sala de cinema...

dos nossos opulentos circuitos de exibição), chegam a vedar ao público saídas que, pelas leis municipais, devem obrigatoriamente manter abertas. Em Copacabana, que é um bairro elegante, há cinemas que causam vergonha à gente, de tão precárias que são suas instalações, — e isto sem falar nas raias que, a certas horas passeiam tranquilamente de um lado para outro da sala... Pode-se imaginar, por aí, o que não suportam os fãs em Cascadura, no Meyer, no Andaraí, no Engenho Novo e outros bairros menos granfinos... A diferença das grandes empresas cinematográficas para com o público é incrível, irritante mesmo. E, apesar disso, os fãs resignados, à falta de outras diversões, continuam a ir aos máis cinemas, nos quais os bons filmes passam a ser menos bons e os que já não são bons se convertem em péssimos... Quando alguém se lembrará de iniciar os "comandos" contra os máis cinemas?

"COMANDOS" TAMBÉM PARA OS CINEMAS



se abespinharam e se retiraram do comércio de comédias, como foi o caso dos donos do granfino Tourist, — granfino apenas exteriormente, — mas o público, de um modo geral, tem lucrado com as medidas adotadas. Há hoje mais vigilância e mais energia na punição dos

faltosos, dos que procuram comprometer a saúde coletiva com sua falta de limpeza e com seu amor aos lucros... Entretanto, ninguém pensou ainda em realizar campanhas semelhantes, em outros setores para os quais seria necessário que as autoridades também voltassem suas vistas. Os cinemas estão, precisamente, nesse caso. Em muitas dessas casas, não prevalecem as mais elementares regras de higiene e de conforto. Não há bebedouros com água filtrada e gelada, para uso dos espectadores. Os sanitários são, por vezes, os lugares mais imundos que se possa imaginar. Não há sabão, não há toalheiros, não há nada... O público que se arranje de qualquer maneira... Há exceções, é certo, e os cines Metro figuram entre as mais honrosas. Mas essa não é a regra geral. Está muito longe de ser. Outros cinemas têm a projeção e o som tão deficientes que, só por essas falhas de natureza técnica, deviam ter suas licenças cassadas. Alguns, para economizar empregados (embora estes geralmente percebam ínfimos salários em comparação com os gordos proventos

faltosos, dos que procuram comprometer a saúde coletiva com sua falta de limpeza e com seu amor aos lucros... Entretanto, ninguém pensou ainda em realizar campanhas semelhantes, em outros setores para os quais seria necessário que as autoridades também voltassem suas vistas. Os cinemas estão, precisamente, nesse caso. Em muitas dessas casas, não prevalecem as mais elementares regras de higiene e de conforto. Não há bebedouros com água filtrada e gelada, para uso dos espectadores. Os sanitários são, por vezes, os lugares mais imundos que se possa imaginar. Não há sabão, não há toalheiros, não há nada... O público que se arranje de qualquer maneira... Há exceções, é certo, e os cines Metro figuram entre as mais honrosas. Mas essa não é a regra geral. Está muito longe de ser. Outros cinemas têm a projeção e o som tão deficientes que, só por essas falhas de natureza técnica, deviam ter suas licenças cassadas. Alguns, para economizar empregados (embora estes geralmente percebam ínfimos salários em comparação com os gordos proventos

BOMBAS, BALÕES E INCÊNDIOS



radadas nas ruas, a horas mortas da noite. Às vezes, depois de onze horas, quando todos já têm direito à tranquilidade e ao repouso, especialmente se trabalham pela

manhã cedinho, continuam os estampidos a reboar, como se estivéssemos em pleno campo de batalha. O comércio desses explosivos é, por outro lado, perigoso enquadro para o mundo infantil. Quando pensamos que a Censura Cinematográfica proibiu que os menores de 14 anos vissem o filme "Pinóquio", de Walt Disney, por ser "impressionante", e o Juizado de Menores permite que crianças de oito anos andem com as mãos cheias de explosivos, chegamos a estremecer... Nesta época, são frequentes, nos jornais, as notícias de acidentes, de dedos dilacerados, de crianças injuriadas por tais jogos. E até de adultos, com barracas de vendas de fogos que vão pelos ares... Outro aspecto é o dos incêndios causados pelos balões, que caem às vezes sobre casebres ou sobre macegas, propagando-se e causando grandes devastações. Colocaram, este ano, faixas com dizeres, aconselhando o povo cariocas a se abster de soltar balões. Mas adiantarão de alguma coisa essas faixas? Receamos que não. Os balões continuarão a subir, as bombas a espoucar, os fogos a serem vendidos em barracas às crianças e aos adultos. Que ao menos os santos de junho, em cuja intenção se faz tanto barulho, abram o olho lá em cima e sejam um pouco mais vigilantes...

ANO XLVII
N.º 25 — 19-6-48

REVISTA DA SEMANA

Diretor-Secretário:
R. MAGALHÃES JUNIOR

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS
Porte simples: Um ano — Cr\$ 140,00; Seis meses — Cr\$ 70,00
Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 85,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO
Registrada: Um ano — Cr\$ 270,00; Seis meses — Cr\$ 140,00
O número avulso custa 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 3,50
Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro
Tels. — Gerência: 22-2550; Secretaria: 22-4447; Publicidade: 22-9570;
Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Corres. na Bahia: J. Machado Cunha, Av. 7 de Setembro, 149, Cld. do Salvador, Bahia. EM SÃO PAULO — Vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Cap. Salomão, 67 — Tel. 4-1569 — Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, à rua Brigadeiro Tobias, 613 — 2.º andar, sala 217. Telefone 6-8718.

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguilar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, Av. Fontes Pereira de Melo, 34 dt. Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituintes, 1746, Montevideu. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 299. Tel. 32. Avenida 9109, Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA — Diretor-Presidente: GRATULIANO BRITO

Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 60 PÁGINAS

O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de originais, mesmo quando não publicados.



Foi recebido no Rio, com expressivas manifestações, o general Harold Alexander, visconde de Túnis e governador geral do Canadá, que nos honrou com sua visita... O Conselho de Minas e Metalurgia do Brasil provou mais uma vez que a crise de cimento e o "câmbio negro" provocado só existem porque o Governo consome cinquenta por cento do cimento nacional. Consome ainda muito do importado por firmas particulares. Por que não importa ele o próprio cimento que consome? Será que com isso desapareceriam certas comissões dadas por fora?... Diego Rivera, muralista mexicano, anda às voltas com estudantes patrióticos, devido à frase que pintou num quadro seu no saguão do Hotel del Prado e que diz: "Dios no existe". Os estudantes raspam o "no existe". No dia seguinte Diego refez a legenda. Os estudantes ameaçam nova investida. Por que aqueles moços não encarregam um pintor católico de pintar no mesmo saguão uma tela sacra e escrever, abaixo, "Deus existe"? Assim o hóspede escolheria a filosofia que lhe parecesse melhor... Suicidou-se no Rio Glória Lotito, de 36 anos, que durante toda a sua vida viveu como mulher. Somente com a autópsia descobriram que era homem. "Descobriram tarde", deve ter pensado alguma solteirona... Um caso espantoso ocorreu nos municípios de Curral Novo e Cachimbas, interior do Piauí, e foi relatado à imprensa pelo deputado Edson Ferreira. Duas professoras primárias, Maria Pereira da Silva e Luiza Rodrigues, suspeitas de incompetentes para os cargos que haviam sido nomeadas, foram submetidas a exame. Dona Maria sabia apenas somar. Nenhuma sabia assinar o nome. Tinham arranjado preposto para receberem o ordenado mensal. "Que ensinariam aos alunos?", perguntou o Seabra Veloso, numa roda da A.B.I. "Os malefícios do analfabetismo", esclareceu Pereira da Silva... Novamente voltou-se a falar em intervenção em São Paulo e também voltou à baila o nome do sr. Novelli Junior para governador substituto. Entretanto, parece que o presidente Dutra não quer atender aos rogos do genro e o sr. Ademar continuará... A estátua do Duque de Caxias vai ser despejada do largo do Machado, passando a morar na praça da República, em frente ao Ministério da Guerra. Continua a dança das estátuas... O ex-rei Miguel da Romênia casou-se com a princesa Ana de Bourbon e Parma, da Dinamarca. Casaram-se na Igreja Ortodoxa Grega, embora a princesa seja da Igreja Católica Apostólica Romana. Em vista disto, S. S. o Papa considerou a princesa "em grande pecado". Devido a essas complicações reais, um repórter do Rio descobriu que o simpático casal Iara Sales e Heber de Boscoli, casados há pouco pelo ex-bispo de Maura (Igreja Católica Apostólica Brasileira), ficaram excomungados automaticamente, depois do casório. Um padre esclareceu que o Vaticano prefere que os casais vivam amancebados a que se casem pelos bispos dissidentes. Mas se os noivos preferem as novas igrejas, pra que discutir com os pombinhos?... O sr. Myron Taylor para explicar a S. S. o Papa as suas loucuras de moço... O sr. Herbert Moses, presidente da A.B.I., passou um telegrama aos líderes das bancadas da Câmara dos Deputados pedindo que aprovelem com a máxima urgência o decreto que concede cárceres especiais para os jornalistas. "Sempre bondoso para com os companheiros", teria comentado o Barão de Itararé... O economista paulista sr. Francisco D'Auria afirmou, em entrevista, que a desvalorização atual do cruzeiro, comparando-se com o seu valor em 1939, é de oitenta por cento. Enquanto nós vamos passando da crise ao pânico, capitalistas brasileiros, como os srs. Gervásio Seabra, Speetman Jorge, Hugo Ramos e outros, negociam a montagem de fábricas de tecidos na Argentina... Os jornais noticiaram que várias famílias do Rio foram envenenadas com arroz. A notícia causou regozijo, pois a população julgava que este cereal já não existisse mais por aqui... Está em julgamento em São Paulo o sr. Carlos de Barros, casado, com filhos, acusado de ter seduzido mais de dez moças. O réu confessou o delito e acha que agiu assim porque "não está passando bem"... Os coreanos desejam realizar eleições livres, democráticas, apesar da pressão das forças soviéticas de ocupação. Os Estados Unidos garantirão liberdade de pleito na Coreia, quer queiram quer não os comandados de Stalin... Enquanto o governo estuda se emitirá ou não, uma quadrilha internacional, operando em Buenos Aires, resolveu a questão, fazendo o derrame no Rio Grande do Sul de céduas de mil cruzeiros. Em vista da concorrência, parece-nos que o Governo vai decidir-se... A administração das linhas férreas japonesas descobriu que o hábito de mascar goma faz o maquinista ficar sempre desperto, evitando a possibilidade do desastre que poderia se dar se o mesmo estivesse adormecido. Que tal se o sr. Edgar Estrêla obrigasse os motoristas do Rio ao uso do "chiclet"? Talvez assim os desastres diminuíssem... Num noturno paulista, o passageiro José Teixeira Dornas investiu de madrugada contra uma passageira, matando-a, feriu quatro pessoas e atirou-se, depois, do expresso em movimento. E ainda dizem que as viagens aéreas são mais perigosas que as de trem!... Faleceu o jornalista Hugo Barreto, diretor-gerente do vespertino "O Globo", um dos veteranos da imprensa carioca... Um vespertino semi-oficial abriu o seguinte título na 11ª página: "200.000 inativos vão entrar em greve nos Estados Unidos". No corpo da notícia explica que 200.000 marítimos iriam entrar em greve. Afinal, como é isso: inativo já é sinônimo de marítimo? Gente que não faz nada pode fazer greve?... O ministro Washington Vaz de Melo, do Superior Tribunal Militar, comentando os acontecimentos da Escola Naval, à porta da Igreja da Cruz dos Militares, foi asperamente interpelado por um ajudante de ordens do almirante Silvio Noronha, que se julgou no direito de proibir ao ilustre magistrado criticar o ministro da Marinha. Foi necessária a intervenção do general Zenóbio da Costa para que o vulcânico ajudante serenasse... O governador do Maranhão, sr. Sebastião Archer de Souza, declarou que a situação do Estado é a melhor possível e o cofre da Fazenda guarda um saldo de 18 milhões de cruzeiros. Muita gente do Maranhão deve ter esfregado as mãos e gritado "Oba"!... A temporada teatral no Rio continua em franco sucesso... Por hoje é só... até sábado...

Adolescentes



Deixar a infância para trás, atingir a adolescência o mais rapidamente possível é o clássico anseio das meninas, quando vão chegando a essa idade de transição, entre menina e moça.

Quadra agitada e complexa, em que um enxame de sonhos, projectos e inquietações povoa a mente das jovens, exaltando a sua tenra sensibilidade,

o início da adolescência constitui, por isto mesmo, uma fase perigosa e decisiva na vida da mulher. Dêsse período de formação, durante o qual se operam importantes mudanças no organismo feminino, poderá depender a futura saúde e felicidade da moça—espôsa e mãe de amanhã. Com efeito, a época da puberdade, que liga a infância à juventude, é comparável a uma ponte de passagem difícil: para transpô-la em boas condições a moçinha deve ser preparada física e psicologicamente. Cabe em especial às mães velar, com clarividência e carinho, por essa dupla preparação, indispensável a um desenvolvimento completo e harmonioso.

Tonificar o estado geral da adolescente, regularizar as funções útero-ovarianas que começam — e cujos desarranjos podem ter tão desfavorável repercussão no sistema nervoso — são as primeiras providências a tomar. Para isto *Regulador Gesteira* é o remédio indicado.

Excitações nervosas, desânimo, cansaço, falta de apetite, enjôos, dores durante o período menstrual, regras escassas ou exageradas, todos esses distúrbios, que frequentemente se verificam na época da puberdade, poderão ser tratados e até evitados com o uso do *Regulador Gesteira*.

A acção que o *Regulador Gesteira* exerce sobre o organismo feminino é calmante, tônica e normalizadora da menstruação.

São, portanto, essas propriedades que fazem do *Regulador Gesteira* o excelente remédio, cujo renome atravessou as fronteiras de tantos países, onde a sua aplicação, hoje largamente difundida, tem produzido sempre ótimos resultados no tratamento das perturbações nervosas e outros males causados pelo mau funcionamento dos órgãos útero-ovarianos.

O NOSSO CONCURSO DE CONTOS

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERÁRIAS DOS SEUS LEITORES
São estas as bases do nosso concurso permanente de contos:

- 1 — Só serão aceitos no concurso permanente de REVISTA DA SEMANA contos escritos sobre temas brasileiros, sobre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.
- 2 — Os contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.
- 3 — A redação de REVISTA DA SEMANA não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores, na mesma semana da publicação, procurar a importância do prêmio respectivo na nossa caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.
- 4 — Os contos submetidos a este concurso devem ter no mínimo três folhas datilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e no máximo oito folhas.
- 5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, este será utilizado apenas para efeito do pagamento do prêmio. E' desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração, no envelope: — "Concurso Permanente de Contos de REVISTA DA SEMANA".
- 6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interesse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os concorrentes devem procurar acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e a banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

RIAS * * * * * Rua Rosa e Silva, 74 — Fones 5-1311 e 5-1322 — São Paulo

VENDE E EXPOSIÇÃO
ÚNICO REPRESENTANTE
A. BLUM SOBRINHO — 42-2455
RUA DO CARMO, 6 — 10.º AND.
— SALAS 1.009/1010

LIVE
AS FAMOSAS COSINHAS TIPO AMERICANAS KITNEVE

VISITE A NOSSA EXPOSIÇÃO PERMANENTE OU PEÇA A VISITA DE UM NOSSO VENDEDOR ESPECIALIZADO. Atendemos a qualquer consulta relativa ao nosso ramo.

ESTAMOS NUMA
BATALHA!

OS ARTISTAS CONTRA
O EMPREZARIO DO FENIX

Ajude-nos a vencer

VENHA VER "ESTRADA DO TABACO"
QUE ESTARA' EM CARTAZ
ENQUANTO HOVER JUSTICA
NO BRASIL





Na página à esquerda: Um dia antes da vitória alcançada pela companhia do Teatro Fênix. O ator-empresário Sandro Polônio, voltando de uma passeata de protesto, atende a um dos milhares de telefonemas dos amigos do teatro nacional, hipotecando solidariedade a sua causa. Em cima: no dia seguinte, a vitória dada pela Justiça aos profissionais do teatro. Cartazes feitos às pressas anunciam a batalha ganha. Terminara a primeira retrega. Esperamos que o senhor Vital Ramos de Castro não consiga bancar o Inglês...

O MAIOR ESCÂNDALO TEATRAL DO BRASIL

O CONCESSIONÁRIO DO FÊNIX, SR. VITAL RAMOS DE CASTRO, APONTADO PELA CASA DOS ARTISTAS COMO O "INIMIGO N.º 1" DO TEATRO BRASILEIRO ★ A RESISTÊNCIA DOS "MAQUIS" DE "ESTRADA DO TABACO" ★ TRABALHANDO, COMENDO E DORMINDO NO PRÓPRIO TEATRO ★ O PROPRIETÁRIO NÃO QUIS VENDER INGRESSOS E OS ARTISTAS DERAM UM ESPETÁCULO GRATUITO ★ RESFRIADOS E EMAGRECIDOS... MAS VITORIOSOS ★ A CASA DOS ARTISTAS VAI TENTAR FECHAR O TEATRO REPÚBLICA ★ A HISTÓRIA DE UM DESPEJO QUE NÃO HOUE... ★ COMOVENTES DEMONSTRAÇÕES DE SOLIDARIEDADE DE UMA CLASSE

Reportagem de NEY MACHADO ★

Fotos de ARNALDO VIEIRA

O concessionário do Teatro Fênix, sr. Vital Ramos de Castro, certamente nunca imaginou que aquele seu gesto da noite de 8 do corrente, mandando fechar à força as portas da frente daquela casa de espetáculos e a bilheteria, para impedir, dessa forma, que o povo assistisse à peça "Estrada do Tabaco" (Tobacco Road), viesse ter tão ruidosas consequências. O concessionário avaliou que iria brigar, quando muito, com os poucos artistas da companhia de Sandro. Mas surgiu o imprevisto, e já depois de meia-noite o sr. Vital Ramos de Castro estava em luta contra todo o teatro nacional, apontado como um explorador da classe por centenas de

artistas da ribalta, do rádio, do cinema, por homens da imprensa e até por vários representantes do Congresso. Nunca a ameaça de um despejo movimentou tanta gente em favor dos despejados. A história já foi contada minuciosamente pelos jornais. Vamos recontá-la, abreviando-a, mesmo porque nunca é de mais trazer à baila um assunto que tanto interessa à cultura brasileira.

O INIMIGO NÚMERO UM

Quando uma companhia teatral quer se instalar no Fênix, uma das poucas casas de espetáculos que possuímos, tem que se sujeitar a exigências descabidas. O

concessionário do teatro leva sempre a maior parte da renda líquida, não participando das despesas obrigatórias da companhia, tais como ordenados, publicidade, etc. Para o dono do teatro vai o dinheiro certo que entra todas as noites na bilheteria. Para os artistas resta o duvidoso, o lucro que só aparecerá se a casa encher, se houver enchentes diárias, coisa incomum em nossos espetáculos. O contrato que o sr. Vital Ramos de Castro fez com o empresário Sandro estabelecia que o primeiro teria uma participação de trinta e cinco por cento numa renda de cinquenta mil cruzeiros mensais, estipulada como o mínimo. Ou seja: o sr. Vital receberia todos os meses, a



Da esquerda para a direita: Maria Della Costa, Sady Cabral e Itália Fausta, três "maquis" da resistência do Fênix, a maior batalha travada entre artistas, sem dinheiro, chelos ideal, contra os donos de teatro, sem ideal, chelos de dinheiro.



Depois de três dias e três noites, trabalhando, comendo e dormindo no Teatro Fênix, Maria Della Costa e Sandro Polônio apanham a escassa roupa de cama e vão descansar em casa. Maria Della Costa ficou com a saúde seriamente abalada depois daquelas três noites mal dormidas.

titulo de artista, a importância de estenta mil cruzéis (35% sobre duzentos mil cruzéis). Embolsando esta quantia, o proprietário do Fênix fez um lucro fabuloso, pelo aluguel que paga a Prefeitura 6 de seis mil cruzéis mensais. Com o aluguel cobrado a companhia de Sandro e sr. Vital recebeu em 14 de maio, tanto quanto de paga a Prefeitura pelo atendimento anual daquele teatro. Depois do primeiro mês, quando a renda da bilheteria arrefeceu ligeiramente a lenda surgiu que a paga fosse substituída. Não lhe interessavam os naturais desequilíbrios de renda que acontecem a uma companhia durante a temporada. Ou a paga rendia cinquenta mil cruzéis mensais, ou teria que sair de cartaz. Foi por essas exigências e intransigências que a Casa dos Artistas qualificou o capitalista do Fênix como sendo o "inimigo nº 1" do teatro brasileiro.

FLORIANO FAISSAL DÁ AS ORDENS DE RESISTÊNCIA

Quando da representação de "Anjo Negro", os artistas depositaram nas mãos do sr. Vital Ramos de Castro, em pouco mais de um mês, a respeitável quantia de cento e nove mil cruzéis. Veio a tal semana em que a receita não atingiu cinquenta mil cruzéis e, apesar daquele lucro considerável, o empresário Vital, com um telefonema, intimou a companhia, obrigando-a a retirar a peça do cartaz. Entrou a peça "Estrada do Tabaco", preparada à pressa, sem publicidade à altura do acontecimento, mesmo porque com "Anjo Negro" ganhara o concessionário, mas não o empresário Sandro Polônio. Este estava cheio de dívidas: devia aos artistas e devia à imprensa grandes contas de publicidade. Empatara em "Estrada do Tabaco" suas últimas reservas. A renda não subiu logo, astronômicamente, e o sr. Vital Ramos de Castro viu que ia ficar novamente sem o seu quinhão nos cinquenta mil cruzéis. Ordens de abandonar o teatro foram dadas aos artistas. Que parassem com o espetáculo. Nem mais um dia poderiam ficar... E a Companhia? Dissolvam-na! Itália Fausta, Maria Della Costa, Sadi Cabral, José Guerreiro, Nieta Junqueira e os outros que fossem tratar de outra vida! Com o bolso quente e o coração frio, o concessionário não via os sacrifícios dos artistas. Esta ordem foi dada na noite de 7 de junho. Itália Fausta, em cena aberta, contou o caso ao público. Muitos não acreditaram, julgando que fosse um ardil de publicidade. Então um proprietário poderia jogar na rua uma companhia, assim sem mais nem menos, com um aviso de 24 horas? Mas o inacreditável era verdade. No fim do espetáculo já meia cidade sabia do ocorrido. Artistas de outras companhias, terminadas as sessões, foram hipotecar solidariedade aos colegas. Deputados e jornalistas compareceram. Floriano Faissal, diligente diretor da Casa dos Artistas, foi ver o que havia. Diante da expulsão à força que se planejava, alguém teve uma inspiração dramática.

— Se vocês abandonarem o teatro, talvez não consigam entrar amanhã. Neste caso, é melhor ninguém sair. Vocês dormirão e morarão aqui até que possamos resolver outra coisa.

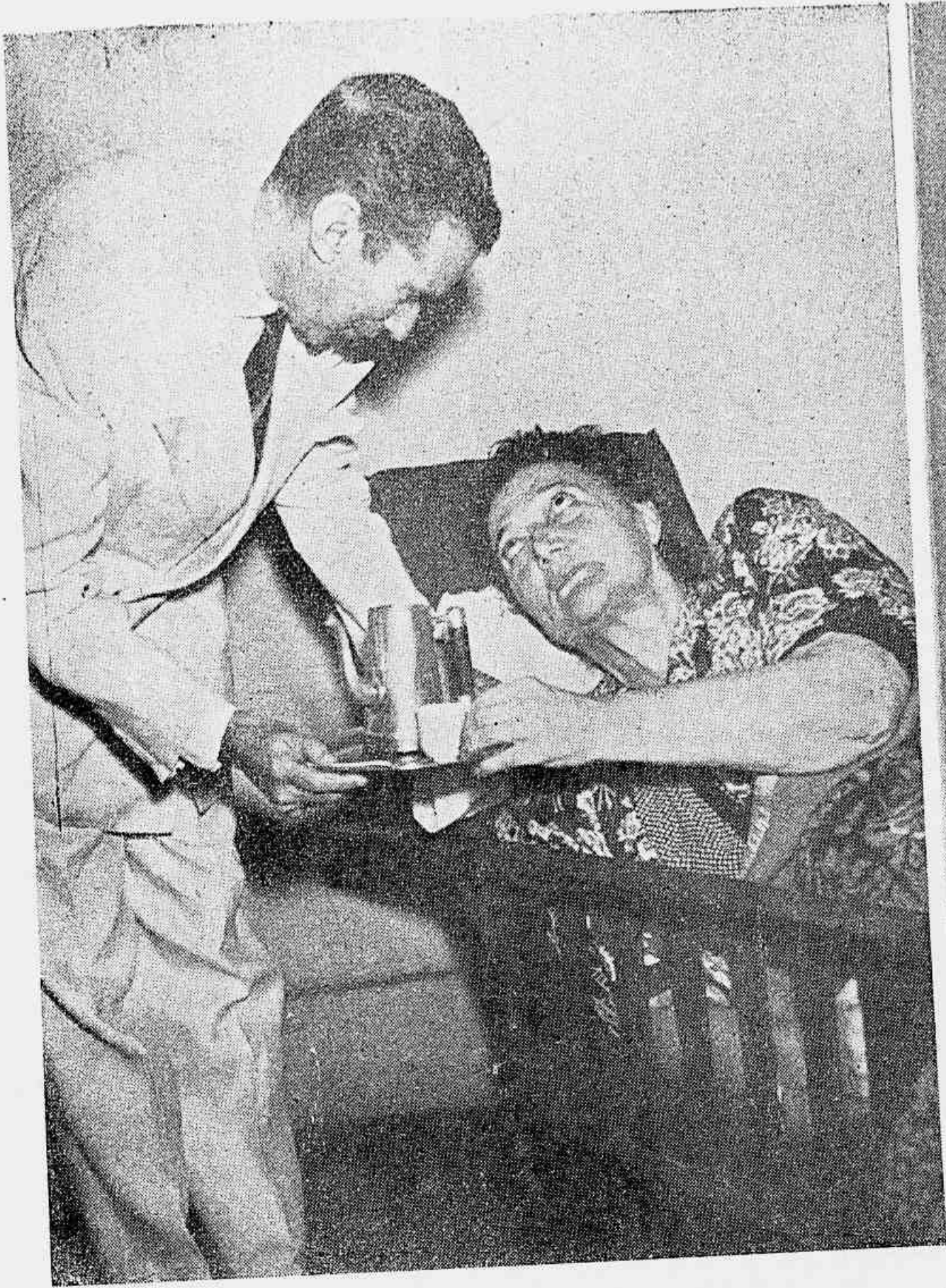
E os artistas obedeceram. Não havia travesseiros, nem colchões, nem agasalhos para aquela noite fria de junho. Não importava. Havia o teatro, que não podiam perder...

A LUTA

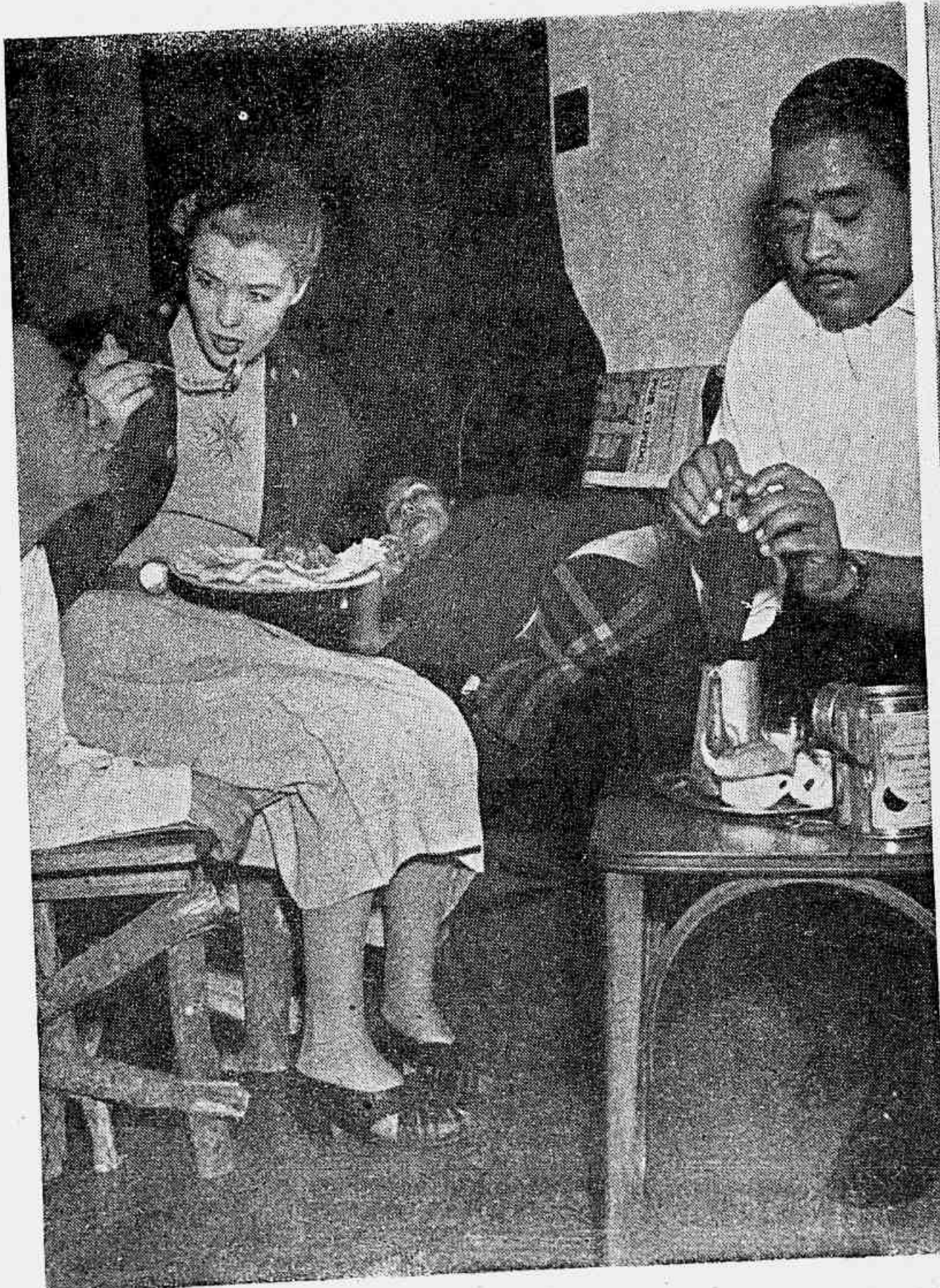
Durante três dias e três noites uma dezena de artistas, eletricitistas, diretores e auxiliares dormiram e viveram como puderam nos camarins frios, nos corredores gelados. Itália Fausta, sexagenária, não abandonou sua trincheira. Depois de três horas de espetáculo, fazia por descansar numa estreita cadeira de lona. Durante o dia todos lutavam pela vitória na Justiça. A Casa dos Artistas tomou o patrocínio da causa, fazendo desta uma reivindicação do teatro brasileiro. Os jornais abriam diariamente colunas na primeira página, contando o drama dos sitiados. Floriano Faissal enviou telegramas, em nome da Casa dos Artistas, a todos os líderes do Congresso e também ao presidente da República. O advogado Clovis Ramallete, patrono da Casa dos Artistas, iniciou no fóro uma ação pleiteando manutenção de posse do imóvel pela Companhia. Cartazes dramáticos foram passados pela Cinelândia e avenida Rio Branco, procurando explicar ao povo o que os artistas desejavam. E à noite ainda encontravam forças para representar. Foi então que o sr. Vital Ramos de Castro, vendo a tempera dos adversários, mandou trancar a bilheteria e as portas do Fênix. Nessa noite houve a cena mais patética do teatro nacional. O elenco resolveu não interromper os espetáculos e abriu ao público a porta da "caixa" para que este pudesse entrar para a platéia. Não cobraram ingressos. Era uma resposta de artistas, sem dinheiro, cheios de dívidas, aos capitalistas que não sabem ganhar um pouco menos em suas transações. Mais de mil pessoas lotaram o Fênix. Houve momentos de entusiasmo coletivo! O gesto dos atores foi compreendido e ovacionado pelo público. Público que fazia questão de pagar, de ajudar a causa dos lutadores, com importâncias que muitas vezes ultrapassavam o valor do ingresso. Mas nada foi aceito em dinheiro. Quando o pano se abriu para o primeiro ato, durante cinco minutos — contados no relógio — as palmas estrugiram. Sadi Cabral revelou-nos que nunca ficara tão emocionado em sua vida. Quase não pôde falar. Atrás dos bastidores, os artistas tinham os olhos cheios de lágrimas. Será que a Justiça compreenderia o seu estorço, a sua abnegação?...

A VITÓRIA

No dia seguinte, 9 de junho, ganharam a primeira batalha. O juiz Augusto Moura, da 5ª Vara Cível, veio pessoalmente autorizar a abertura das portas do Fênix. O advogado Clovis Ramallete conseguira a manutenção



Em cima, à esquerda: a abnegada Italia Fausta, na sua cadeira de lona que lhe serviu de cama durante três noites, recebe um cafêzinho de Chianca de Garcia, que madrugava no teatro todas as manhãs, levando aos "maquis" o seu conforto moral. À direita: Maria Della Costa surpreendida quando fazia a sua higiene matinal. Em baixo, à esquerda: na hora do café os bolos trazidos pelos rapazes do Teatro Universitário são fraternalmente divididos; o "ponto" dos ensaios, "Aimoré", termina o cafêzinho. À direita: No quarto dos rapazes: diretores e artistas levantam-se cheios de sono e de esperanças.





A esquerda: "Estrélas" e coristas da companhia de Chianca de Garcia levam o seu abraço fraternal às suas colegas do teatro dramático. "Um por todos e todos por um" foi o lema adotado nessa batalha. A direita: Florian Faissal, o dinâmico diretor da Casa dos Artistas, comunica à Itália Fausta que vai exigir o fechamento do Teatro República, lançando negativamente como cinema.

de posse. Júbilo indescritível dentro do teatro. Todos se abraçavam e se beijavam de contentamento. "Corbelles" chegavam com os parabéns pela vitória. Nesta mesma noite deram o primeiro espetáculo com a bilheteria reaberta. Depois de meia-noite cada um se dirigiu à sua casa, sobraçando travesseiros e cobertores de emergência. Iam dormir tranquilos, depois de três dias de penitência. As consequências dessas noites mal dormidas eram visíveis. Dona Itália Fausta apanhara um resfriado; Sadi Cabral emagrecera quase dois quilos, e Maria Della Costa achava que estava mais pálida do que nunca. Mas ninguém reclamava. "A Justiça do Brasil ficou ao lado dos artistas", dizia um cartaz pregado à pressa na fachada. Os cartazes que anunciavam no mesmo teatro o pianista Peter Kreuder, mandados colocar pelo sr. Vital Ramos de Castro, foram cobertos pelos novos cartazes de "Tobacco Road".

— Esta noite quem não vai dormir deve ser o concessionário — disse-nos Sandro Polônio, enquanto arrumava sua roupa de cama.

FEITIÇO CONTRA O FEITICEIRO

Toda essa luta contra o empresário do Fênix não teria

passado de mais um episódio na batalha inglória que as companhias teatrais têm mantido contra a exploração dos teatros, se não fora a firme determinação do presidente da Casa dos Artistas de fazer desse incidente o início de um combate sem tréguas contra a ganância dos proprietários. E Florian Faissal descobriu coisas interessantíssimas a respeito do sr. Vital Ramos de Castro, como, por exemplo, o caso do Teatro República, à rua Gomes Freire. Segundo ofício da Casa dos Artistas, endereçado ao dr. Melo Barreto Filho, diretor da Censura Teatral, o proprietário acima infringiu o artigo segundo do decreto-lei nº 7.959. Nesse parágrafo o decreto dispõe que "os atuais edifícios ocupados por teatros, bem como os que foram ou venham a ser construídos com essa finalidade, não poderão ser utilizados como cinemas ou destinados a qualquer outro fim, sem expressa autorização, em processo próprio, do prefeito do Distrito Federal". O República foi construído para teatro e está sendo ocupado para exibição de filmes, sem autorização expressa da Prefeitura, segundo acredita a Casa dos Artistas. E quando o proprietário cede-o para representações teatrais, exige aluguel tão grande que leva as companhias à falência. Todos se lembram do caso havido há uns dois anos com

a "Babel", companhia de revistas encabeçada por Mesquita, que não aguentou com as despesas de aluguel e foi à falência em quinze dias. O ofício da Casa dos Artistas acusa ainda o sr. Vital Ramos de Castro de estar cobrando pelo aluguel do Fênix muito mais do que é permitido por lei (parágrafo 2º art. 1º, dec. 7.959).

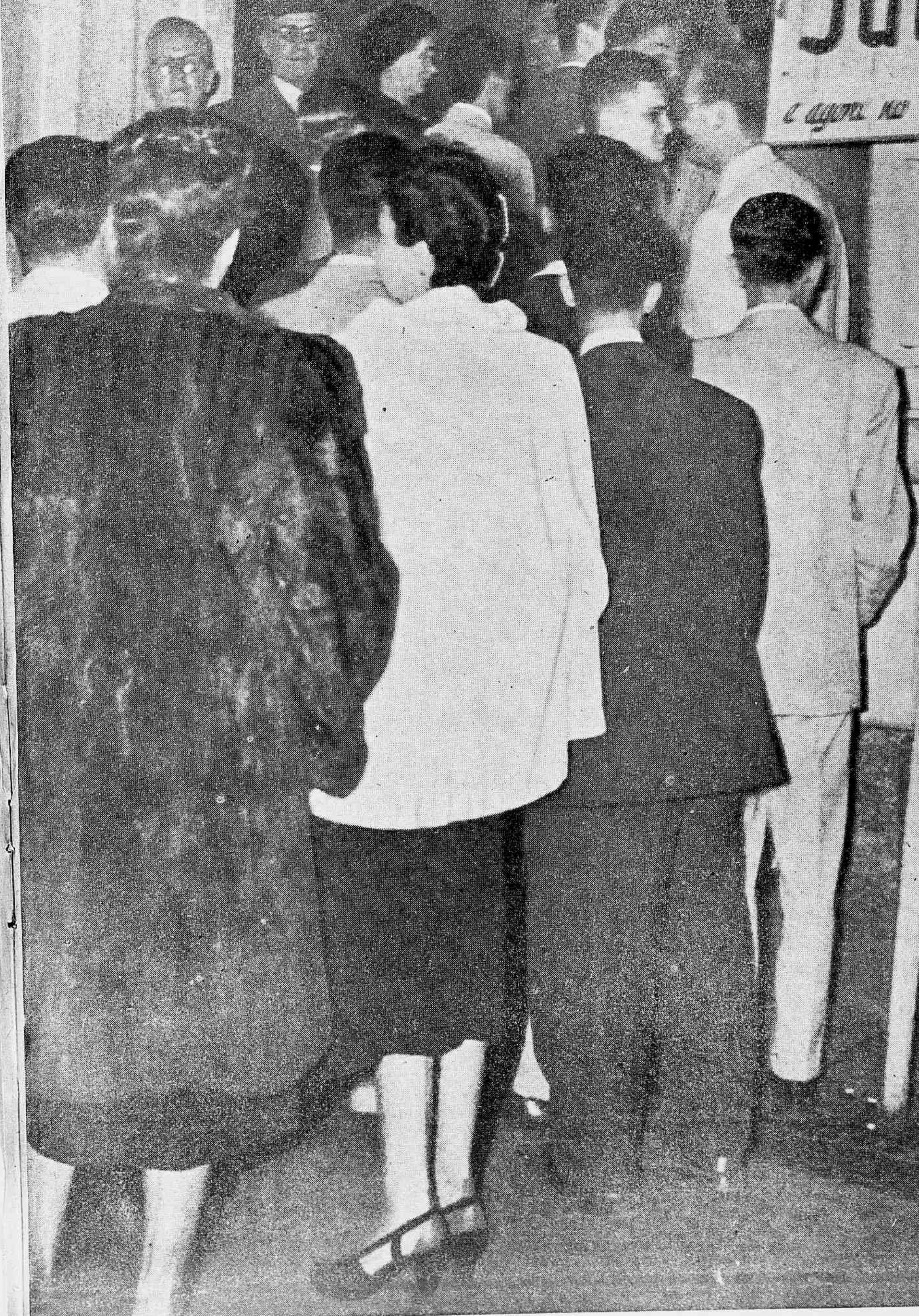
Como se vê, com a tentativa de despejo da companhia de Sandro, o concessionário Vital Ramos de Castro poderá acabar perdendo os dois teatros. O Fênix deveria ser alugado diretamente às companhias teatrais, sem dois ou três intermediários, que majoram escandalosamente o aluguel. Isto é o que pleiteia o sindicato de classe dos artistas do Rio. E é bem possível que consiga o que pretende. Eles confiam na Justiça e essa já mostrou que não se curva diante dos magnatas. Enquanto isso, a Comissão Central de Preços estuda os abusos que ocorrem em matéria de aluguel de teatros, a Câmara dos Deputados organiza uma comissão que vai estudar o assunto, e a Câmara de Vereadores também se interessa pelo problema. Parece que a classe teatral teve motivos de sobra para se solidarizar com os "maquis" do Fênix: ali começou alguma coisa em benefício de uma coletividade abandonada e indefesa.



A esquerda: Aspecto da noite em que o Fênix teve suas portas principais fechadas pelo proprietário que tentou impedir a realização do espetáculo. Os artistas abriram a porta da "caixa" ao público e a peça subiu à cena. Um a um, os espectadores deixaram o seu voto de apoio aos artistas. Na foto, o rádio-ator Geraldo Avelar declarando sua adesão. A direita: Florian Faissal, entusiasmado, repete: — "Vital Ramos de Castro é o inimigo nº 1 do teatro nacional. Na página à direita: a primeira noite de recita, após a abertura judicial das portas do Fênix.

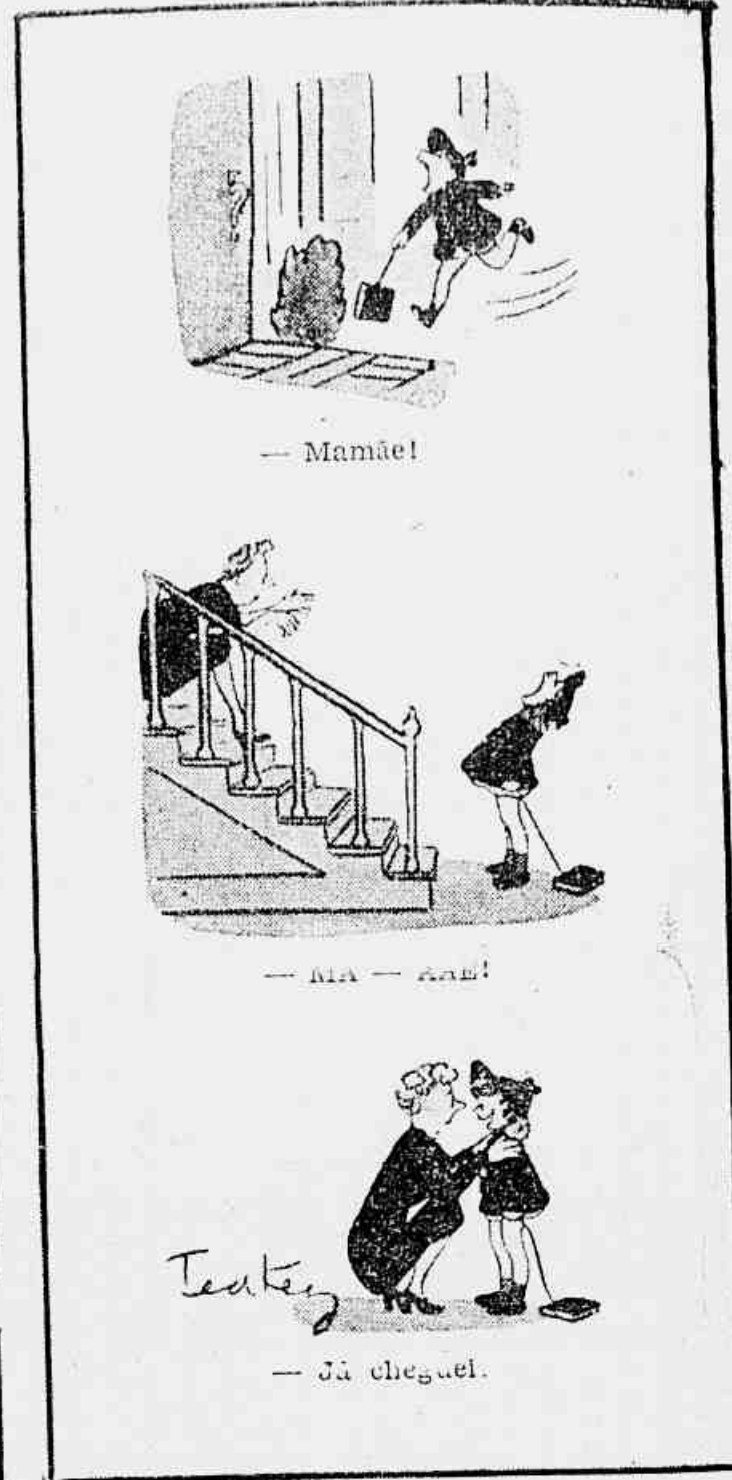
REABERTO
pelo PODER
JUDICIAL

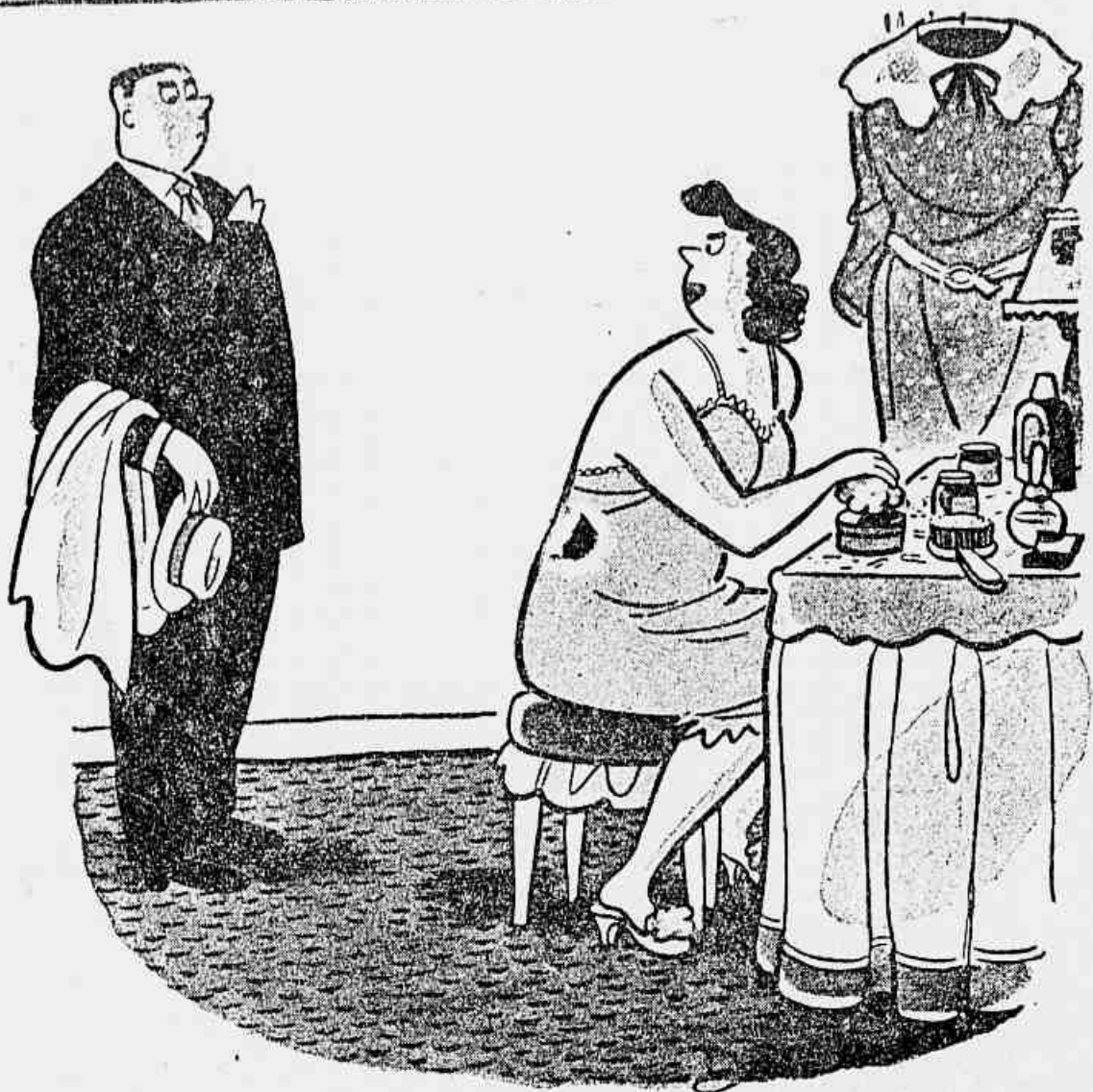
C. ALVES 143 **FENIX**



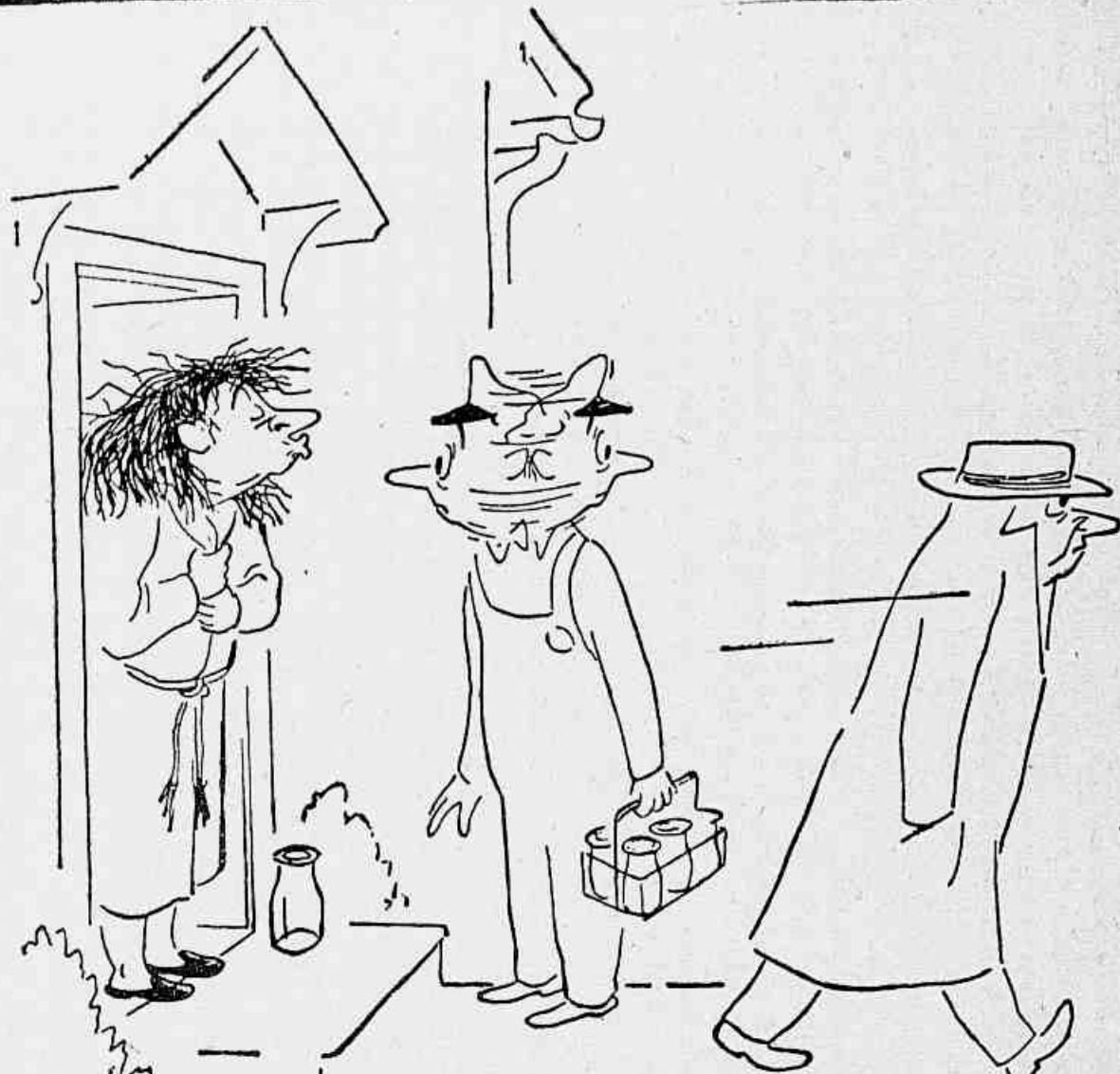


BOM HUMOR





— Eu já estou pronta, meu filho... Só falta eu me vestir...



SYVERSON



LUNDBERG

— Sabe de uma coisa? Pensando bem, acho que você fica melhor barbado...



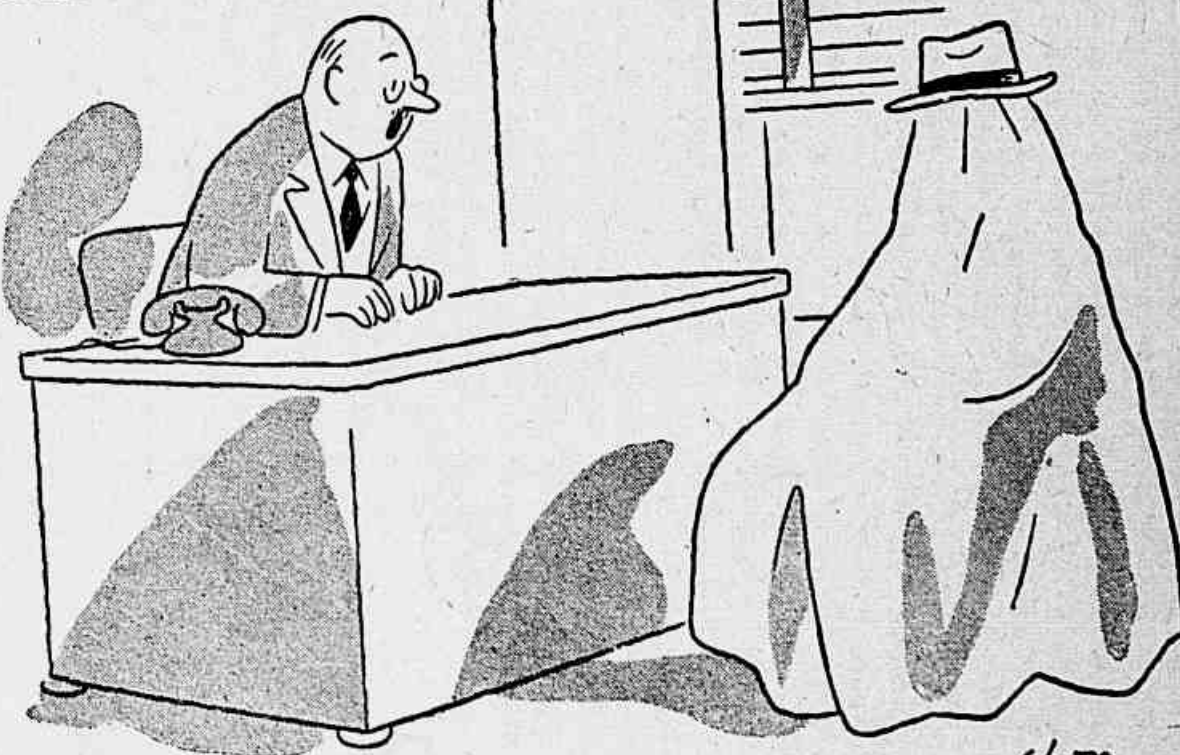
US COZIN

— Querida, que bolo delicioso! Foi você mesma quem comprou?



COZIN

PSICANALISTA



Chon
nary

— Primeiro que tudo, doutor, deixe-me vencer meu complexo de inferioridade...

MÚSICA

SAMSON E SANSÃO ★ SAINT-SAENS E OS EVANGELHOS ★ TEMPERAMENTO, TALENTO E DISCIPLINA ★ NOVAMENTE TCHAIKOWSKY ★ A CSB EM ATIVIDADE

De ROBERTO LYRA FILHO (Especial para REVISTA DA SEMANA)

NÃO sei se quando foi batizado, o jovem pianista francês Samson François já ostentava a copada cabeleira que agora se derrama pelo seu crânio. De qualquer forma, o nome se ajusta à pessoa: Samson, isto é, Sansão. Sua força, porém, não está, como no caso do personagem bíblico, nos cabelos, mas nos pulsos, nas mãos e nos dedos.

Saint-Saens, falando sobre um pianista de notório temperamento religioso, assinalava que o artista levava a tal ponto seu respeito aos Evangelhos que nunca deixava que a mão esquerda subisse o que a direita fazia... No caso de Samson François creio que, sem malícia, poderíamos ir mais longe e afirmar que nem sempre a cabeça toma conhecimento das travessuras das mãos, no teclado, e dos pés, no pedal.

TEMPERAMENTO, TALENTO E DISCIPLINA

As interpretações de Samson François orientam-se pelo instinto. O talento inegável do artista francês lhe permite impor seu temperamento, comunicar um pouco do seu entusiasmo e do seu arrebatamento ao público. Mas uma análise serena da sua técnica revela que, na manifestação desse temperamento, ele nem sempre respeita a obra executada, nem sempre sabe domar a sua inquietação em face das construções musicais, e segue, sem método, vencendo mais pela impressão de vitalidade e dinamismo, que transmite, do que, realmente, pela interpretação escrupulosa das peças escolhidas. Sem dar a necessária atenção ao pensamento musical do compositor, aprisionado na pauta, François omite e acrescenta, caprichosamente com a simpática audácia de um moço de talento um tanto impaciente. Não lhe discutimos a sensibilidade ou a vibração, — que possui, — mas preferiríamos vê-las dominadas por uma disciplina que as enquadrasse dentro da função do intérprete que extrai da forma estática, fixada no papel, o que a fantasia do compositor ali inscreveu.

UNINSKY E A O.S.B.

Muito diferente de Samson François, Uninsky caracteriza-se, justamente, pelo comedimento. Não queremos dizer com isso que ele seja incapaz de um sentimento mais comunicativo, que lhe falte calor e sensibilidade. Não obstante, nota-se em Uninsky a serenidade que falta ao trepidante François. Se, por um lado, o brilho estonteante de François está ausente nas interpretações de Uninsky, este leva vantagem sobretudo na compreensão dos estilos, na "nuance", na técnica repousada mas segura.

Pode-se afirmar que o concerto de Tchaikowsky constitui dura prova para um artista. Na verdade, tão difundida, sobretudo entre nós, é essa página, tão explorada está que somente um intérprete de alta qualidade consegue, ainda, comunicar-lhe maior relêvo. Não pretendemos discutir, neste passo, o mérito do concerto, que já se impôs, pelo menos, como uma construção competente, sob o ponto de vista formal, atraente e agradável, ainda que um tanto superficial. Mas na verdade esse concerto não é dotado da qualidade que determinam a

cada audição, um renovado interesse, como outras obras mais ricas e mais originais.

Entretanto, vencendo essas condições, Uninsky conseguiu estrondosa ovação, depois de oferecer ao público constituído de sócios da Associação Brasileira de Concertos uma versão excelente dessa obra de Tchaikowsky. Já tínhamos tido ocasião de assinalar a delicadeza do seu "toucher", de tão belo efeito na interpretação de certas obras modernas. Com satisfação registramos, agora, que não lhe falta, também, a impetuosidade necessária para dar o tratamento correto à página romântica do compositor russo.

Completando o programa desse concerto com Uninsky, a O.S.B. apresentou em Festival Esloveno, a ouverture da "Noiva vendida", de Smetana, uma sinfonia de Borodin, e o "Pássaro de fogo", de Stravinsky.

O FUTURO DA O.S.B.

Devolvida às suas atividades artísticas, depois de debelada a crise interna, a O.S.B. está numa fase de grande atividade. Reaparecendo num concerto dedicado aos sócios, logo depois vinha participar de um programa da Cultura Artística, quando Charles Lillamant interpretou magistralmente o concerto de Ravel, concerto de tremendas dificuldades técnicas, pois foi composto para a mão esquerda do solista, e é, ainda, tremendamente fatigante.

Já agora com a A.B.C., a O.S.B., sempre regida por Szenkar, cooperou eficientemente para o sucesso da vespéral sinfônica.

Pelo visto, a O.S.B. está disposta a recuperar o tempo perdido. Esperemos que, dentro em breve, ela esteja em condições de reencetar o intercâmbio de regentes, que em temporadas passadas nos trouxe Erich Kleiber, Charles Munch e tantos outros.



FESTA BRAVA

(Cont. da pág. 18)

Maria ia ter notícia da chegada dos visitantes ao pátio da fazenda, aonde foram contar ao acoburnhado Don Antônio que o povo de Tabasco carregara seu filho em triunfo. Nunca se vira toureiro tão moço com tanta bravura!

Para Don Antônio, não podiam trazer notícia mais alvareira. Ele bateu à porta do quarto da esposa, para dar-lhe as novas: — Mamacita! Mário recuperou a honra perdida! Dizem que assinou um contrato para exhibir-se de novo em Puebla, na próxima semana, e eu não estive envolvido em coisa alguma! — Era de novo o homem entusiasmado de outrora.

A mãe de Mário, porém, não se mostrou tão confiante. — Não creio que Mário volte para casa, Antônio. — Vamos, querida, sorria! — Já se sentia disposto a gracejar com ela, uma vez que o seu mundo se realizara. — Devemos recebê-lo com todas as honras... convidaremos todos os amigos dele... será uma verdadeira festa.

Mas no hotelzinho de Puebla, onde Maria — que se supunha estar na cidade do México, — aguardava a sua segunda tourada, como se fôss o irmão, o entusiasmo não era o mesmo. O triunfo alcançado em Tabasco nada significava para ela, porque não lograra atrair seu adorado irmão do exílio que a si mesmo impusera. E desta vez, o resultado seria o mesmo?

Maior ainda era o seu acoburnhamento, porque soubera que o Señor Contreras também tentara, a seu modo, descobrir o desaparecido.

Ao concluir um dos programas radiofônicos da sua orquestra sinfônica, programa que por nada Mário seria capaz de perder, não importa onde se tivesse ocultado, o maestro interpretara uma das composições do próprio Mário, apresentando-a ao país em termos que não deixavam a menor dúvida de que o grande maestro continuava desejoso de ter o jovem compositor como seu discípulo. S. Contreras, o idolo de Mário, não o conseguira fazer voltar, quem o conseguiria?

★

Quando chegou o dia da segunda tourada, tão anunciada, graças ao triunfo alcançado em Tabasco, de que Mário não podia ter deixado de ouvir comentários, Maria sentiu que o medo a espolpava.

— Não compreendo! — dizia a todo instante a Chato, que, nervoso também, andava para lá e para cá, como uma fera enjaulada. — Há duas semanas que todos os jornais publicam o nome dele. Ele não pode deixar de ter visto!

— Ele virá, ele virá. Por favor, Maria. Deite-se. Descanse.

O telefone tocou, e ela atirou-se a ele já com o nome de Mário nos lábios. Mas a voz paciente que ouviu foi a de Pepe, que lhe falava da portaria do hotel. Pobre Pepe. Sofrera tanto, durante aquelas semanas de farça, da qual ele não fazia ainda a menor idéia!

— Você não pode vir aqui agora! — gritou-lhe Maria, falando precipitadamente. Se Pepe descobrisse o embuste, haveria de desmascará-la no mesmo instante para o bem dela mesma. — Mário... não está passando muito bem. Está muito nervoso. Espere, Pepe, que eu irei vê-lo daqui a pouco.

Chato estava frenético. Faltava três horas para a tourada, e ela em vez de descansar se fatigava daquela maneira. Nunca se vira tamanha insensatez: era uma loucura! Se, porém, ele pudesse imaginar o que ia acontecer pouco depois, no saguão do hotel, o pobre homem morreria de raiva. Porque a tão esperada nomeação de Pepe para o Instituto de Pesquisas de Nova York viera afinal. No bolso, Pepe trazia, com satisfação, telegramas, documentos e passagens de avião. No dia seguinte às seis horas da manhã ele e a esposa partiriam para os Estados Unidos da América.

Quando o noivo lhe revelou os planos, Maria encanou-se horrorizada. — Pepe! Não é possível! — Mas era preciso apresentar razões admissíveis. — Nós nem sequer nos casamos ainda!

— E' por isso que aqui estou, — respondeu Pepe, com impaciência. Tudo está arranjado. Vamos, Maria.

— Pepe, querido, eu sei que prometi. Mas... Mário...

Pepe continuava olhando tranquilamente para ela. — Eu sabia que isso ia acontecer, Maria. Todos os planos que traçamos para a nossa vida foram trocados pelo prazer de assistir a uma tourada de que seu irmão participa.

Os olhos dela exprimiam a sua angústia. — Você diz que tudo está arranjado? — E diante do gesto de confirmação de Pepe. — Está bem. Mas há ainda uma coisa. Você terá de trazer-me de volta aqui às três horas.

— Já sei, — respondeu Pepe, com enfado. — Você não pode deixar de ver Mário. De quem será a lua de mel? — Mas, dizendo isso, acompanhava-a em direção a porta. Amava-a muito.

Que núpcias! Ela imaginava sempre casar-se na capela da fazenda. Havia muito tempo que sonhava com a maior festa jamais realizada na fazenda Morales; a festa do seu casamento.

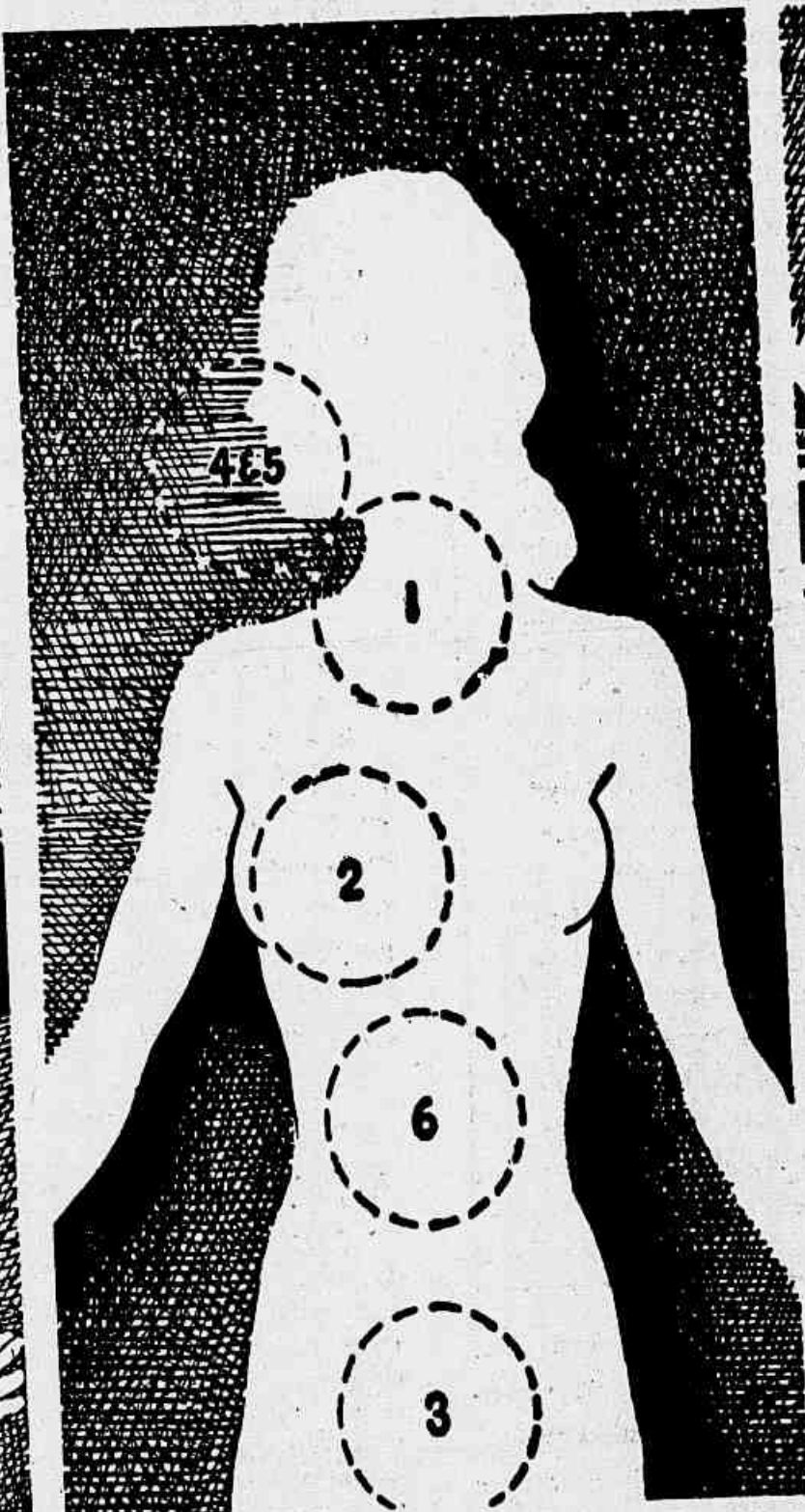
No entanto, ali estava ela, na sala acanhada de uma pretoria, pronunciando as palavras que faziam dela a

(Cont. na pág. 49)

Notícias animadoras sôbre câncer



Mamãe deixando o hospital, inteiramente restabelecida!



Milhares de pessoas anualmente não morreriam se denunciassem, em tempo, estes sinais.



Se o seu caso é de câncer em começo, seu médico pode salvar-lhe a vida.

A CIÊNCIA GANHA TERRENO CONTRA O CÂNCER!

Cientistas do mundo inteiro estão enfrentando o problema! Fazem experiências com hormônios, por exemplo, e com substâncias novas, rádio-ativas e químicas, na esperança de um novo tratamento. E de grande importância é saber o público que o câncer pode ser dominado quando descoberto logo no início e convenientemente tratado. Felizmente, o câncer em geral dá certos sinais de alarme!

CONHEÇA OS 6 SINTOMAS DO CÂNCER!

Se notar algum destes sintomas — procure o seu médico!

1. Rouquidão ou tosse — sem estar resfriado.
2. Qualquer nódulo persistente — embora sem dor.
3. Hemorragia irregular oriunda de orifícios naturais do corpo.
4. Qualquer ferida que se prolongue por mais de um mês, especialmente na boca, na língua ou nos lábios.
5. Mudança de coloração, de consistência, ou súbito crescimento em manchas, verrugas ou cicatrizes — particularmente em cicatriz de queimadura.
6. Perda de apetite; distúrbios persistentes em hábitos normais de eliminação; indigestão prolongada.

O CÂNCER INCIPIENTE EM GERAL PODE SER CONTROLADO!

Hoje, se diagnosticado no início, o câncer é controlável. E a presença de qualquer desses sinais não quer dizer que o sr. tenha precisamente câncer. Em 100 mulheres que procuraram uma grande clínica para exame, 98 não apresentavam câncer. Não tenha medo de consultar. Lembre-se de que o perigo maior está na demora. Não negligencie. Se tiver qualquer dúvida, consulte o seu médico imediatamente!

Você verá o nome SQUIBB nas prateleiras de sua farmácia. Nas receitas de seu médico também. Porque SQUIBB é um dos maiores fabricantes do mundo de penicilina, estreptomicina, vitaminas, anestésicos, hormônios e outros medicamentos receitados pelo seu médico para restabelecer ou assegurar sua saúde. Desde 1858 os Laboratórios de Pesquisas de Squibb têm descoberto, aperfeiçoado e produzido medicamentos para melhorar o padrão de saúde e aliviar o sofrimento humano em todo o mundo.



SQUIBB

PRODUTOS FARMACÊUTICOS

CINE REVISTA

O MILAGRE DE HANS RICHTER

Um alemão que vive nos Estados Unidos, Hans Richter, acaba de realizar uma façanha que vem de ser qualificada de miraculosa pela imprensa de Nova York. Conseguiu ele realizar um filme musical de longa metragem, em cores, com cenários, partitura e cooperação de artistas como Man Ray, Alexander Calder, Fernand Léger, Marcel Duchamp, Paul Bowles, John Cage, David Diamond, Paris Milhous, John Latouche, Libby Holman e Josh White, com a quantia de 25.000 dólares apenas. Isso assombrou os produtores de Hollywood e assembraria até mesmo os do Brasil, pois os nossos mais modestos filmes em branco e preto, custam hoje, pelo menos, o dobro dessa quantia. Vinte e cinco mil dólares são, apenas, meio milhão de cruzeiros e duvidamos que alguém, com isso, possa produzir um filme na Atlântida, na Cinédia ou na Brasil Vita Filmes.

O caso tem uma explicação. Hans Richter, homem de pouco dinheiro, mas de muito talento, não quis ficar sozinho na sua iniciativa. Em vez de ter o monopólio da película, pagando sabido aos seus colaboradores, preferiu associá-los, aos lucros que viesse a ter. Personalidades famosas no mundo da música e das artes plásticas, a colaboração desses artistas foi avaliada, pelos pécitos de Hollywood, em alguns milhões de dólares. O filme produzido com a utilização de uma sala de 55 pés por 15 pés, sendo o trabalho executado apenas durante a noite e nos fins de semana, quando os artistas que participavam da película não tinham compromissos que os impedissem de nela atuar. Os sacrifícios do realizador do filme foram enormes e para que se tenha uma idéia desses sacrifícios basta dizer-se que ele levou três anos a fio para completar a película. E isso porque, na situação em que se achava, não podia deixar seu emprego de professor de técnica cinematográfica, no City College, em Nova York. O filme, que se chama "Dreams that money can buy" (Sonhos que o dinheiro pode comprar), recebeu uma ajuda de 6.000 dólares de Peggy Guggenheim, uma animadora das belas artes. O salão que ele usou como estúdio, no 55, East 21st Street, tinha sido utilizado, antes, para a feitura de desenhos animados. Com ele colaboraram Arnold Eagle, como fotógrafo, e Miriam Raeburn, como assistente de diretor. O filme é vanguardista, jogando com emoções, com a estética, com o subconsciente, em terreno puramente abstrato e criando uma nova gramática, em "preview", no Fifth Avenue Playhouse, e o Festival Cinematográfico de Veneza deu-lhe um dos seus prêmios, como "uma contribuição original para o progresso da cinematografia". — MICKEY



Claire Trevor, que aqui aparece lendo ou, melhor, fingindo ler a REVISTA DA SEMANA, está no elenco de "Key Largo", ao lado de Humphrey Bogart, Edward G. Robinson e Lionel Barrymore.

VOCÊ SABIA QUE...

... o filme francês "Antoine e Antoinette", de Jacques Becker, com Roger Pigault e Claire Maffei, está fazendo expressivo sucesso em Nova York, depois de haver tirado o prêmio do Festival de Cannes, em 1947?

... que duas empresas cinematográficas brasileiras e duas outras argentinas estão empenhadas em adquirir os direitos cinematográficos da peça brasileira "Carlota Joaquina"?

... que o ator Nelson Vaz, que faz um papel de sacerdote católico no filme nacional "Estrêla da Manhã", ao ser visto de batina nas ruas da cidade fluminense de Parati foi convidado para celebrar um casamento e dois batizados?

... que "Winter meeting", o novo filme de Bette Davis, com Janis Paige e James Davis, foi lançado em abril no Warner Theatre, mas talvez só seja visto no Brasil em 1949?

... que Ann Sothern deixou de ser temporariamente a eterna Maisie das comédias da Metro para filmar "April Showers", na Warner Brothers, com Jack Carson?

... que Fernando de Barros foi para o Rio Grande escolher

exteriores para o filme "Caminhos do Sul" e que Edmo Bernoudy foi para a Bahia escolher exteriores para "Terras do sem fim"?

... que James Stewart está em Nova York, no 48th Street Theatre, matando as saudades do palco como protagonista da peça teatral "Harvey", de autoria de Mary Chase?

... que os exibidores do interior do Brasil acendem velas para que a Metro rescinda o contrato de Mickey Rooney, considerado por eles um "veneno de bilheteria"?



O "reverendo" Nelson Vaz foi convidado para celebrar casamentos e batizados em Parati. Ele é o padre de "Estrêla da Manhã" e vai do hotel à praia de batina...

O ÊXITO DE "VIVER EM PAZ"

Esse filme italiano, sem "glamur", sem tecnicolor, sem nenhuma espécie de engodo para os olhos e sem o clássico "happy end" à maneira americana, esse filme que apela somente para a inteligência e para a humanidade dos espectadores, está alcançando no Rio um sucesso sem precedentes. Um sucesso,

A VELHA GUARDA ESTÁ FICANDO RAREFEITA

A velha guarda do cinema — os antigos diretores que vêm dos tempos do silêncio — está ficando rarefeita. O outro dia morrem um deles. — Ernst Lubitsch. Era um dos maiores. Realizava coisas formidáveis, desde os tempos de Pola Negri. Quem não se lembra de "O tenente sedutor" e "Ladrão de alcova"? Agora, desapareceu outro: Jacques Feyder, o realizador de "Kermesse" Heróica". Seu último filme, com Françoise Rosay, não era grande coisa, "Une femme a dieu". Mas era, apesar disso, outro grande valor. Na semana passada, morrem nada mais nada menos que Louis Lumière, um dos dois irmãos que inventaram o cinema. Tinha oitenta e quatro anos de idade. Foi um pioneiro. Dame May Whitty, aquela velhinha inglesa, que aparecia nos filmes de Hollywood, está também com os anos. Lá se foi, com mais de oitenta. Há outros que se foram em vida — sem terem morrido — como David Wark Griffith, o velho Griffith de "O lirio partido", que está em estado de completa senilidade, e como Alexander Korda, que agora não dá mais nada e vai chamar Julien Duvivier ou outro qualquer para dirigir seus filmes.

Dêstes a gente tem muito mais pena...

allás, que nos orgulhamos de registrar, porque é desses que recomendam a nossa platéia, mostrando que ela tem sensibilidade e bom gosto.

Que contraste formidável entre esse filme simples, despojado, realista, mas bem dirigido e bem interpretado, com o incrível "Capitão de Castela", que Hollywood acaba de nos mandar! Filmes como "Viver em paz" apontam um caminho novo: o da simplicidade, o do combate ao artifício. E, no gênero dramático, aquilo que "A mulher do padeiro", de Marcel Pagnol, com Raimu, representou no gênero cômico.

★

CARL DREYER QUER DIRIGIR EM HOLLYWOOD

Carl Dreyer, o diretor dinamarquês, hoje com 59 anos de idade, há trinta é considerado o "menino-prodígio" do cinema europeu, — pretende dirigir, em Hollywood, um novo filme só-



Deborah Kerr é a "star" inglesa de "Colonel Blimp", um filme produzido há longo tempo e até hoje não exibido no Brasil. Por que razão demoram tanto os filmes ingleses a chegar até nós?

bre a vida de Cristo. Isto porque, declarou ele, só atores judeus poderiam representar bem uma película de tal natureza, — e não há lugar em que a comunidade israelita ofereça maior número de talentos, para uma boa seleção, do que na América do Norte. Se seus entendimentos tiverem bom resultado, Lion Teuchtwanger escreverá o "screen play". Carl Dreyer, o realizador da "Joana D'Arc" interpretada por Melle. Falconetti, está nos Estados Unidos, muito satisfeito com o êxito que seu filme "Day of Wrath", produzido na Dinamarca, está alcançando presentemente em Nova York.

MICKEY ROONEY

... acaba de se divorciar mais uma vez. Betty Jane, sua segunda esposa, considera-o insuportável e insolente. Os exibidores do interior do Brasil o consideram um "veneno de bilheteria". Gostariam que houvesse também um divórcio entre ele e a Metro.



O FILME DA SEMANA

O grande contentamento de que Maria sabia estar cheio o coração de seu pai, nesse dia feliz entre todos, parecia ter-se comunicado, como se por artes mágicas, a toda a rede de ruas que cercavam a praça de touros de Guadalajara. Era por toda parte uma profusão de cor s, que se tinha a impressão de confétis largamente espalhados por um vendaval.

Dentro da praça, a banda tocava. Música para Mário, seu irmão gêmeo. Não, porém, música do próprio Mário. Este pensamento anuviou-lhe os olhos negros.

Era ela, refletia, quem devia ser o irmão, herdeiro da glória de Antonio Morales, o maior matador de todo o México. Era ela, não Mário, quem devia ter sido educada para sucedê-lo.

Nas paredes da praça nesse dia, cartazes enormes anunciavam a estréia de Mário Morales, filho d'El Magnífico. Por isso aflua para ali aquela multidão; para saber se aquela segunda edição do seu ídolo quase legatário lhes proporcionaria as mesmas emoções de que ainda se lembravam os mais idosos, desde quando, havia vinte e poucos anos, surgira para a glória o toureiro Antonio Morales, até ser inutilizado pelo primeiro touro que logrou encostar-lhe o chifre.

O coração de Mário, porém, — como ela tão bem compreendia — não se dava à arriscada profissão para a qual o pai ansioso o treinara, a bem dizer desde o dia em que as suas mancinhas gorduchas tiveram força bastante para segurar um capote. O coração de Mário pertencia à música. Ele podia ter passado ao piano todas as horas de sua vida — exceto as que dedicava aos timidos encantos de Conchita, a filha da estalajadira — tocando e compondo, sem jamais lhe passar pela mente que no México pudesse haver uma praça de touros. Fora ela quem herdara do pai a paixão empolgante do desporto. Se o rapaz fosse ela...

Maria olhou de soslaio para Pepe Ortega, que estava sentado a seu lado, e recordou-se, com satisfação, de que tal não acontecera. Porque estava sinceramente apaixonada pelo formoso e respeitoso Pepe. Prometiera casar-se em breve com ele; prometiera, até, partir para longe dos seus, para Nova York, se assim o exigisse o emprego que estavam para arranjar-lhe num laboratório químico norte-americano. Por coisa alguma neste mundo ela renunciaria ao amor de Pepe!

— Viva Morales! — No meio da muralha de rostos, uma voz estridente dera o primeiro viva. Logo outras vozes a imitaram, excitadas: — Viva El Magnífico! Viva Morales!

Apertando fortemente a mão de Pepe, Maria voltou os olhos marejados de lágrimas para ver o pai, altivo, de cabelos grisalhos, que se aproximava em direção aos lugares vagos ao lado dos del s. Tinham-no reconhecido!

Os gritos assumiram tal intensidade que abafaram até o toque enérgico da banda. E o objeto de sua adoração atirou o chapéu à turba, no gesto autêntico do matador.

— Após tantos anos! — sussurrou Maria, a voz incerta.

Toda a praça o aclamava, quando ele por fim se deixou cair no seu lugar. E agora aclamavam também a Mário. — Viva El Chico Morales! Viva Mário!

Sim, Mário surgira à entrada e penetrara na arena. Sim, magro, esbelto e destemido, e bastou vê-lo, para

que o coração de Maria se enchesse de orgulho. Como, então, não se sentiria ela, se aquele fosse o triunfo que Mário realmente ambicionava? O momento em que a multidão o aclamasse pela sua música, e não por ser filho de quem era?

Vistoso no seu traje de luca — o presente, que o pai carinhoso lhe ofertara por ter ele atingido a maioridade — Mário veio postar-se diante deles, na arena, e saudou o velho pai. A multidão delirou, gritando, aplaudindo. Antonio Morales vivera para a glória daquele instante, desde o dia, tão distante, em que os médicos lhe disseram que ele nunca mais poderia enfiar um touro. Nesse dia outro Morales. — Mário, seu filho — iniciou sua esfuziante ascensão para a glória.

Tão unida era a família, que Maria quase podia dizer qu sentia exatamente as emoções do pai. Assim como fôra capaz de sentir o melancólico desapontamento de Mário, na véspera da festa do seu aniversário.

Causara estranheza o fato de o Senhor Contreras não haver feito o menor comentário à música de Mário. Pepe submetera-a à apreciação do grande maestro, tendo ido procurá-lo na cidade do México, onde ele regia a orquestra sinfônica. Consoante Pepe, Contreras ficara encantado, praticamente mudo de entusiasmo. Prometiera vir à fazenda Morales, para conversar com o pai sobre a ida de Mário para a cidade do México, a fim de aperfeiçoar-se.

O grande homem, porém, ainda não aparecera e nem ao menos escrevera uma linha para justificar a sua ausência. Mário ficara acabrunhado, ao ver que afinal a sua música não despertava interesse; que o entusiasmo de Contreras devia com certeza ter sido exagerado pelo entusiasmo de Pepe. Por causa disso, Mário quase morrera de desgosto.

Quem diria, no entanto, vendo-o agora, decorridas apenas duas semanas, tão esticado, tão legante, tão impávido, na grande arena? Então, sob a gritaria da assistência e os acordes vibrantes da banda, abriu-se a entrada. Entrou na arena, a cavalo, o arauto seguido dos quadrillas, que desfilaram em forma diante da assistência. Mário acertou o passo com o del s, marchando confiante, com um semblante risonho. A ovação que receberam parecia um trovão rolando das arquibancadas.

Lá em baixo, junto à barrera, Maria avistou o velho Chato, que fôra outrora o ajudante de seu pai na arena, o seu bandarillero. Era fácil imaginar os sentimentos de Chato naquele instante. Durante tantos anos aparecera sempre com galhardia ao lado de Don Antonio; auxiliara-o na criação de touros bravios para a arena, e na escola onde se preparavam os novos toureiros que tanto haviam feito para tornar famosa a fazenda Morales. Sim, para Chato, aquele dia era também o dia supremo de sua existência.

Agora começava a tourada. Mário, num gesto de afição filial, atirara o capote para Don Antonio e um beijo para Maria. Ela apertou com mais força a mão sempre amiga de Pepe, e sussurrou emocionada: — Boa sorte, manito!

Os toreros tinham-se refugiado atrás da barrera, onde permanecia Chato, sempre solícito, com as muletas e espadas de Mário. Trocaram as últimas palavras. Mário voltava-se em direção à arena, onde estava sendo pôsto o nome do touro.

— Mário Morales! Morales!

Os gritos partiram do grupo reunido atrás da barrera. Maria virou o pai levantar-se, e empalidecer mortalmente. E antes que ela pudesse perguntar o que fôra, ele já abria caminho por entre a multidão.

FESTA BRAVA

(FIESTA)

Maria Morales, ESTHER WILLIAMS: Chato Vasquez, AKIM TAMIROFF; Mario Morales, RICARD MONTEBALAN; Jose "Pepe" Ortega, JOHN CARROLL; Señora Morales, MARY ASTOR; Conchita, CYD CHARISSE; Antonio Morales, FORTUNIO BOHANOVA; Maximino Contreras, HUGO HAAS; Maria Morales (em criança), JOEY PRESTON; O doutor, FRANK PUGLIA; Os cantores bascos, LOS BOCHEROS; O turista, ALAN NAPIER.

Produção da METRO-GOLDWYN-MAYER — Argumento de GEORGE BRUCE e LESTER COLE — Direção de RICHARD THORPE.

Ela já sabia o que fôra. O maestro! Maximino Contreras! Que agora grita a para Mário, as suas palavras frênticas perdendo-se no grito que se ergue, quando o touro selvagem, de olhos injetados de sangue, arremeteu do cercado.

Maria ergue-se rapidamente e salta atrás do pai, seguida de Pepe. Ao chegarem à barrera, ela ainda viu Contreras desvencilhando-se das mãos do polícia que tentava acalmá-lo — gritando fúisamente, durante todo o tempo, para o assombrado Mário.

— Estive em sua casa há duas semanas, rapaz... vim convidá-lo a estudar música sob a minha orientação. Conversei com seu pai, que me prometeu mandá-lo procurar-me no dia seguinte.

— Não acredito, — respondeu Mário, lentamente, obstinadamente. Ao redor, na grande praça, a multidão chorava por ele. — Queremos Morales! Queremos Morales! — Mas o jovem, atordoado, parecia nada ouvir. Contreras berrou: — Olhe para o rosto dele! Está claro que é verdade!

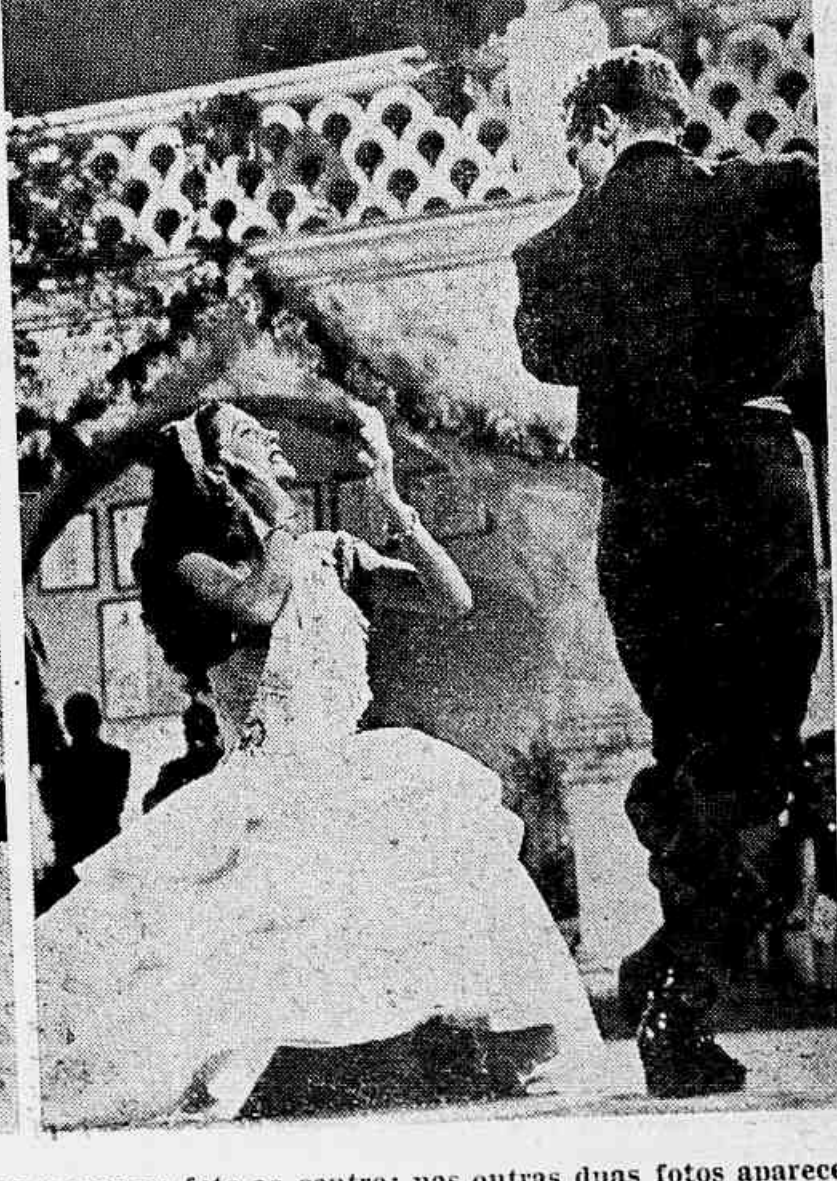
Dastou-lhe, de fato, olhar para Don Antonio, para certificar-se. A culpa, a consternação, a raiva, todos estes sentimentos estavam visíveis em sua fisionomia. Contreras cumprira o prometido. — Apreciara tanto as composições de Mário que viajara da cidade do México à fazenda. E Don Antonio o afastara, mantendo em segredo a visita importantíssima — porque não se atrevera sequer a pensar que Mário pudesse afastar-se da arena antes de ver realizado o seu grande sonho.

— Onde está Morales? enfrente o touro!

A impaciência aumentava o ardor dos espectadores. Nesse momento, Barrios, o organizador da tourada, empurrava Mário para a arena. A multidão rugia. Os guardas continham Contreras.

Os assistentes inclinaram-se para a frente, atraídos pelo ronco do touro, que corria na arena. Erguera a cabeça. Vinha agora desembestado na direção de Mário, que não estava preparado para enfrentá-lo.

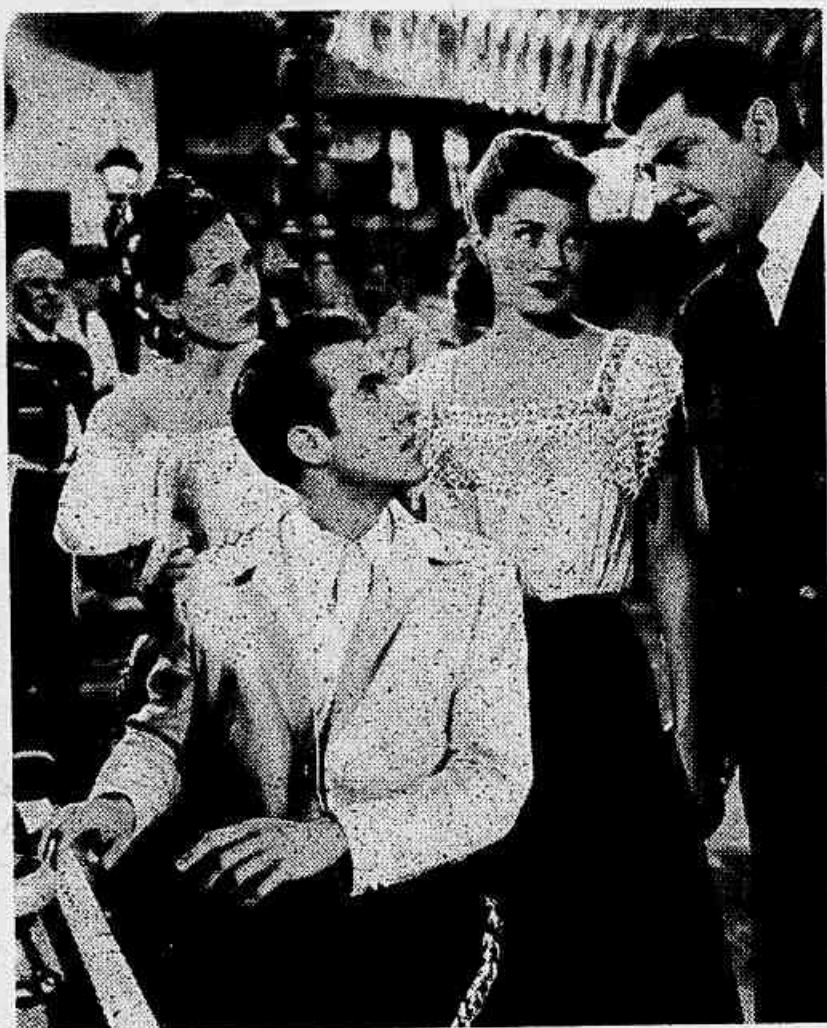
— E' verdade, pai? — Sua voz não passava de um suspiro.



"Festa Brava" (Fiesta) a nova produção da Metro, apresenta-nos Ester Williams na pele de uma linda tourelra, que vemos na foto ao centro; nas outras duas fotos aparecem Ricardo Montalban e Cyd Charisse, que são os bailarinos deste alegre romance.



Ricardo Montalban, Esther Williams e John Carrol, em "Festa brava".



Aqui está o quarteto completo de "Fiesta" (Maria, Mário, Pepe e Conchita).

— O touro, Mário! — Don Antônio bradou roucamente — Olhe para trás!

Mário permanecia imóvel, como a sondar a fisionomia do pai. O touro aproximava-se como um raio, arrancando a grama com as patas.

De súbito, Mário atirou o *capote* escarlate ao chão, como quem se desembaraçava de algo imundo. O touro



Esther Williams, John Carrol, Ricardo Montalban, Cid Charisse, em uma cena de "Festa brava".

desviou-se, investindo com o *capote* caído ao chão. Mário contornou a *barrera* e afastou-se.

Para a multidão, seu gesto exprimiu covardia. Ficaram apavorados diante da fera. Fugiram. Assobios e vaia da sabaram então sobre ele, como uma catarata de sons, odientos agora, quando havia pouco tinham sido tão lisonjeiros.

— Covarde! Marias! Cadeia com ele!

Uma chuva de almofadas começou a cair na arena, enquanto os gritos iam aumentando. Uma delas atingiu violentamente a cabeça de Don Antônio que parecia inteiramente alheio a tudo. Seus olhos vagos, assombrados, seguiam Mário, seu único filho — *El Chico Morales*, a sua esperança, o grande lutador que desde o berço ele preparara para a arena; e que agora se retirava sem exibir-se.

— Covarde! — continuava a turba a gritar. — *Fiaui! Maricas. Castiguem-no!* — Era como o ulvar de uma alcateia de lobos esfomeados. Don Antônio conservava-se no mesmo lugar, imóvel, como uma árvore profundamente enraizada, sem nada sentir nem compreender. Atordoada e aflita, Maria o contemplava, enquanto a vaia continuava.

Dir-se-ia que morrera um membro da família, quando regressaram todos à fazenda Morales. Abatido na sua estirpe, curvado e pensativo, Don Antônio parecia um vulcão de amargura. Andavam todos nas pontas dos pés — Chato, Maria, Pepe, os criados. Só a Señora Morales parecia alheia ao marido, preocupada apenas com a volta de Mário. — que não chegava nunca.

Pepe saiu finalmente a dar uma batida pelo campo, mas regressou sem notícias do desaparecido. Tendo saído da praça de touros, foi como se a terra houvesse tragado o desiludido irmão gêmeo de Maria. O próprio Señor Contreras não tinha a menor idéia do lugar onde Mário pudesse ter ido.

— Contreras! — Don Antônio assumiu um ar feroz, ao ouvir o nome do maestro. — Já não nos causou ele mal bastante? Por causa dele o México inteiro chama o meu filho de covarde!

— O Sr. não pode queixar-se do maestro, papai, — disse Maria, tranquilamente. — Pepe levou-lhe as músicas de Mário porque eu pedi.

Don Antônio não considerou a confissão, porque já escolhera o culpado. — Não importa quem lhe levou as músicas. Contreras fez Mário perder a cabeça no momento da tourada. Aniquilou-o. Se não é Contreras o culpado, quem é então?

A resposta de sua esposa veio lenta e clara. — Você, Antônio.

Ela afastou-se da janela, onde estivera olhando para fora. — Já lhe disse muitas vezes que, se alguma coisa privasse Mário de sua música, ele morreria de dor. Apesar de tudo, você insistiu em destruir o que ele mais ama. E destruiu mais do que isso, Antônio. Você destruiu também o amor que ele lhe dedicava. Você o traiu, mas agora só pensa na sua desgraça. — Em toda a sua vida conjugal, jamais Antônio ouvira a mulher falar-lhe daquele modo.

Mas ele não se curvou: — Fiz o que me pareceu melhor, — disse.

— Para você. Agora mesmo, você só pensa no que os jornais dirão de você. Mário não o preocupa, não lhe interessa saber onde ele se encontra, nem se está sofrendo. — Seus lindos olhos cintilavam. — Quando eu soube que Mário se retirou da arena, fiquei contente, Antônio. Senti que, afinal, meu filho ia viver como lhe agrada — para si mesmo, e não para satisfazer a vaidade de seu pai. — E afastou-se do marido, quase hostilmente. — Diga a Mário, quando ele chegar, que eu o estou esperando, em meu quarto.

— Mas ele não virá mais para casa! — acudiu Pepe.

— Esperá-lo-ei no meu quarto. — A Señora Morales retirou-se da sala de música sem sequer olhar para trás.

— Vou procurá-lo, Pepe! — exclamou Maria, os olhos lacrimosos. — Preciso encontrá-lo! Mãe...

— Proíbo-a! — bradou Don Antônio, ainda se refazendo do assombro que lhe causara a acusação da esposa. — Ele voltará quando tiver fome. Você ficará em casa!

Chato, a sombra fiel, falou então, calmamente. — Irei com você, Maria.

Don Antônio olhou admirado para o homenzinho. Quando Chato tinha a coragem de desafiar-lo, era sinal de que o mundo inteiro estava acabando.

— Se Mário quisesse voltar para casa, — disse Pepe, — você não precisaria ir procurá-lo. E se está resolvido a não voltar, você não o encontrará.

O rosto de Maria exprimia a sua determinação. — Eles não hão de chamar meu irmão de covarde! Os Morales não são covardes. Vou provar-lhes!

Don Antônio saiu da sala, sem dar atenção ao que a filha estava dizendo. Mas Pepe ouviu tudo, e compreendeu, horrorizado, o que significavam as palavras dela. Percebia em seu olhar o que ela estava pensando. Enquanto os anos iam passando, não se dera jamais uma lição a Mário, na arena da fazenda, sem avistar Maria nas imediações, observando tudo, atenta, interessada. Ela crescera como filha de Don Antônio, era destemida e habilidosa.

— Hei de provar-lhes! Vou procurar Barrios. Ele me dará uma oportunidade...

— De tourar? — perguntou Chato, suspirando. — Acha que isso faria com que Mário voltasse? — Meneou a cabeça grisalha. — Ao contrário. Se você tourar, não provará com isso que seu irmão não é covarde. Pare-

cerá que você é capaz de fazer o que ele temeu. E ele nunca mais voltará.

Com relutância, Maria reconheceu a verdade das palavras de Chato.

— Encontrá-lo-ei, prometo, — disse Pepe.

Os olhos dela encontraram-se com os de Chato. O velho balançou a cabeça, persuasivamente. — Não se trata de limpar o nome dos Morales. É o nome de Mário que precisa ser limpo. E só ele pode fazê-lo. — Maria confirmou as palavras do velho sorridor, com um gesto de cabeça. — É verdade, Chato. Só ele mesmo...

★

Foi na pequena vila de Tabasco, no interior do país, bastante longe da fazenda, que os cartazes anunciaram, uma semana depois, o reaparecimento de Mário Morales numa praça de touros. E de novo, tal como em Guadalajara, os *aficionados* do velho desporto mexicano se aglomeraram diante das bilheterias, a tagarelar. Uma vez mais os vendedores faziam excelentes negócios no meio da turba impaciente. Havia apenas uma diferença.

Nesse dia o que mais se vendia eram os legumes. E quanto mais velhos melhor. Nesse dia as couves estragadas e os tomates podres valiam ouro.

Compreendendo a intenção dos assistentes, Chato mostrava-se horrorizado. Mas o dono da praça estava no seu dia de gala. Nunca, em toda a história de Tabasco, multidão tão compacta acorrera para assistir a uma tourada.

No hotel, sujo e mal mobiliado, Maria envergava o seu *traje de luces*. Seus cabelos compridos tinham sido enrolados ao alto da cabeça e cobertos por uma cabeleira postiça negra. Conchita, trêmula de medo, ajudava-a a vestir a jaqueta de matador.

— Por favor, Maria, — implorava, — acabemos com isto! Haverá outro meio de encontrá-lo!

— Só há um meio de encontrar Mário, — respondeu sua irmã gêmea, com firmeza. — Quando ele vir nos jornais que alguém está usando o seu nome...

Oh, então ele apareceria! Viria investigar! Do contrário, a mãe deles nunca mais sairia de seu quarto.

Chato entrou esbaforido, para dizer que chegara o momento de ir para a praça. Maria percebeu em seus olhos coisas que ele nunca teria coragem de traduzir em palavras, argumentos que seus lábios não seriam capazes de pronunciar. Ajoelhou-se, a rezar diante da santa imagem. Fazia a oração tradicional dos toureiros.

Poucos depois entravam na arena. Assim que começou a exibir os *cuadrillas*, caminhando com o passo leve de Mário, que desde menina ela aprendera imitar, Maria sentiu a animosidade da turba. Alguns assistentes, incapazes de esperar mais, atiraram-lhe os seus legumes. Um pé de couve murcho caiu-lhe próximo aos pés. Mas ela afrontava, impassível, a assuada.

— Viva Morales! — zombavam. — Viva El Salto!

Ela saudou as autoridades presentes com desdém, e continuou o seu caminho, indiferente aos escárneos que partiam de trás da *barrera*. Chato ia rismungar qualquer coisa, enquanto lhe ajeitava o *capote*. Se, porém, o coração de Maria palpitava mais forte, não era por medo de touros. Não se preocupasse o populacho. Daquela ar na ela estava decidida a sair apenas para ser carregada em triunfo.

O toque de um clarim anunciou a entrada do touro na arena. Era um belo animal, lustroso e veloz, e ela percebia claramente que os seus *novilleros* a olhavam com dissimulação, quando ela avançou. A multidão, aos berros, enaltecia as qualidades do touro, antevendo o que aconteceria, quando o toureiro covarde o tivesse de enfrentar. — Vamos, matador! O teu amiguinho Mário o espera! Ele não te fará mal!

Nesse momento ela caminhou para o centro da arena. Abriu o *capote* com um gesto desdenhoso, e o touro arremeteu contra ele, após mirá-lo.

Ela o recebeu com um *vamonos* tanto o gracioso, e da *barrera* ouviu a voz de Chato, que dizia: — Muito perto assim, não...

De repente, as chufas que continuavam partindo das arquibancadas cessaram. O touro voltou-se, partiu de novo sobre o toureiro, e passou por ele sem o atingir.

E o mesmo se repetiu algumas vezes. Ora com um audacioso *chicuelina*, ora com um *gauchera* de fazer a assistência ficar de respiração suspensa, ela deixava o touro passar tão junto de seu corpo que mal haveria espaço para mais um fio de cabelo. A multidão se esquecera das zombarias. Estavam todos profundamente absortos nos movimentos do toureiro. Alguém bradou um "olé!"

Maria não lhes deu atenção, concentrando-se exclusivamente no touro, como ouvira Don Antônio ensinar a Mário, desde que eram crianças. A fera investiu de novo. Desta vez um *faul* passou por ele.

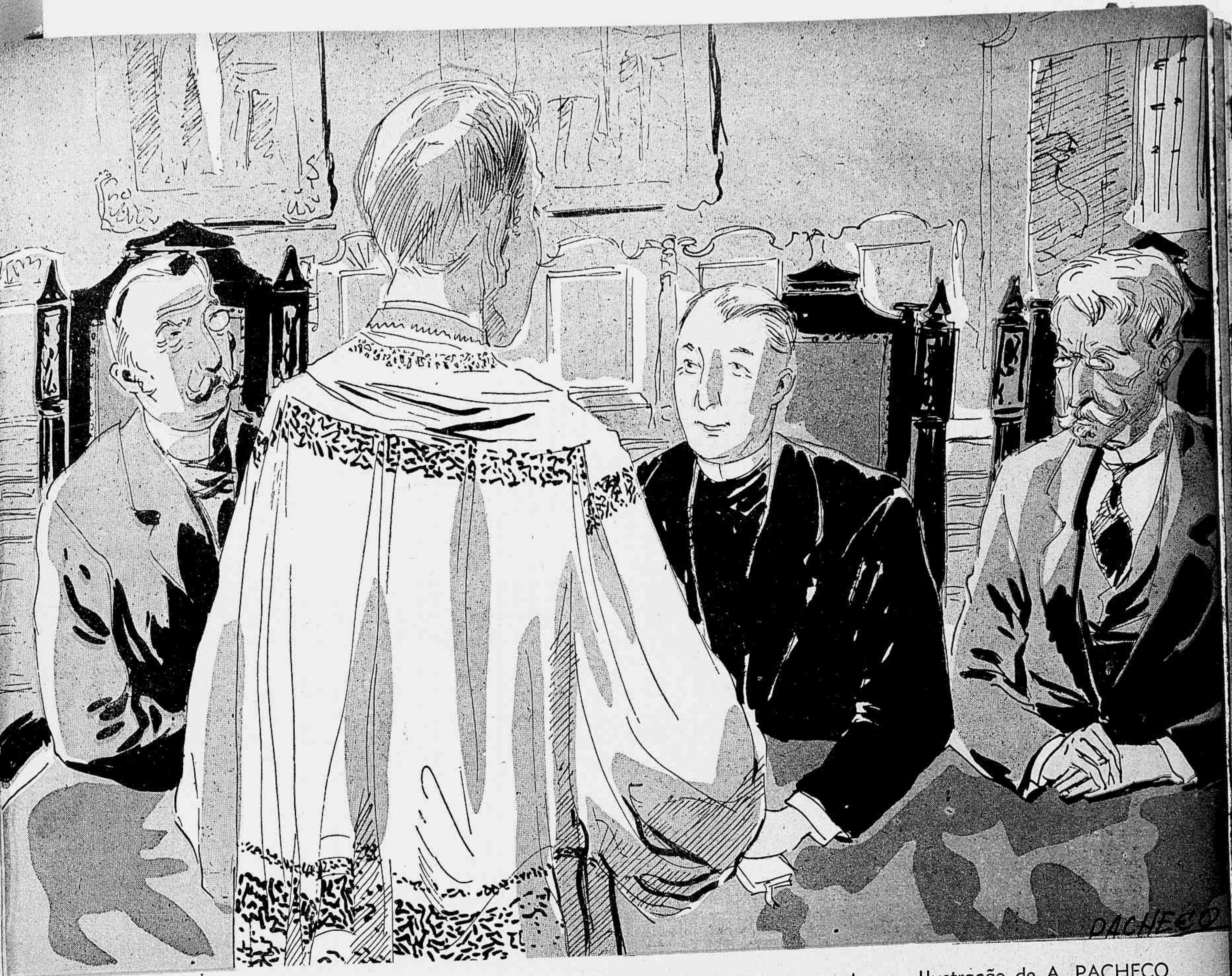
A assistência pusera-se de pé, gelada de assombro. Estupefata a princípio, e logo arrebatada de entusiasmo diante do que era uma das mais brilhantes e impávidas exibições que algum dia se vira numa praça de touros mexicana. Quando ela cravou no lombo do furioso matador o primeiro *adorno*, a gritaria foi ensurdecedora. Mas foi uma gritaria de aplausos. — *Olé, Morales! Olé, Mário!*

Se Mário estivesse ali, para ouvir aquelas aclamações, para emergir do ostracismo a que voluntariamente se entregara!

★

De toda a redondeza, nesse dia, vieram pessoas à fazenda Morales, gritando e dando vivas. Mais tarde

(Cont. na pág. 14)



Conto de W. SOMERSET MAUGHAM



Ilustração de A. PACHECO

(TRADUÇÃO DE JORGE A. FORTES)

N AQUELA tarde houvera um batizado na igreja de São Pedro, da praça Neville, e Albert Edward Foreman ainda estava com a sua opa de sacristão. A nova ele guardava, tão bem passada e esticada como se fosse de terno bronze em vez de alpaca, para os funerais e casamentos (a igreja de São Pedro era muito procurada pela sociedade para estas cerimônias) e no momento vestia a opa secundária. Vestia-a com agrado, já que era o digno símbolo do seu ofício, e sem ela (quando a despia a fim de ir para casa) tinha a desconcertante sensação de estar insuficientemente vestido. E a opa lhe dava trabalho: ele próprio a passava a ferro. Nos dezessois anos em que fora sacristão daquela igreja já tivera uma série de tais paramentos se bem que nunca tivesse tido coragem suficiente para jogá-los fora quando gastos pelo uso, de modo que a série completa, cuidadosamente embrulhada em papel pardo, estava guardada no gavetão do seu guarda-roupa.

O sacristão pôs-se em ação muito mansamente: recolocou a tampa de madeira pintada sobre a pia batismal de mármore, levou uma cadeira que fora trazida para uma senhora doente e ficou esperando que o vigário terminasse com a sacristia para que pudesse se arrumar e ir para casa. Viu-o pouco depois sair da sacristia, ajoelhar-se em frente ao altar-mór e descer a nave; se bem que ainda paramentado.

— Que será que ele ainda quer? — disse consigo o sacristão. — Então não sabe que eu quero ir para casa?

O vigário estava em São Pedro há pouco tempo. Era um homem ativo de rosto muito vermelho, pelos quarenta anos, e Albert Edward ainda sentia falta do seu predecessor, um padre da velha escola que fazia sempre vagos em voz limpa e frequentemente jantava fora com os paroquianos mais aristocráticos. Tinha lá as suas opiniões sobre as coisas da igreja, é verdade, mas nunca reclamava: não era como esse novo que metia o bedelho em tudo. Albert Edward, porém, era tolerante. A igreja ficava num ponto muito bom e os paroquianos eram gente muito fina. O novo vigário viera do East End e não se podia esperar que logo se acostunasse aos hábitos discretos da sua elegante confraria.

— Todo esse barulho... — pensou Albert Edward. — Mas tem tempo, ele há-de aprender.

Quando o vigário já chegara a uma distância suficiente para que pudesse falar ao sacristão sem alterar a voz além do apropriado a um local de oração, parou.

— Foreman, quer vir até a sacristia, um minutinho? Preciso falar com você.

— Então bem, senhor.

O vigário esperou e os dois subiram juntos a nave. — Um belo batizado, hem, senhor? Engraçado como a criança parou de chorar quando o senhor a segurou.

— Já notei que isso acontece com frequência, — disse o vigário, sorrindo disfarçadamente. — Afinal, eu tenho muita prática do assunto.

O vigário se envaidecia intimamente de sempre fazer calar qualquer criança chorona pela maneira como a segurava e não deixava de notar a admiração com que as senhoras o viam aquietar os bebês. E o sacristão sabia que lhe agradavam os comentários sobre esta habilidade.

O vigário precedeu Albert Edward na sacristia. Albert Edward ficou um tanto admirado de lá encontrar os dois tesoureiros da congregação. Não os vira entrar. Ambos cumprimentaram-no amavelmente.

— Boa tarde, excelência. Boa tarde, — disse ele a um e a outro.

Eravam ambos de idade e tesoureiros da igreja há quase tanto quanto Albert Edward era sacristão. Estavam sentados atrás da bela mesa que o antigo vigário comprara há anos na Itália e o vigário sentou-se na cadeira vaga entre os dois. Albert Edward os fitava do outro lado da mesa, imaginando um tanto preocupado qual seria a razão. Lembrava-se ainda daquela vez em que o organista não se conduziu bem e do trabalho que todos tiveram para abafar a coisa. Numa igreja como a de São Pedro, na praça Neville, não se podia permitir um escândalo. O rosto corado do vigário tinha um ar resolutivo, embora complacente; mas os outros se mostravam ligeiramente perturbados.

— Ele andou apouquentando os dois, isso andou, — pensou o sacristão. — Convencê-los a fazer alguma coisa que eles não estão muito de acordo. E' isso mesmo, marque o que estou dizendo.

Estes pensamentos, porém, não transpareceram nas fíções finais e distintas de Albert Edward, que se mantinha numa atitude respeitosa sem ser servil. Ele fora doméstico antes de ser nomeado para o seu atual serviço eclesiástico mas sempre em muito boas casas, e o seu procedimento era irrepreensível. Começando como pagem na casa de um abastado comerciante subira gradualmente de quarto a primeiro mensageiro, fora durante um ano mordomo de uma viúva nobre e, até a até a nomeação para São Pedro, mordomo com dois subalternos na casa de um embaixador aposentado. Era alto, econômico, sério e digno. Parecia, se não um duque, pelo menos um ator da velha escola especializado em papéis de duques. Tinha habilidade, firmeza e confiança própria. Seu caráter era irrepreensível.

O vigário começou com desembaraço.

— Foreman, temos uma coisa um tanto desagradável para lhe dizer. Você já está aqui há muitíssimos anos e creio que sua excelência e o senhor general concordam comigo que têm cumprido os seus deveres de modo a satisfazer aos mais exigentes.

Os dois tesoureiros bateram a cabeça.

— Mas acontece que há poucos dias chegou ao meu conhecimento uma coisa verdadeiramente extraordinária, que senti minha obrigação transmitir aos senhores re-

(Cont. na pág. 56)

O Sacristão



diligência do Havre ia deixar Criquetot; e todos os viajantes esperavam que chamassem pelo seu nome, no pátio do Hotel do Comércio, dirigido por Malandain filho.

Era um carro amarelo, montado sobre rodas também amarelas, outrora, mas que se tinham tornado cinzentas pela acumulação da lama. As da frente eram muito pequenas; as de trás, altas e frágeis, sustentavam a caixa distor-me e inchada como o ventre de um animal.

Três pilecas brancas, das quais se notavam ao primeiro golpe de vista, as cabeças enormes e os grossos joelhos redondos, atrelados em balestra, deviam puxar esta carruola que tinha qualquer coisa de monstruoso na sua estrutura e no seu aspecto. Os cavalos pareciam já adormecidos diante do estranho veículo.

O cocheiro, Césaire Horlville, um homenzinho barrigudo, mas ágil pelo hábito constante de trepar sobre as rodas e de escalar a imperial, a cara corada pelo ar livre dos campos, as chuvas, as tempestades e os copinhos, os olhos tornados piscos pelos golpes do vento e da geada, apareceu à porta do hotel, enxugando a boca às costas da mão. Grandes cestos redondos, cheios de criação assustada, esperavam diante dos camponeses imóveis. Césaire Horlville agarrou-os, um após outro, e pousou-os no tejadilho do carro; depois arrumou mais vagarosamente os que continham ovos; e em seguida, atirou de baixo, alguns pequenos sacos de grão, pacotes miúdos embrulhados em lenços, bocados de pano ou de papéis. Depois, abriu a porta de trás e, tirando uma lista da algibeira, leu chamando.

— Senhor cura de Georgeville.

O padre avançou, um homem alto, forte, largo, gordo, violáceo, com ar amável, arregaçou a sotaina para levantar o pé, como as mulheres arregaçam a saia e subiu para a carruana.

— O mestre escola de Rollesbos-le-Grinets. O homem apressou-se, esguio, tímido, encasacado até aos joelhos, e desapareceu por sua vez na porta aberta.

— Tio Poirot, dois lugares.

Poirot, aproximou-se, alto, e torto, curvado pela charrua, emagrecido pela abstinência, ossudo, a pele seca pela falta de lavagem. Seguiu-o a mulher pequena e magra, semelhante a uma cabra fatigada, segurando nas duas mãos um imenso guarda chuva verde.

— Tio Rabot, dois lugares...

Rabot hesitou, sendo de natureza perplexa. Perguntou:

— E' a mim que chamas?

O cocheiro que tinham alcunhado de "espertalhão" ia responder com uma chalaça, quando Rabot se precipitou de cabeça pela portinhola, empurrado pela mulher, uma mocetona alta e quadrada cujo ventre era vasto e redondo como uma pipa e as mãos largas como pás.

E Rabot enfiou-se no carro como um rato que entra no buraco.

— Tio Caniveau.

Um gordo camponês, mais pesado do que um boi, fez flectir as molas e engolfou-se por sua vez, no interior da caixa amarela.

— Tio Belhomme.

Belhomme, alto e magro, aproximou-se, o pescoço torto, a face dolente, num

lenço aplicado sobre a orelha, como se sofresse uma terrível dor de dentes.

Quasi todos traziam a blusa azul, por cima de antigos e singulares fatos de pano preto ou esverdeado, vestimentas de cerimonia que tinham descoberto nas ruas do Havre; e tinham as cabeças cobertas com barretes de seda, altos como torres, suprema elegância nas aldeias normandas.

Césaire Horlville fechou a portinhola do seu caixote, subiu para o assento e fez estalar o chicote.

Os três cavalos pareceram acordar e mexendo o pescoço fizeram ouvir um vago murmúrio de guizos.

O cocheiro, então, gritando: "Hip!" a plenos pulmões fustigou os animais.

Os cavalos agitaram-se, fizeram um esforço, e puseram-se a caminho a um pequeno trote côxo e lento. Por detrás del's, o carro, sacudindo os vidros mal seguros e toda a ferragem das molas, fazia um ruído surpreendente de latoaria e de vidraria, enquanto que cada fileira de viajantes, agitada e balouçada pelas sacudidas, tinha refluxos de onda, em todos os redemoinhos de obstáculos.

Iam calados, ao princípio por respeito para com o cura que embaracava as efusões. Foi ele que falou primeiro porque tinha um carácter loquaz e familiar.

— Eh! tio Caniveau, tudo vai correndo como se quere?

O enorme camponês, que uma simpatia de estatura, de pescoço e barriga, ligava ao eclesiástico, respondeu sorrindo:

— Vamos indo, senhor cura, vamos indo, e lá pelo seu lado?

— Oh! cá pelo meu lado tudo corre sempre bem.

— E vocemecê tio Poirot? perguntou o abade.

— Oh! quanto a mim tudo iria bem se não fosse a colza, que não deu nada este ano; e como os negócios vão mal, era com isso que contava para me arranjar.

— Que quere você, os tempos são duros.

— Que sim, que são duros, afirmou com voz de trovão a mulherça do tio Rabot.

Como era de uma aldeia vizinha o cura não a conhecia senão de nome.

— E' você, a Blondel, disse ele?

— Sim, sou eu que casei com o Rabot. Rabot, franzino, tímido e satisfeito, saudou sorrindo, saudou com uma grande inclinação de cabeça para a frente, como que a dizer:

"Sou eu próprio Rabot, que casei com a Blondel".

De repente o tio "Belhomme que segurava sempre o lenço contra a orelha,

pôs-se a gemer de uma maneira lastimável.

Faria... "Ui!... Ui!... Ui!..." batendo com o pé para exprimir o seu sofrimento atroz:

Doem-lhe muito os dentes? perguntou o cura.

O camponês parou um instante de gemer para responder.

— Nada disso... senhor cura... não são os dentes... é o ouvido, no fundo do ouvido.

— Mas que é que você tem no ouvido? Um depósito?

— Não sei se é um depósito, mas sei muito bem que é um bicho, um grande bicho que me entrou cá dentro, enquanto dormia no feno, no celeiro.

— Um bicho? Tem a certeza?

— Se tenho a certeza? Como do Paraíso senhor cura, visto que me rói o fundo do ouvido. Coma-me a cabeça. Oh! Ui! Ui!... Ui! E pôs-se de novo a bater com o pé.

Despertou um grande interesse na assistência. Cada um dava a sua opinião. Poirot queria que fosse uma aranha, o professor que fosse uma lagarta. Ele já tinha visto isso, uma vez, em Campe-muret, no Orne, onde tinha estado seis anos; a lagarta tinha mesmo entrado na cabeça e saído pelo nariz. E o homem tinha ficado surdo daquele ouvido, pois ficara com o tímpano furado.

— Não será antes um verme, perguntou o cura.

O tio Belhomme, a cabeça inclinada para o lado e apoiada contra a portinhola, — porque tinha subido em último lugar —, gemia sempre.

— Oh! Ui! Ui! Ui! Ui! tenho muito medo que seja uma formiga, uma grande formiga, tanto me morde... Lá está senhor cura... a galope... a galope... Oh! Ui! Ui! Ui! que desgraça!

— Não foste ao médico? perguntou Caniveau.

— Claro que não.

— Mas porquê.

O medo do médico pareceu curar Belhomme.

— Porquê? Porquê? Tens dinheiro para isso, tu, para esses preguiçosos? Vinha para aí uma vez, duas vezes, três vezes, quatro vezes, cinco vezes. E levava por isso duas moedas de cinco francos, duas moedas, com certeza... E, que é que ele fazia, diz, esse preguiçoso, que é que fazia? Sab's tu?

Caniveau ria-se.

— Não, não sei. Para onde é que vais assim?

— Vou ao Havre ver Chambrelan.

— Quem é Chambrelan?

— O curandeiro, pois...

— Qual curandeiro?

— O curandeiro que curou o meu pai.

— O teu pai?

— Sim o meu pai, lá no seu tempo.

— Que é que tinha o teu pai?

— Um ar nas costas que não podia mexer pé nem perna.

— E que é que lhe fez o teu Chambrelan?

— Amassou-lhe as costas como quem faz pão, com as duas mãos. E o que? Num par de horas, passou-lhe tudo.

Belhomme pensava também que Chambrelan tinha pronunciado umas palavras, mas não ousava dizê-lo diante do cura.

Caniveau continuou rindo:

— E' capaz de ser algum coelho que tens pr'a aí, na orelha. Tomou o buraco pela toca, por causa das silvas.

Espera, que vou fazê-lo fugir!

E Caniveau, fazendo das mãos portavoz, começou a imitar os ladridos dos cães que estão a caçar. Gania, uivava, choramingava, ladrava. E todos no car-

ro se puzeram a rir, até o mestre-escola que nunca se ria.

Mas, como Belhomme parecia zangado por se rirem dele, o cura desviou a conversa e dirigindo-se à mulher de Rabot:

— Vocemecê tem uma família numerosa?

— Que sim, senhor cura... custa bem a criar.

Rabot opinou com a cabeça como para dizer: "Oh! sim, custa a criar".

— Quantos filhos?

— Dezasseis filhos, senhor cura. Quinza do meu home.

E o sorriso de Rabot acentuava-se enquanto ia saudando com a cabeça. Tinha feito quinze, ele, só ele, Rabot! A mulher confessava. Por isso não se podia duvidar. E estava orgulhoso, aí não!

De quem era o décimo sexto? Ela não o disse. Seria o primeiro talvez? decerto sabiam, porque ninguém se admirou. O próprio Caniveau ficou impassível.

Mas Belhomme, pôs-se a gemer:

Oh! Ui!... Ui!... Ui!... — como remexe cá no fundo... Oh! desgraça! O cura parou no café Polyte. O cura disse:

— Se despesasse um pouco de água no ouvido, talvez isso saísse. Quere experimentar?

— Decerto que quero e muito. E toda a gente desceu para assistir à operação.

O padre pediu uma bacia, uma toalha e um copo de água; e encareceu o mestre escola de manter bem inclinada a cabeça do paciente; depois, logo que o liquido penetrasse no canal, de a virar bruscamente.

Mas Caniveau, que começara a olhar para o ouvido de Belhomme, a ver se descobria o bicho a olho nu, gritou:

— Credo, Santíssima Trindade, que marmelada!

E' preciso desentupir isto, meu velho. O teu coelho nunca mais sairá desta compota. Colava as quatro patas.

O cura examinou, por sua vez, a passagem e reconheceu que era muito estreita e muito suja para tentar a expulsão do bicho.

Foi o mestre escola que abriu caminho, servindo-se de um fósforo e dum trapo.

Então, no meio da ansiedade geral, o padre verteu, no canal limpo um meio copo de água, que correu pela cara, pelos cabelos e pelo pescoço de Belhomme. Em seguida o mestre voltou vivamente a cabeça sobre a bacia como se a quisse desenroscar.

Cairam algumas gotas no vaso branco. Todos os passageiros se precipitaram. Não tinha saído bicho nenhum.

Mas como Belhomme declarasse:

— Já não sinto nada.

O cura triunfante, gritou:

— Certamente afogou-se.

E todos ficaram contentes. Subiram de novo para o carro.

Mas, mal tinha recommçado a andar, quando Belhomme lançou gritos terríveis. O bicho tinha acordado e tinha ficado furioso. Afirmava mesmo que já tinha entrado na cabeça e que lhe devorava os miolos. Gritava com tais contorsões que a mulher de Poirot, crendo-o possesso do diabo, se pôs a chorar, fazendo o sinal da cruz. Depois, como a dor se acalmasse um pouco, o doente contou que ele andava à volta do ouvido. Imitava com o dedo os movimentos do animal, parecia vê-lo, segui-lo com o olhar.

(Continua na pag. 52)

O Bicho do tio Belhommo



COISAS DE FRANCESES!

UM CONTO DISPARATADO

É coisa sabida que os nossos vizinhos franceses são incorrigíveis quando de nós se ocupam, pois, para eles, é a mesma coisa por si-se a falar de Espanha e deitar asneira.

As inúmeras provas desta afirmação junte o leitor o conto seguinte, que um francês apresenta como muito característico das coisas em Espanha e que traduzido à letra diz assim:

*

D. Pérez era um fidalgo castelhano dedicado de corpo e alma à ciência e a quem os seus compatriotas tinham na conta de pessoa de grande modéstia.

Passava as noites em claro, encafuado no estudo de um importante problema de química que, para proveito e glória da sua Espanha, com honra, havia de o conduzir à descoberta de um novo explosivo, o qual tornaria imprestáveis quantos até hoje se inventaram.

O leitor que imagine o nosso D. Pérez sem sair do laboratório, manipulando lá refortas, alambiques, reagentes, cróis e precipitados, dará mostras de não conhecer as coisas de Espanha.

Um fidalgo espanhol não pode descer a manejas de droguista e entender de modo tão rasteiro a sublimidade da ciência: que por alguma coisa tem sido Espanha um viveiro de teólogos.

D. Pérez passava horas esquecidas, como dizem os espanhóis, em frente de um quadro negro, dando tratos à imaginação e traçando fórmulas e mais fórmulas para ver se dava com a desejada. De modo nenhum queria manchar suas investigações com impurezas da realidade: fazia lembrar aquele passo em que os galés apedrejaram D. Quixote e não queria que, com ele, o mesmo lhesessem os fatos. Deixava para os Sancho Pança da ciência a bata e o laboratório, reservando para si a exploração da fuma de Montezinos.

Fiquem os processos por tentativas para os que vivem em trevas e não nasceram, como a imensa maioria dos espanhóis, na posse da verdade absoluta, ou, então, para os que a deixaram perder por culpa da sua soberba.

Ao cabo de tanta luta, deu D. Pérez com a desejada fórmula, e o dia em que esta se tornou pública foi de regosio em toda a Espanha. Houve colgaduras nas janelas, foguetórios, gigantes e sobretudo, touradas. As charangas alegraram as ruas das cidades tocando o hino de Riego.

As Cortes decretaram que D. Pérez fosse coroado de louros no Capitólio de Madrid, logo que fizesse voar pelos ares o Rochedo de Gibraltar com os ingleses lá dentro, ou pelo menos, a grande montanha do Retiro.

A adornar as paredes das sapatarías e barbearias das aldeias e em não poucos lares aparecia o retrato de D. Pérez, entre exemplares de *La Lidia*, e junto do do Pulgarcilla, umas véses, e do do pretendente D. Carlos, noutras. A uma nova aguardente anisada, batizaram-na com o nome de "Anisado Explosivo Pérez".

Apesar de tudo, não faltaram Sanchos e bacharéis velhacos a tratarem de deitar baldes de água fria por cima do entusiasmo popular; porém, desde que apareceram nos periódicos uns artigos do eminente geômetra D. López e outros do não menos eminente teólogo D. Rodríguez, a quebrar as lanças em prol do novo explosivo Pérez, os descontentes reduziram-se ao silêncio público e à maledicência em surdina.

Chegou o dia da prova. Tudo estava disposto para fazer ir pelos ares uma colinzinha situada nas planuras da Mancha, e não faltaram animosos crentes que se comprometeram a deitar fogo à mecha na companhia de D. Pérez.

Quando a mecha começou a arder, ouviu-se um formidável olé! olé! da multidão que de longe contemplava a experiência, e houve quem empalidecesse.

E, quando o fogo chegou ao explosivo, ouviu-se um ruído semelhante ao do trovão, levantou-se uma grande fumaça e, ao dissipar-se esta, surgiu a fisionomia de D. Pérez radiante de esplendor. A multidão aclamou-o, frenética, deu vivas a *su madre* e a *su gracia*, e levaram-no aos ombros, como fazem para tirar D. Frascuelo da praça, quando mata um touro segundo as regras da metáfrica tauromáfrica. E em toda a parte não se ouvia senão: olé! viva Espanha com honra!

Os jornais aproveitaram a ocasião para fazer um belo negócio.

Uns asseguravam que o morro se tinha feito em pó, outros exibiam cicatrizes das pancadas que lhes tinham dado os pedacos em que se tinham desfeito; porém, alguns dias depois, garantia-se que uns pastores tinham visto o morro no mesmo sítio em que estava antes do sucesso e, quando se confirmou esta notícia, a indignação popular levantou-se em grande polvorosa.

Era coisa impossível: o morro tinha obrigação de ter voado porque eram infalíveis as fórmulas do quadro negro de D. Pérez.

Tinha sido alguma mão traçoira que tinha molhado o explosivo; a mão de um mágico maligno, inimigo de D. Pérez e invejoso da sua fama.

Este mágico, uma vez que o caso sucedia em Espanha, já se sabe qual tinha de ser, o Governo.

A opinião pública pronunciou-se contra ele nos cafés e nas tertúlias, e os periódicos fizeram ressaltar a desatenta conduta do maligno mágico, que se empenhava em viver divorçado de uma opinião pública, tão perita em química, como a de Espanha, principalmente depois de ilustrada pelo eminente geômetra D. López e pelo não menos eminente teólogo D. Rodríguez.

Naquela campanha recordaram-se Colombo, e Cimeros, e Miguel Servet, e os tercios da Flandres, o Salado, Lepanto, Otumba, Wad-Rás, os teólogos de Trento, e o valor da infantaria espanhola que tornou inútil a ciência do maior capitão do século. Por tal motivo insistiu-se mais vez na falta de patriotismo daqueles que não queriam senão o que vem do estrangeiro, tendo melhor em casa; e recordou-se o pobre D. Fernández, posto a um canto e desconhecido na sua ingrata pátria e o bérrio fora dela; o pobre D. Fernández cujos livros, em Espanha, tinham que ser comprados pelas corporações ao mesmo tempo que eram traduzidos em todos os idiomas cultos, incluindo o japonês e o baixo-breão.

O pobre D. Pérez, perseguido por foliúrios ma'andrins, tratou de vingar a honra de Espanha; e como se propunha demonstrar a eficácia do explosivo, com que havia de ir a Gibraltar e desmascarar o Governo, apresentaram-no como candidato a deputado às Cortes. As Cortes são a academia em que se reúne para discutir todos os sábios de Espanha, academia que, seguindo as gloriosas tradições dos concílios de Toledo, faz para não desperdiçar nada, ora do congresso político, ora do concílio onde se esclarecem problemas teológicos, tal como aconteceu lá por alturas de 69.

Quando os admiradores de D. Pérez apresentaram a sua candidatura, o eminente tourreiro D. Señorito, vivo exemplo do consócio das armas com as letras, o sangue a arder e, ao sair de uma tourada em que arrebatou o público estecendo seis touros colombinos com a mais castiga filosofia, foi a correr a uma

(Cont. na pág. 52)

POR MIGUEL DE UNAMUNO

ILUSTRAÇÃO DE ANA ZAGORSKA

SU pai tinha educação jurídica, habilidade profissional, vocação. Era um homem ansioso por "subir" na vida. Com esse fim deixara a aldeia de Pont-l'Évêque pela cidade de Noyon, muito mais desenvolvida — um lugar "onde um homem pode tirar partido das suas capacidades". Lá, granjeou a reputação de boa pessoa e aprendeu a mover-se no seu meio social; calculou, planejou, deu festas aos amigos, e desposou agradável acervo de riquezas na pessoa da filha de um hoteleiro de Cambrai.

Um honrado e sólido bourgeois gentilhomme. Alcançou os postos de notário, escrivão do tribunal distrital, secretário da diocese. Promoveu igualmente a fortuna de seu filho jovem e franzino, ainda antes que o rapaz estivesse em idade de entender desses assuntos. Fê-lo educar na família dum nobre e conseguiu-lhe — aos doze anos! — nomeação para o cargo de capelão da Igreja.

De acordo com as leis eclesiásticas da época, João Calvino não poderia administrar os sacramentos enquanto não completasse vinte e cinco anos. Mas, nesse ínterim, desfrutava "uma bela renda" proveniente do seu benefício eclesiástico — três alqueires de trigo por ano, mais o produto de vinte campos cultivados.

Entretanto, o pobre rapazinho rico não permanecia ocioso, à espera do momento de exercer suas funções oficiais. O pai o enviou à Universidade de Paris, a fim de receber educação eclesiástica e prática.

Em Paris, João viveu com o seu tio Jacques, ferreiro. Aprendia latim, e sentia no corpo as aristas do látigo do mestre. Era o sistema empregado com os rapazes que necessitavam adequada preparação para a vida. Uma série de potentes lambadas na carne constituía ótima receita para fazer a Veritas penetrar fundo. As escolas desse tempo não eram muito melhores que prisões. "As camas eram tão duras... e tão penoso o estudo à noite que no primeiro ano de estada no colégio muitos moços prometedores ficavam cambaio, cegos ou leprosos, quando não morriam". São palavras do humanista Erasmo, que cursou a Universidade de Paris. "O reitor... para nos ensinar a jejuar, não nos dava carne. Quantos ovos deteriorados eu comi lá!"

Não admira, pois, que muitos estudantes tivessem perdido a alegria quando recebiam o grau. Sem embargo, João Calvino, apesar do seu corpo frágil e da saúde precária, permaneceu até a formatura. Com a idade de quatorze anos sabia tão bem o latim, e mostrava-se tão intolerante com os menos proficientes, que seus companheiros lhe classe o apelidaram de "Caso Acusativo". Sua mente era irrequieta como uma aranha. Estava sempre a urdir uma teia onde capturar os fatos mais esquivos. Tinha um apetite mental voraz e uma digestão mental poderosa. O alimento de que se nutria era o ferro da vontade. Uma vontade que, desde a infância, acostumava o corpo, apesar de fraco, a ser o escravo fiel do espírito.

João não se recordava de ter jamais possuído juventude de corpo. Era um velho desde criança. Quando um organismo débil e esmiornado se mantém com uma dieta de ferro espiritual, dá graças a Deus por essa dieta férrea! Condena em nome de Deus toda e qualquer liga, toda adulteração no metal do caráter, toda ferrugem existente na alma de um homem. Que cada um cave fundo na mina da própria alma — ainda que o corpo seja destruído nessa operação. Pois só ali, nos túneis secretos da consciência, entre os fumos dos padecimentos e os escombros das esperanças, poderá encontrar o metal puro dos mandamentos de Deus ao homem. "Não é fazendo castelos no ar que se encontra a Deus".

II

Enquanto João estava em Paris, rebentou a guerra entre os dois jovens mais poderosos do mundo — Francisco I de França e o Sagrado Imperador Romano Carlos V. Francisco ainda contava menos de trinta anos, e Carlos mal chegara à idade viril. No entanto, esses dois porfiados guerreiros tinham conflagrado a civilização. Atravessavam com seus exércitos a Europa inteira, matando, saqueando e incendiando como dois garotos fascinados por um brinquedo perverso. Finalmente o rei francês foi capturado na cidade italiana de Pavia, e por algum tempo a malignidade internacional pareceu ter chegado ao seu termo.

Mas a notícia aturdiu os franceses. Eles viam no seu rei o soberano ungido pela graça de Deus. E a captura de Francisco devia ser um aviso divino de que a nação francesa cometera algum crime terrível aos olhos do Onipotente. Cumpria encontrar o bode expiatório — um grupo de homens culpados do crime. Que grupo havia mais indicado que o dos Protestantes? Pois eram eles, os hereges que escarneciam da Missa, os "responsáveis pelos sofrimentos da França".

Iniciou-se a perseguição geral aos protestantes. Imprecações, açoites, fogueira. Em Paris, João Calvino, ao mesmo passo que estudava a teoria da religião, via como era praticada nos cadafalsos e prisões. E acabrunharam-no os frequentes espetáculos de tortura. Odiava as que-relas humanas a respeito de Deus. Foi com alívio, portanto, que recebeu do pai a licença de trocar a teologia pelas leis. "Nesta época litigiosa, encontrarás melhor meio de vida, não nas igrejas, mas nos tribunais", Calvino pai andava sempre farejando as mudanças do ambiente.

João foi para Orléans e estudou o código legal da França, à guisa de suplemento ao código moral do céu. Mas sentia-se descontente. Interessava-o, não o vencer ações, mas o propugnar por causas. Muito pouco lhe importavam os direitos humanos do corpo. Mas preocupavam-no bastante os direitos divinos da alma.

Absorvido pelos problemas da alma, embrenhou-se por algum tempo na filosofia. Escreveu um comentário em torno de um tratado de Sêneca, atacando asperamente o despreendimento intelectual do velho romano. "Cheira por demais a arrazoado jurídico". Esses estóicos anêmicos, lamentava-se, viam demasiaças facetas de uma questão. "Quedam-se tão frios emocionalmente como estátuas de mármore". Revoltavam-no ainda mais que os fanáticos. "Nenhum homem pode ser bom sem ser compassivo. Pouco importa o que possam afirmar, dos seus retiros, os filósofos enfadonhos... Não sei se eles são sábios — sei apenas que não são homens".

Assim, o seu coração retomou o caminho de Deus e dos mandamentos divinos pelos quais os homens lutavam e morriam. Ligou-se a um grupo de "hereges" protestantes, que lhe deram a conhecer os princípios pelos quais milhares de deles sacrificavam a vida. Caminhando a seu lado, ao sol de Orléans, falavam-lhe da "luz interior". E o homem cujos olhos sempre estiveram voltados para as cores sombrias da própria consciência, pôde agora compreender-lhes a doutrina da justificação pela fé. Essa fé pessoal é o fato luminoso central, em torno do qual giram os outros fatos como simples satélites tributários na constelação do caráter de um homem.

Entretanto, Calvino continuava a estudar os "fatos tributários" da jurisprudência, e conquistou o grau de Doutor em Leis, tal como o desejava o pai. E então mandou

A VIDA DE CALVINO

(1509-1564)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Porto Alegre)

para sua casa a bomba de uma notícia estardalecedora. "A sorte está lançada. Liguei o meu destino ao dos protestantes do reino".

III

Calvino preparou um discurso para um amigo que devia falar por ocasião de sua posse no cargo de reitor da Sorbonne — a universidade mais católica da Europa, e o centro da resistência ao protestantismo. A oração foi "muito diferente do que era de uso nessa instituição". A "hidra do protestantismo" penetrara no recinto sagrado! Na explosão geral — explosão dirigida tanto contra o autor como contra o orador — Calvino voou pela janela e refugiou-se em casa de um vinhateiro; vestiu uma blusa de camponês, atirou um alvião ao ombro e, assim disfarcado, partiu para Noyon. Dali se encaminhou à província de Angoulême e se enclausurou com seus livros. Pois os protestantes haviam convertido à sua causa, não um mero fanático, mas um dos maiores eruditos da época.

Novos estudos sobre a doutrina luterana de justificação pela fé, novas meditações e projetos acerca de sua própria contribuição ao dogma. Este homem havia de combater com as armas das idéias. E o tempo havia de mostrar quão mortais eram essas armas.

Desde o discurso na Sorbonne, Calvino é um homem perseguido. Mas o perigo apenas lhe acrescenta o gosto de viver. Trabalha mais e melhor numa atmosfera de perigo mortal. Viaja de um lugar a outro, procurando, não os esconderijos do fugitivo comum, mas as bibliotecas. Ele é o professor proscrito, e derrama tinta como sangue, escreve ensaios que explodem como granadas, elabora à luz da vela a Bíblia da nova ordem. É um homem formidável, com a cabeça a prêmio — um homem de sorriso triste, de espírito afiado como navalha, horizontes amplos e força terrível. Somente um antagonista de âmbito e força iguais poderá fazer-lhe frente. Mas onde encontrar, na Europa, tal antagonista? Todos os exércitos do rei de França não prevalecem contra ele. Está possuído pela paixão irresistível do jogador que tudo arrisca numa partida — a verdade de Deus. "Se Deus está por nós, quem estará contra nós?"

Reune seus correligionários em cavernas, à maneira dos cristãos primitivos, e coloca-se diante deles como um anjo vingador, com a sua barba negra em ponta e o barrete de crepe. No seu rosto macilento não há linha divisória entre a alegria e a dor. Ambas se confundem numa única emoção, quando ele pronuncia as preces e ergue a mão para o céu. "Devemos desesperar dos assuntos humanos ou pô-los em ordem ainda que pela força". Servir a Deus não é brincadeira. Não é alegria, nem prazer. É uma tarefa sombria, árdua, feroz. Assim postado diante dos seus adeptos, Calvino é a figura viva da sua missão. Nenhum crucifixo lhe pende do pescoço. Nenhuma é a imagem lhe vivifica o serviço religioso. Para aliviar a vista, só a gola branca, e o anel de ouro no dedo. O mundo sensual, com sua variedade de cores, é falso. "Hei de destruir Babilônia!" O que o mundo precisava, era uma nova cidade-modelo, governada exclusivamente pelo espírito da Reforma.

E o profeta encontra a sua Babilônia — para a destruir e reerguer. Cruzou a fronteira da Suíça, onde se haviam exilado muitos protestantes ilustres, e chegou ao centro comercial cosmopolita de Genebra. Essa cidade ficava na encruzilhada da Europa. Era um fenômeno singular no Velho Mundo. Após uma luta de muitas décadas, os habitantes haviam derribado a autoridade do bispo e organizado um governo próprio. Era uma cidade próspera, amiga dos prazeres, uma comunidade de comerciantes, gentileza, barões e sibaritas. Havia pouca suavidade de maneiras. Tudo era rude. "De cada três casas, uma era taberna". As mulheres "andavam com martelos debaixo das saias".

Quando Calvino chegou a Genebra, encontrou os reformadores protestantes em ação. Pouco a pouco, à custa de muitas cabeças sangrentas, o número de convertidos ao protestantismo crescera consideravelmente. Os exilados protestantes, homens valentes, tinham vindo para pregar, ostentavam com orgulho as suas cicatrizes. O mais valente de todos era o chefe deles, Guilherme Farel. Um indivíduo formidável, que não conhecia o medo, mas inspirava medo aos outros. Até Erasmo, cuja pena fizera tremer tantos reis e bispos, empalideceu diante de Guilherme Farel. "Nunca vi na minha vida homem tão inflexível", disse. E Farel decidira domar Genebra, "converter Gomorra em um paraíso". E, no momento em que viu Calvino, seus olhos brilharam de alegria e sua barba vermelha eriçou-se; pois conheceu que tinha encontrado o homem capaz de ajudá-lo na empresa.

Chegara o dia do grande ajuste de contas — a manhã do juízo final para o mundo.

IV

Platão havia talhado a sua República no pano da sua filosofia. E Calvino recortou a sua República no estófo da sua teologia. Era uma teologia que germinara e florescera nos padecimentos de seu longo exílio na França; e agora se desenvolvera completamente, formando uma doutrina orgânica de vigorosa acritude. Havia três aspectos essenciais que lhe caracterizavam a cabeça, o coração e os membros:

1. A soberania absoluta de Deus.
2. A absoluta impotência e total depravação do homem.
3. A salvação dos Eleitos.

Só o poeta néscio — assevera Calvino — fala na necessidade de Deus justificar-se perante os homens. "Os atos de Deus não podem ser julgados nem criticados por uma criatura que é apenas um argueiro no olho divino". Não há lei fixa do bem ou do mal a que o próprio Deus esteja preso, como pretendem alguns filósofos. "Tudo o que Deus quer deve ser tido por justo, pelo simples fato de Ele o querer. Portanto, quando se perguntar por que o Senhor fez isto ou aquilo, devemos responder: Porque Lhe aprouve fazê-lo".

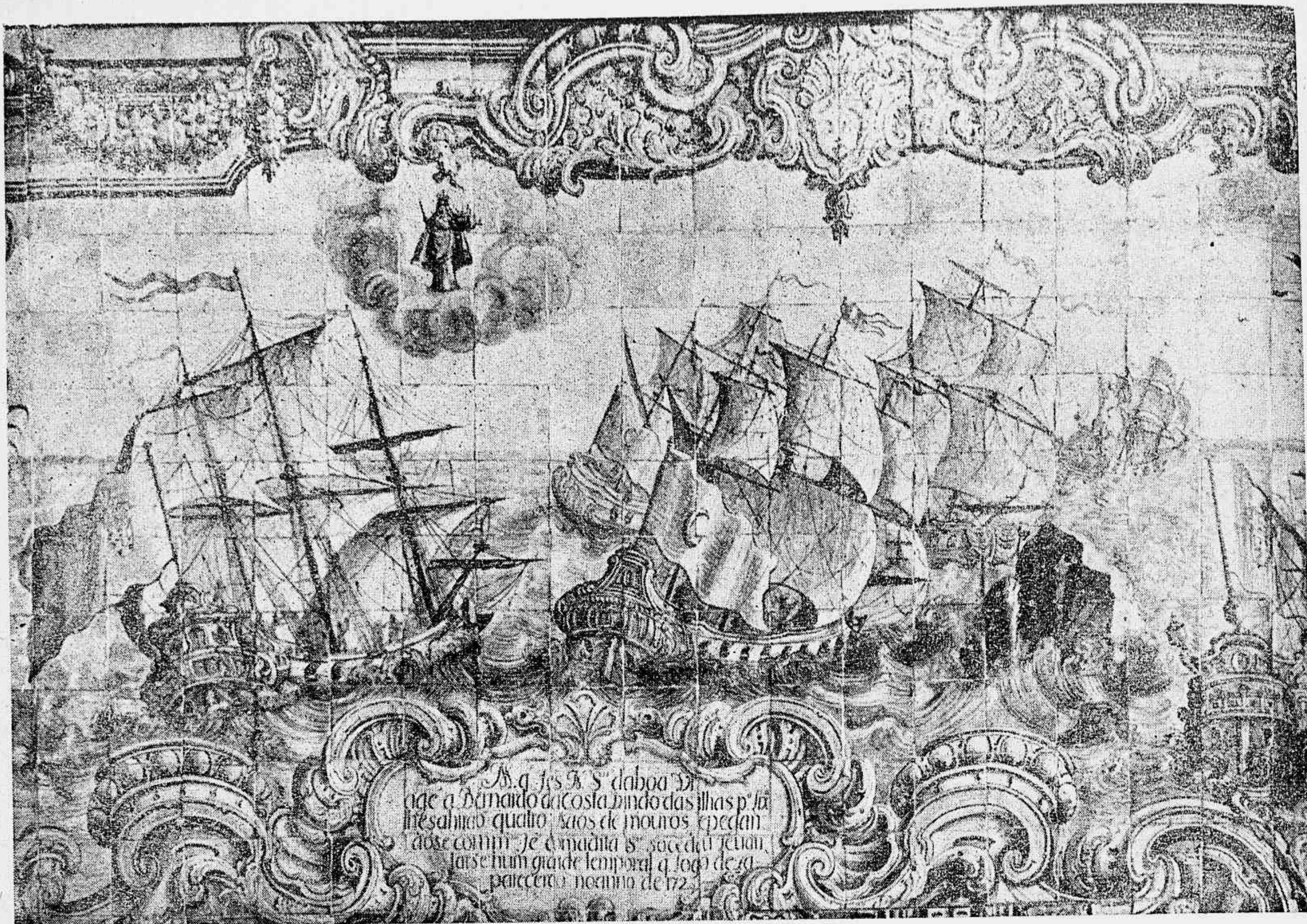
O homem é de todo incapaz de salvar a si mesmo. Pois ele é totalmente mau. O mal originou-se da vontade livre do primeiro homem, Adão, que escolheu o caminho errado no Jardim do Eden. O mal, portanto, é a herança inevitável de todos os descendentes de Adão. E, uma vez que o mal é o estado natural da humanidade, segue-se que nenhuma soma de bem praticado por qualquer indivíduo nesta existência poderá resgatar a dívida inteira.

Todos os homens, declara Calvino, merecem o inferno. E a imensa maioria deles vai para lá. Unicamente pela graça de Deus, e não pelos atos dos homens, é que uns poucos são mandados para o céu. São os Eleitos, escolhidos por Deus, na Sua sabedoria, muito antes de nascerem. Têm por destino glorioso, sem que nenhuma virtude sua concorra para tal, o serem bafejados pelo sorriso de Deus.

Embora Deus escolha a quem quer salvar, e a quem quer condenar, Calvino recomenda aos discípulos que não caiam no erro do fatalismo oriental. Só porque a recompensa ou o castigo de um homem depende de um poder exterior não se segue que lhe cumpra cruzar os braços e esperar o dia fatídico. (Continua na pág. 54)



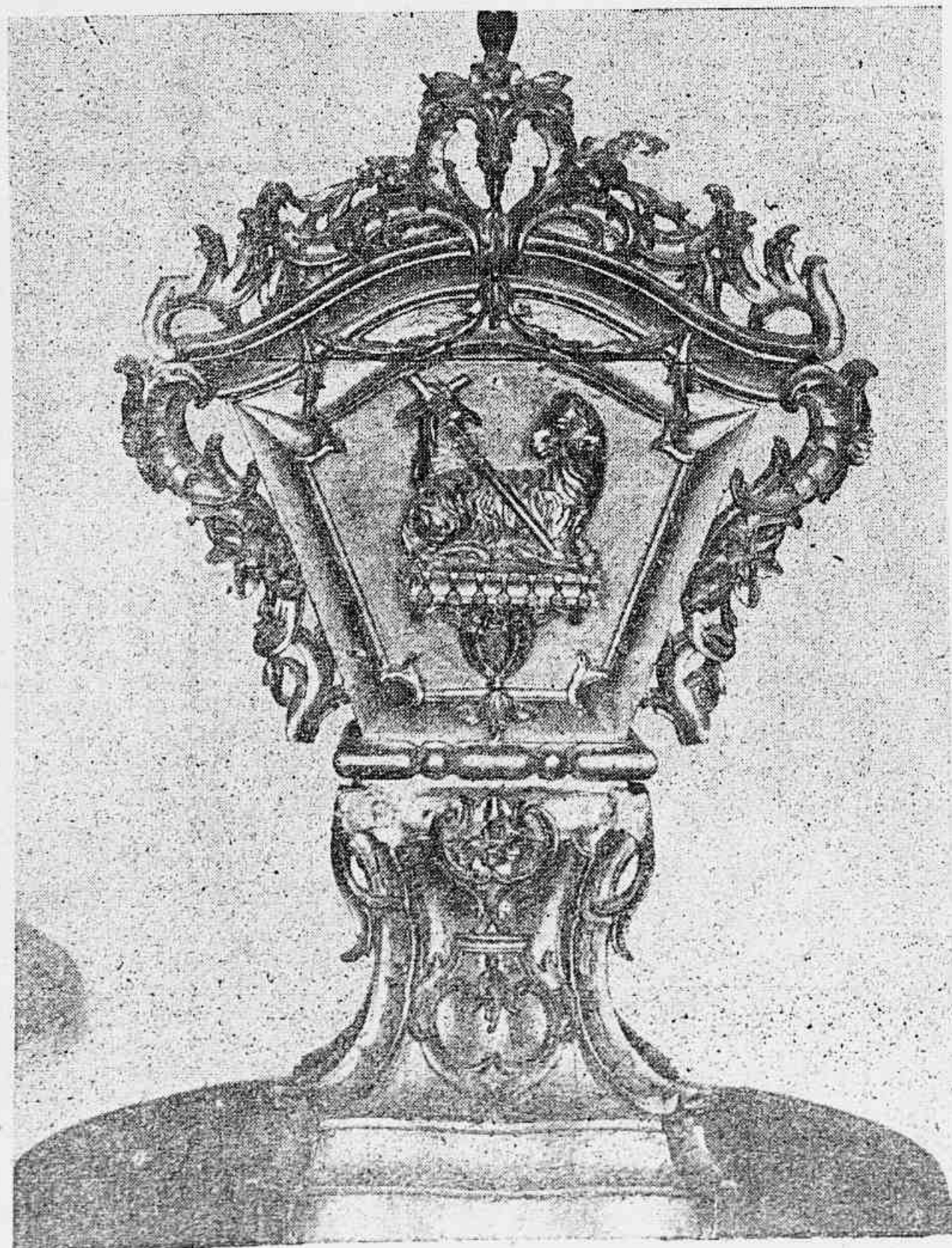
CALVINO



TESOUROS ARTÍSTICOS DA BAHIA

Por HERMAN LIMA

Fotos de EDGARD CERQUEIRA FALCÃO



É fora de dúvida que nenhum Estado do Brasil possui cabedal histórico e artístico em condições de rivalizar com o da Bahia, pois não foi em vão que, por três séculos, ali floresceu uma civilização do mais alto cunho religioso e humanista, social e político, à sombra da cruz de suas centenas de igrejas e conventos e dos solenes sobradões reinóis dos seus Cairus, Rio Brancos e Cotegipes.

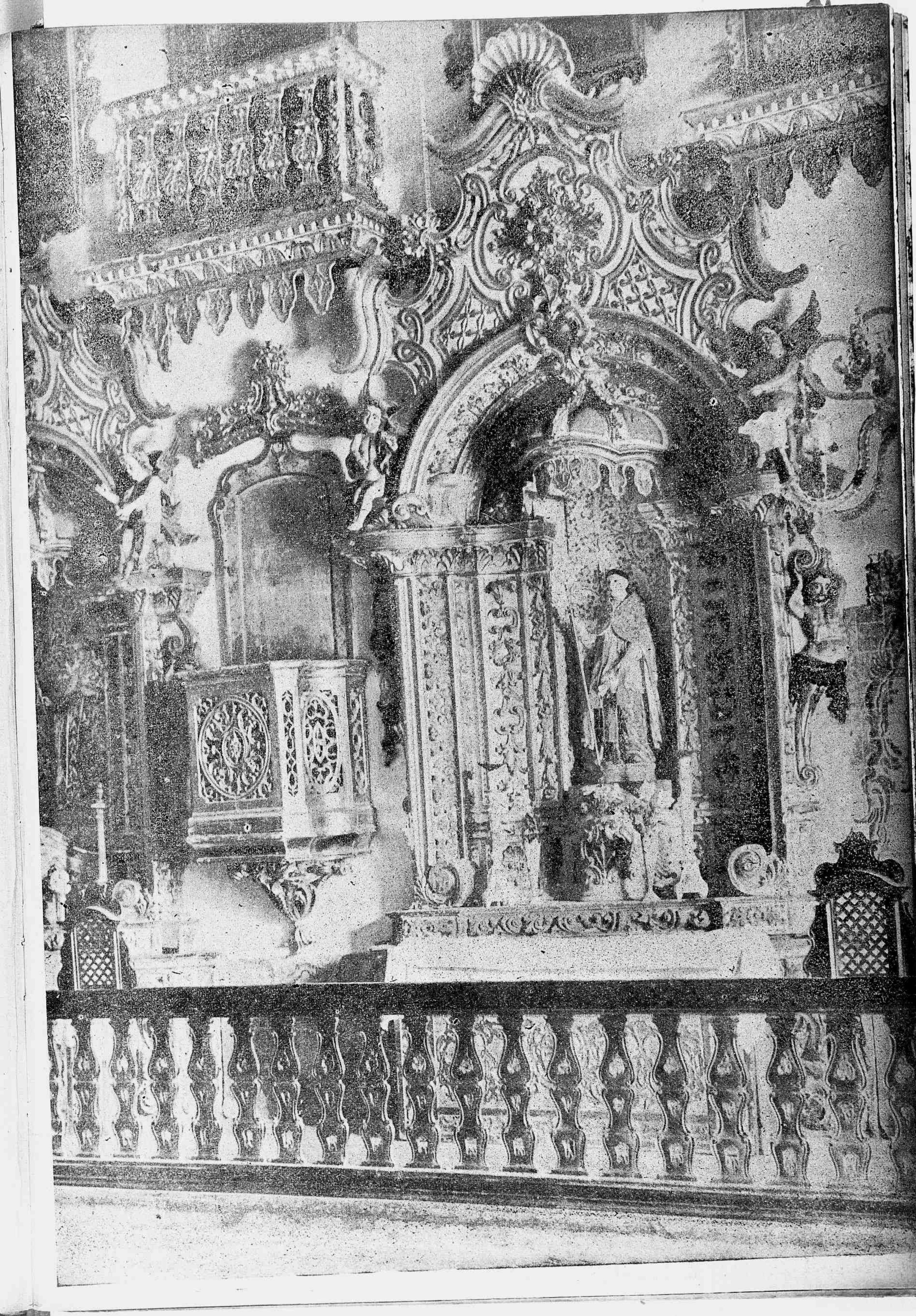
Tempos houve, entretanto, em que era quase um Livingstone o brasileiro que sabia qualquer coisa do berço natal de Ruy e Castro Alves, além de ser mesmo o "verde ninho murmuroso de eterna poesia", a terra do vatapá e do côco, que aliás não dava mais, desde o tempo do velho Seabra, alguma vaga noção do seu culto a Ogun e Orixá de mistura a lembranças de templos todos de ouro, como os da Índia ou de Angkor.

A descoberta se deu não tem talvez vinte anos e só não vou dizer que foi Carmen Miranda o Pedro Alvares Cabral deste século para não parecer pejorativo, mas o certo é que a can-

ção da sambista admirável, subindo de norte a sul do Brasil, na boca do povo, foi o anúncio duma nova era de ternura, admiração e fervor pela Bahia. O que faltava, veio outro cantor, esse mesmo de lá, e, de mistura aos seus lamentos soturnos de voz do mar e de macumba, indagou de cada um se já tinha ido à Bahia e, senão tinha, que fosse. Agora a Bahia é tão de todos nós como dos baianos que nunca saíram de perto do seu Terreiro de Jesus, do seu bairro da Sé e das cercanias do Taboão — o que há de mais Bahia.

Falar na riqueza das suas naveas e dos seus altares, dos prodígios da sua torêutica, dos seus azulejos e das suas pratarias, da maravilhosa miniatura dos seus balangandãs de ouro e prata, do gosto das suas comidas e da ondulante graça nativa das suas mulheres, que parecem trazer no passo a cadência de palmas africanas e nos olhos a sonolenta nostalgia dos coqueirais do Congo — é coisa do domínio público, lugar comum de qualquer conversa que não seja sobre o campeonato do Vasco ou as façanhas de Brucutu ou da Marocas.

Ao alto: Azulejos votivos, existentes no "Hospital da Boa Viagem", de uma série de três painéis únicos no gênero. Na página ao lado, — um conjunto lateral da nave da igreja da Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira, vendo-se um dos belíssimos altares de talha revestida de ouro. Em baixo: Um Santo Sepulcro em talha dourada, da Igreja da Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira.





Do mesmo passo, o livro e a imprensa, em reportagens de toda classe, e impressões de viajantes ilustres, de Stefan Zweig a Valdo Franco, o "Breviário" e o "Livro de Horas" que o amor filial de Afrânio Peixoto lhe dedicou, em testamento espiritual, poucos meses antes de morrer, tudo isso vem já hoje constituindo uma admirável galeria de divulgação dos seus tesouros específicos, de par com a interpretação, por vezes profunda e sutil, dos seus mistérios e da sua alma, à que se lançam outros amadores do seu passado e da sua gente, ao modo de Artur Ramos, Donald Pierson e Roger Bastide, sem falar no grande místico das côres, êsse prodigioso evocador da mais alta emoção das suas sacristias e das suas naveas, pintor dos maiores que o Brasil já teve, êsse puro, lírico e querido Presciliano Silva.

Mas o balanço dos seus azares não ficaria completo sem uma referência especial a certo médico baiano, o dr. Edgard de Cerqueira Falcão, há vinte anos radicado em Santos, donde saiu coisa de oito anos, munido duma Zeiss e duma aguda saudade de sua terra, para ir colher por lá, em cada canto de rua, em cada altar e nicho, por dentro e por fora dos seus palácios e fortalezas desmanteladas, aquilo que mais alto revelasse a mão do artista anônimo dos séculos passados, o que de mais belo e mais sugestivo numa época de

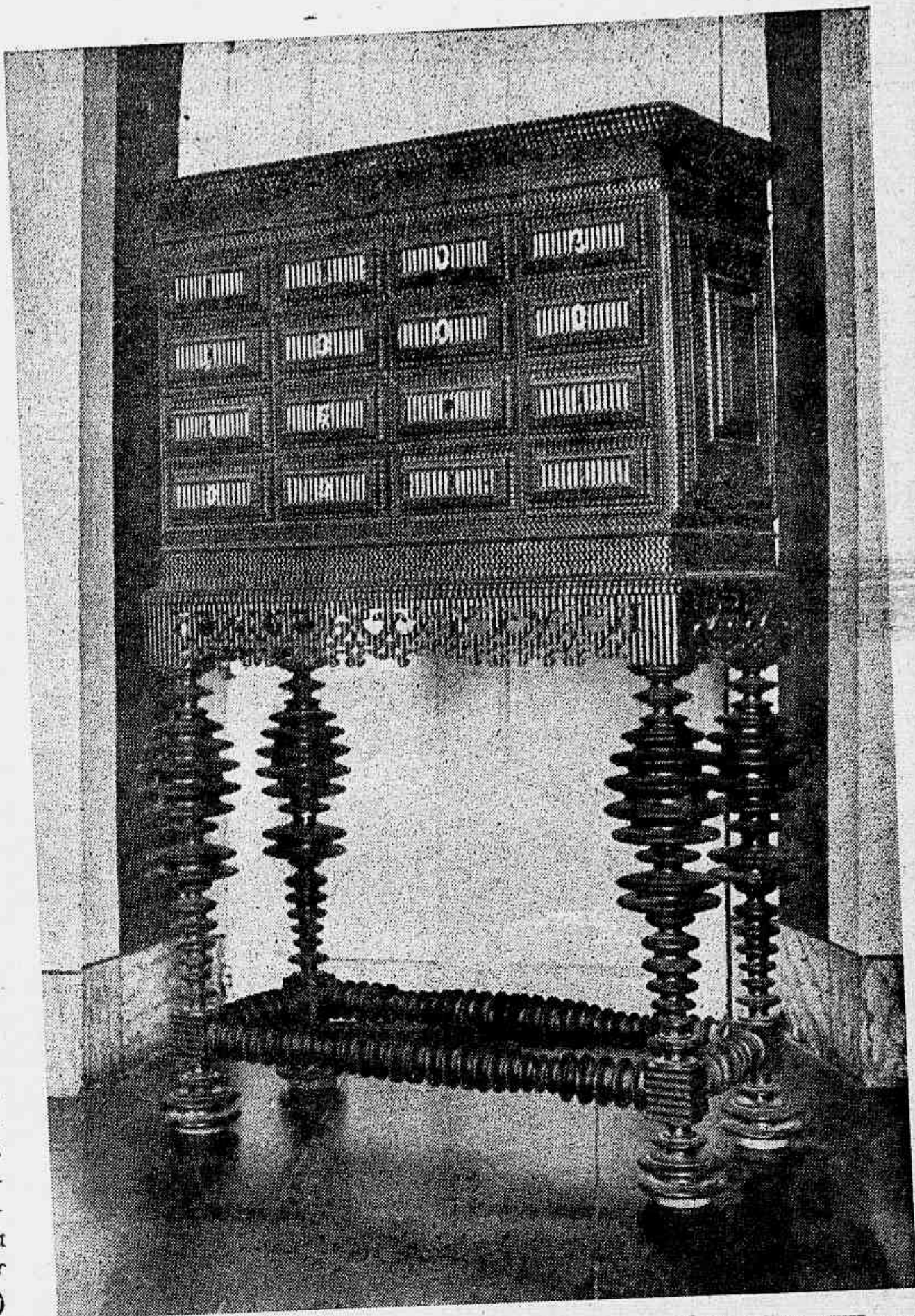
esplendor social, religioso e militar seria tão fácil reunir na Bahia.

Dai o aparecimento duma série de notáveis documentários a que se une a perfeição gráfica e a beleza do motivo — templos, altares, imagens, cibórios, azulejos, cerâmica, torêutica — em centenas de fotografias admiráveis que fazem dos seus volumes até hoje publicados — "Relíquias da Bahia", "Roteiro de Paulo Afonso" e "Fortes coloniais da cidade do Salvador" (além do último "Relíquias da terra do ouro") o que de melhor e mais rico em material e substância já se fez até hoje, no gênero, no Brasil.

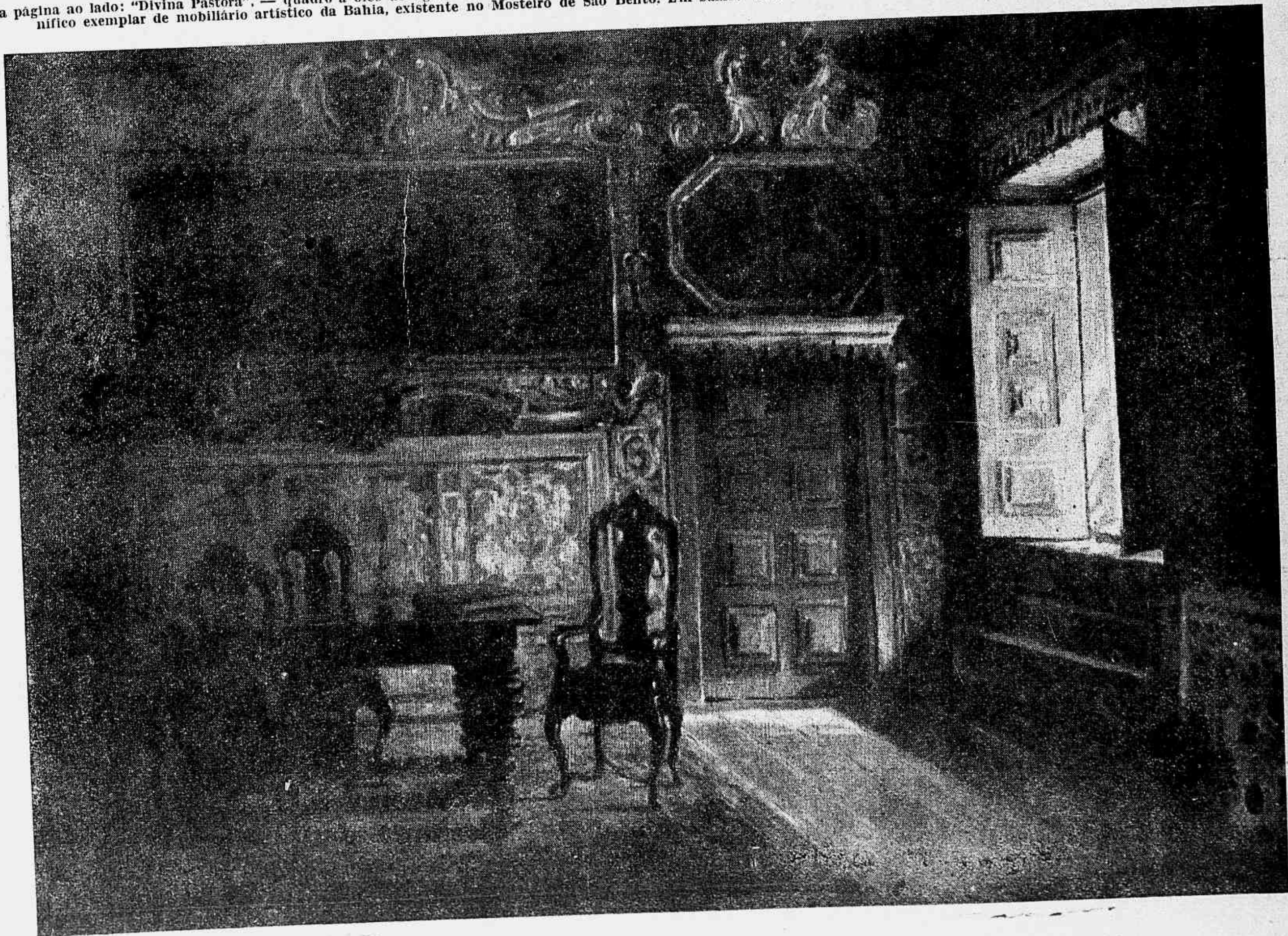
Aparecido em 1940 e constituindo atualmente raridade bibliográfica, o livro de Edgard de Cerqueira Falcão valeu como o início duma era de exaltação à Bahia, pois seu aparecimento veio simultâneo com o advento dessa aura de interesse pela terra do Salvador a que ninguém resiste hoje.

Mas não é só. A mais bela expressão da arte tradicional da Bahia se acha, como se sabe, no setor religioso, na pintura, na escultura, na arquitetura. A par dos tesouros acumulados nas suas igrejas e nos seus conventos, muito embora desfalcados já de muitas de suas preciosidades, a que o descaso de muitos anos havia desmerecido a valia, deve-se, ainda, no correr

(Continua na pag. 55)



Na página ao lado: "Divina Pastora". — quadro a óleo de Agostinho de Jesus Maria, existente no Mosteiro de São Bento. Ao alto: Contador de jacarandá, do século XVII, magnífico exemplar de mobiliário artístico da Bahia, existente no Mosteiro de São Bento. Em baixo: "Sala do cabido" — um dos famosos interiores de Presciliano Silva.



MOLIÈRE, FOTÓGRAFO DA BURGUESIA

Por
ANDRÉ WURMSER

Especial para
"REVISTA DA SEMANA"

O universo de Molière — apesar dos fantoches, convenções, pancadarias, desenlaces matrimoniais — é um mundo de Paris, Limoges e Versailles, um mundo no qual os marqueses não frequentam os mercados e os reis não casam com pastoras; um mundo cuidadosamente dividido em compartimentos estanques, mas no qual uma das classes torna-se uma força na expectativa de se tornar um poder — o que acontecerá mais depressa do que se pense: o bisneto de Lucília Jourdain será fornecedor dos exércitos da república.

E esta classe apoia-se sobre dois princípios igualmente sagrados: a família e a propriedade. A família forma-se pelo casamento, o qual está determinado pelo dinheiro. O pai resolve o casamento dos filhos, que lhe devem obediência absoluta, e é o determina em função dos seus interesses. O casamento é o grande negócio. O dinheiro o primeiro agente. Tais são os alicerces do mundo burguês, do mundo real. Tal é o fundamento das comédias de Molière.

A tragédia diviniza estes princípios fisiológicos ou sórdidos: não diz "o casamento", diz "o Amor"; não diz "a propriedade", mas "os deveres impostos pela grandeza, quer dizer, a Honra". As combinações destas palavras, escritas sempre com maiúscula, e de diversas outras deusas — a Fé, por exemplo — fornecem meditações para os lazeres dos delicados. A comédia, ao contrário, quer agradar a um público determinado, perfeitamente limitado, e Molière só se preocupa com este público quando escreve: "Qui se donne à la-Cour se dérobe à son art."

(Quem frequenta as ante-câmaras furta-se à sua arte.) Alguns certamente procurariam empregar esta frase como um argumento contra a chamada literatura de participação (em que se tornariam, aliás, perfeitamente ridículos, pois o verso encontra-se numa epístola política). Molière quer, sem dúvida, dizer que para entregar-se à sua arte — que é uma arte burguesa — é preciso fugir à corte, reservando-se para os burgueses de Paris (como, aliás, o exige sua posição se não quiser ir novamente à falência).

Quais as comédias que escreveu para a corte? Talvez "Amphytrion". Suas obras primas são escritas com a finalidade de serem aplaudidas pelo público do Ilustre Teatro, isto é, uma quantidade de Jourdain, Dandin, Orgon, Philinte e Chrysalde. Estes bons e sólidos burgueses, comedidos e tranquilos, sensíveis ao cômico sem artifícios e ao simples bom senso, respeitam talvez o rei mas desprezam certamente os marqueses e os gentilhomens, mais ou menos autênticos e, o que é pior, endividados. Pensam, como Don Juan, que dois e dois são quatro, e quatro e quatro são oito. São razoáveis e argumentadores, a não ser quando enraivecidos por aberrações mentais: o amor que se apodera dos velhos, a hipocandria, a carolice, a

avareza, o delírio de grandezas. Reconhecem-se no espelho fornecido por um homem da sua espécie que bem os conhece por ter vivido muito tempo dos seus aplausos.

Os versos de Molière não procuram deslumbrar as filhas das preciosas por um ritmo divino. Têm doze pés, sim, mas é para pisar no chão. Mas Molière conhece seu *métier*. "Nada conseguiste nele", escreve, "se não chegaste a tornar reconhecíveis as pessoas da tua época". E Angélica afirma: "Os antigos são os antigos e nos somos a gente de hoje". Respeita de tal maneira a verdade social deste "agora", que é o casamento e o dinheiro, que suas comédias são muito pouco edificantes, nunca o amor abala os sagrados princípios. Nenhum amante que seja um homem do povo. Nenhum admirador que seja um marquês. Não é por conformismo. Molière reivindica a liberdade de coração — mas sendo de igual nível social! — e ele não teme em descrever abertamente os desvios aos quais pode levar a tirania paterna. Não é conformismo: é realismo. Molière poderia ter arruinado ou enobrecido Cleante ou Cleonte: os felizes casamentos da última cena ter-se-iam tornados inverossímeis, inadmissíveis.

Os românticos virão — a burguesia ao poder casando suas filhas com fidalgos — que idealizarão estes casamentos que eram raríssimos no tempo de Molière e cantarão os vermes apaixonados por uma estrêla. Em Molière o dinheiro nunca combate o dinheiro. O dinheiro está com o amor. Nunca o amor se opõe à vontade paterna: o dinheiro acaba conciliando-a. Nunca, enfim, o amor sobrepuja os preconceitos de hierarquia das classes: um namorado burguês, rico e amado, vence um amorado burguês rico e grotesco. Todos os projetos de casamentos ridículos de todos os primeiros atos estão concebidos em função do dinheiro, mas o casamento das últimas cenas não é menos vantajoso que o outro.

"Com toda a fortuna que tendes", diz Toinette, "quererias casar sua filha com um médico!". E Argan justifica-se: "O sr. Diafoirus só tem este único filho como herdeiro. E o sr. Purgon, que não tem mulher nem filhos, dar-lhe-á toda sua fortuna em favor deste casamento. E o sr. Purgon é um homem que possui, pelo menos, suas boas oito mil libras de renda". Apesar de tão preocupado com seus curativos e sangrias, o doente imaginário não se esquece dos seus interesses, nem Arnolphe dos seus e se Elmira e a sra. Jourdain se assustam não é porque a devoção ou a ambição dos esposos seja censurável em si, mas porque sua cegueira ameaça arruinar a família.

É este respeito da verdade social que faz de Molière, para de Balzac, o campeão da burguesia do seu tempo. Falando em Molière logo chegamos a Balzac. A mesma minúcia escrupulosa no detalhe, o mesmo hino triunfal à burguesia, ávida, honesta, racionalista, insolente, a mesma importância do ouro, das leis e dos homens de lei, dos tabeliões e fiscais. Quantas descrições pormenorizadas de processos, doações, contratos, contas meticulosas, testamentos. No doente imaginário, o sr. Bonnefoi chega a ler dois artigos inteiros do Código. Quanto aos bravos comparsas, são mediantemente honestos, como acontece mesmo na vida quotidiana, onde o bem não vence o mal segundo as regras da moral, mas segundo as da sagrada e santa propriedade, num mundo no qual, afinal, Harpagon fica com o seu tesouro, porque relâmpagos celestes podem reduzir Don Juan a pó, mas seria imoral que um avarento, mesmo dos piores, fosse privado de uma parcela que fosse do seu dinheiro.

Os heróis de Molière têm, como seus versos, os pés no chão. Sua moral não é cristã, nem pobre, nem tampouco baixa. É a moral burguesa feita de compromissos, de senso prático, de honestidade sem rigorismo de Deve e Haver. Só há uma grande comédia na qual o dinheiro tem um papel secundário (sem deixar de estar presente) e só há um herói que seja heróico, moral e sincero até a grosseria: é o Misanthropo. A perda do seu processo o castigará por não ter seguido a regra geral que manda defender intransigentemente a fortuna. Todas as outras comédias desenvolvem-se em torno de moedas, promissórias, usura, tesouros, fiscais e tabeliões.

É para se apoderar dos bens de Orgon que Tartuffe finge-se de santo. Sua finalidade única é de roubar toda a fortuna do seu hóspede. Não é tanto sua imoralidade que revolta. Seu censor não é Alceste mas Philinte.

morais às necessidades diárias: Deus está, na realidade, ausente de Tartuffe. O verdadeiro crime de Tartuffe não é, portanto, contra a religião nem contra a amizade. Seu pecado imperdoável é cobiçar o dinheiro de Orgon. "Sua beatice consegue a toda hora lhe tirar dinheiro", eis o pensamento real e constante de todos. E quando Orgon, tão estranhamente enlevado pelas artes de um fingido (isto é, de um homem que, sinceramente ou não, considera a religião como mais de que uma sequência de hábitos burgueses, de tradições burguesas e de desculpas burguesas), quando Orgon está ameaçado o que é que o generoso Valério vem lhe oferecer? Sua espada? Sua vida? Não! Nada disso: mil luises de ouro!

É para conseguir dinheiro de Argante que Scapin inventa suas trapaças. E Don Juan é um sacripante de marca, pois é pior de que bigamo: está endividado. Mas este fidalgo não seria real se, por surpresa, o sr. Dimanche não no-lo mostrasse tal qual é. A intriga do avarento não está construída sobre o dinheiro do único Harpagon: a fortuna de cada personagem tem sua importância. É por causa da sua fortuna que a mulher de Georges Dandin consentiu em desposá-lo e o explica logo na primeira cena, que contém toda a moralidade da peça: "E" só pelos nossos bens que nossas mulheres nos desposam... E ela pensa que com toda minha fortuna não comprei bastante caro a honra de ser o seu marido".

Molière sempre está ao lado dos honestos burgueses contra os que os enganam. "A diferença que existe entre meio luis e uma moeda de quinze sols nada faz ao bom gosto", diz ele ao seu público, e o público de quinze sols aplaude. "Jurou-me sobre sua honra de gentilhomen", diz o sr. Jourdain. "Lerias!", responde a mulher. E o público, que bem conhece os juramentos dos nobres em busca de dinheiro, ri. "É melhor para a nossa filha um honesto homem rico e bonito de que um gentilhomen pobre e desgraçado", diz a sra. Jourdain. E o público ri, ele que reconhece seus orgulhosos inimigos nas canálicas de Dorante, que diz do seu benfeitor: "É um bom burguês bastante ridículo", e logo em seguida: "Minha senhora, eis o melhor dos meus amigos". E a sra. Jourdain, a mais natural das mulheres de Molière, diz assim duas coisas muito diferentes: que é melhor casar com um homem honesto e bonito de que com um gentilhomen arruinado e feio, e que, antes de mais nada, é melhor casar com um rico do que com um pobre, o que não é nem cristão nem "grande senhor", mas cruamente burguês.

(Cont. na pág. 50)



Molière segundo Mignard



Molière segundo um retrato atribuído a Roland Lefebvre

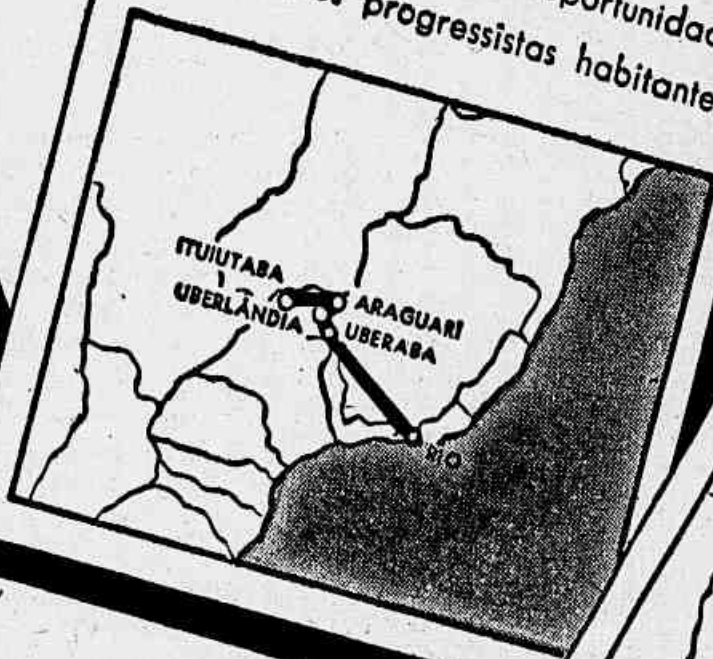
NUM PAÍS VASTO...

A DISTÂNCIA
É O PRIMEIRO OBSTÁCULO
A SER VENCIDO

O litoral é uma zona bem desenvolvida de nosso território, onde se concentra a maior percentagem de nossa população. A L.A.B. põe em comunicação os seus principais núcleos de atividade, com um transporte rápido e regular.



Aproximando o Brasil do fértil planalto do Triângulo Mineiro, a L. A. B. coloca as riquezas aí contidas em condições de serem melhor exploradas e aproveitadas, fornecendo maiores oportunidades para os seus progressistas habitantes.



A L.A.B. mantém duas linhas diárias que contribuem para a melhoria das comunicações entre Rio e São Paulo, os dois maiores centros de produção e consumo do Brasil, os dois alicerces básicos do desenvolvimento de nossa economia.



LINHAS AÉREAS BRASILEIRAS

Agência: R. Santa Luzia, 305 (Edif. Casa do Estudante) Tel: 42-3388 e 42-3398



Os esquimós aos poucos vão adquirindo os hábitos dos civilizados. Este casal está fumando cigarros. O péssimo estado de seus dentes provém da deficiência de sua alimentação.

ENTRE OS MONGÓIS DO HEMISFÉRIO OCIDENTAL

OS ESQUIMÓS, GENTE NÔMADE, VIVENDO DA CAÇA E DA PESCA, SÃO TALVEZ MAIS FELIZES DO QUE NÓS ★ DUAS VÊZES POR ANO, SOMENTE, O CONTACTO COM O MUNDO CIVILIZADO ★ COMO VIVEM E DE QUE VIVEM OS HABITANTES MAIS SETENTRIONAIS DO CONTINENTE

De RAYMOND DE LA CHAMINADE ★ Especial para REVISTA DA SEMANA ★ Fotos da Keystone Press Agency

DURANTE a guerra os esquimós que habitam o longínquo noroeste do Canadá, estiveram de atalaia, graças à construção da famosa rota do Alaska, aberta pelos governos canadense e norte-americano. Convém assinalar, entretanto, que não é nesta região que vive a maior parte dos esquimós do Domínio. Ao contrário é a leste, nos territórios que se convencionou chamar de "Este Ártico", que vivem quatro quintos dos esquimós canadenses.

Esta imensa região constitui por si só um quinto do território do Canadá. E sabe o leitor quantas pessoas vivem em caráter permanente neste vasto domínio de neve e gelo? Apenas o número irrisório de 6.000 nativos e 150 brancos.

O "Este Ártico" é formado pelo norte da Província de Quebec, a Baía James, a Baía de Hudson e o grande número de ilhas da qual a mais importante é a ilha Ellesmere, com um território maior que a Inglaterra e a Escócia reunidas. Ao todo, sua extensão atinge 320.000 quilômetros quadrados, compreendidos entre o 60º paralelo de latitude norte e o Polo Sul.

Não é difícil compreender por que tão pequeno número de pessoas habitam tão extensa região. Em vez de um clima tropical, com o verão durante quase todo o ano, como o Brasil, os esquimós vivem na zona ártica, com o inverno durante dez meses por ano. Mesmo durante o verão, o termômetro não registra a temperatura de mais de 15 graus acima de zero. Além disso, acrescente-se a queda contínua da neve durante quatro meses do ano.

Com este clima, na realidade, não é possível exploração agrícola no Ártico. Há um período de verão muito curto, e nesta época apenas as flores silvestres desabrocham. Os esquimós sabem e proclamam que nos doze meses do ano apenas em dois o gelo deixa de cobrir os campos. Como vivem então os esquimós?

Sabemos que os esquimós são provenientes da Ásia, de onde des-

cendem da raça mongólica. Embora de estatura mais elevada, rosto cheio, barba rala e olhos vitreos, na sua compleição se reconhece um mongol. Segundo os cálculos dos etnólogos e estudiosos de antropologia, os primeiros habitantes, chegaram a estas plagas do Ártico, há pelo menos 700 anos antes de Cristo.

Sob o domínio do governo do Canadá, protegidos pela Polícia Montada, os esquimós vivem atualmente da pesca, da caça e da venda de peles. Quase sempre estão de viagem, palmilhando cada dia nova rota, construído toda tarde uma cabanazinha de neve, como nômades, à procura da caça que lhes garanta a subsistência. Viajam sem parar, de um a outro ponto, obedecendo no seu itinerário apenas à época da pesca, da caça, ou à chegada dos barcos que vêm comprar peles de raposa.

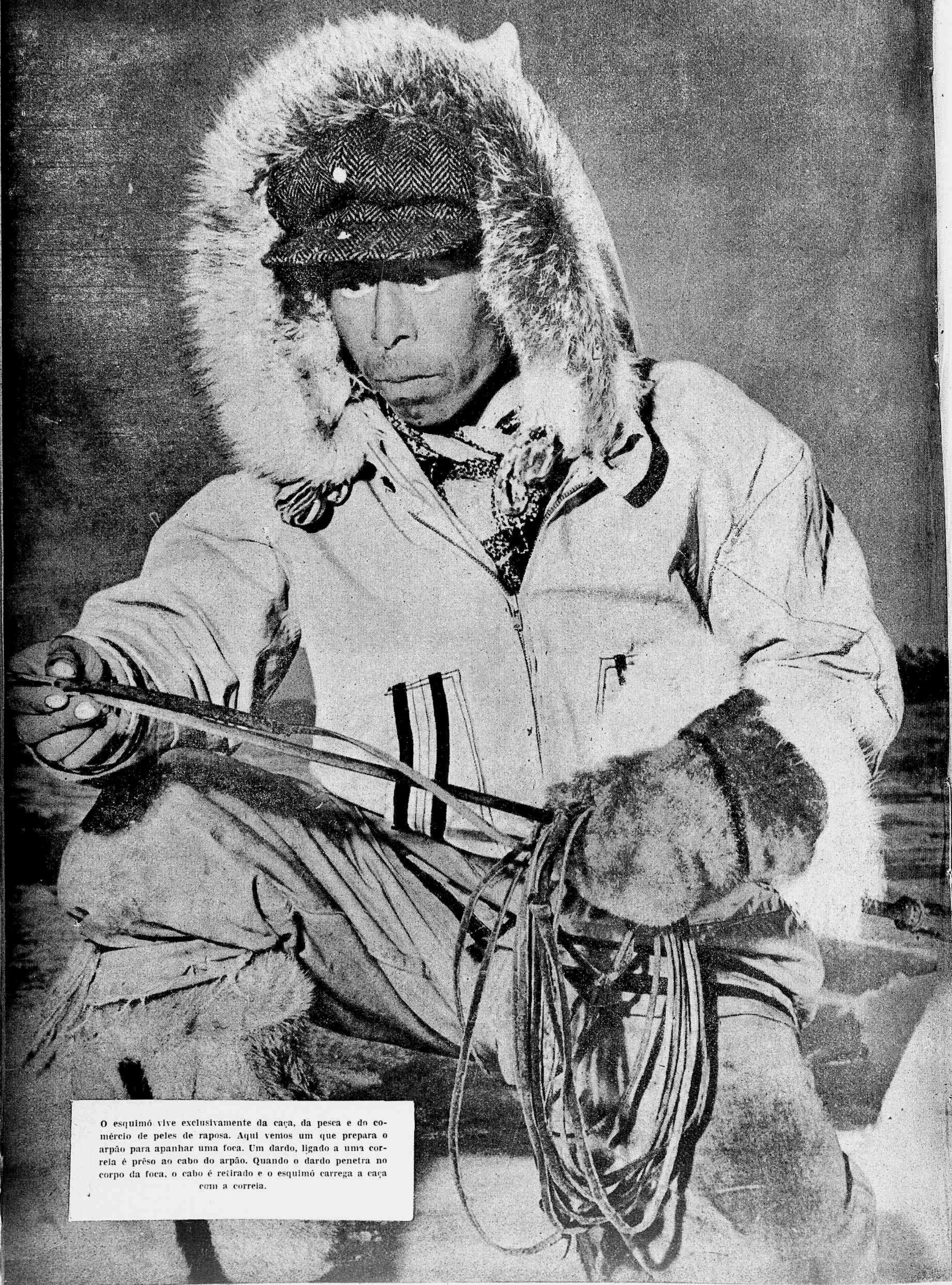
O trenó, puxado por uma parrelha de cães, é o único meio de transporte da região, desprovida de estradas de ferro e de rodagens e de quaisquer outras vias de comunicação. A população branca que vive no Ártico, composta de missionários, empregados da Companhia da Baía de Hudson, operadores de rádio dos postos de socorro, agentes da Polícia Montada, enfim todos os estrangeiros adotaram também a única condução do esquimó, o trenó.

Estes veículos são compridos e estreitos, medindo cerca de seis metros de comprimento, tirados por um número de cães de acordo com os recursos do seu proprietário. O esquimó que goza de relativa prosperidade pode ter uma matilha de vinte cães. Os cães são atrelados à frente do trenó, dois a dois, o que lhes possibilita escolher o terreno mais conveniente. Dessa forma o condutor, sentado atrás, pode guiar qualquer cão, fustigando com seu longo chicote os animais mais preguiçosos. Um trenó puxado por vinte cães pode percorrer mais ou menos 50 quilômetros por dia. Cada trenó carrega provisões e bagagens com peso de 500 a 600 quilos. As expedições geralmente se fazem

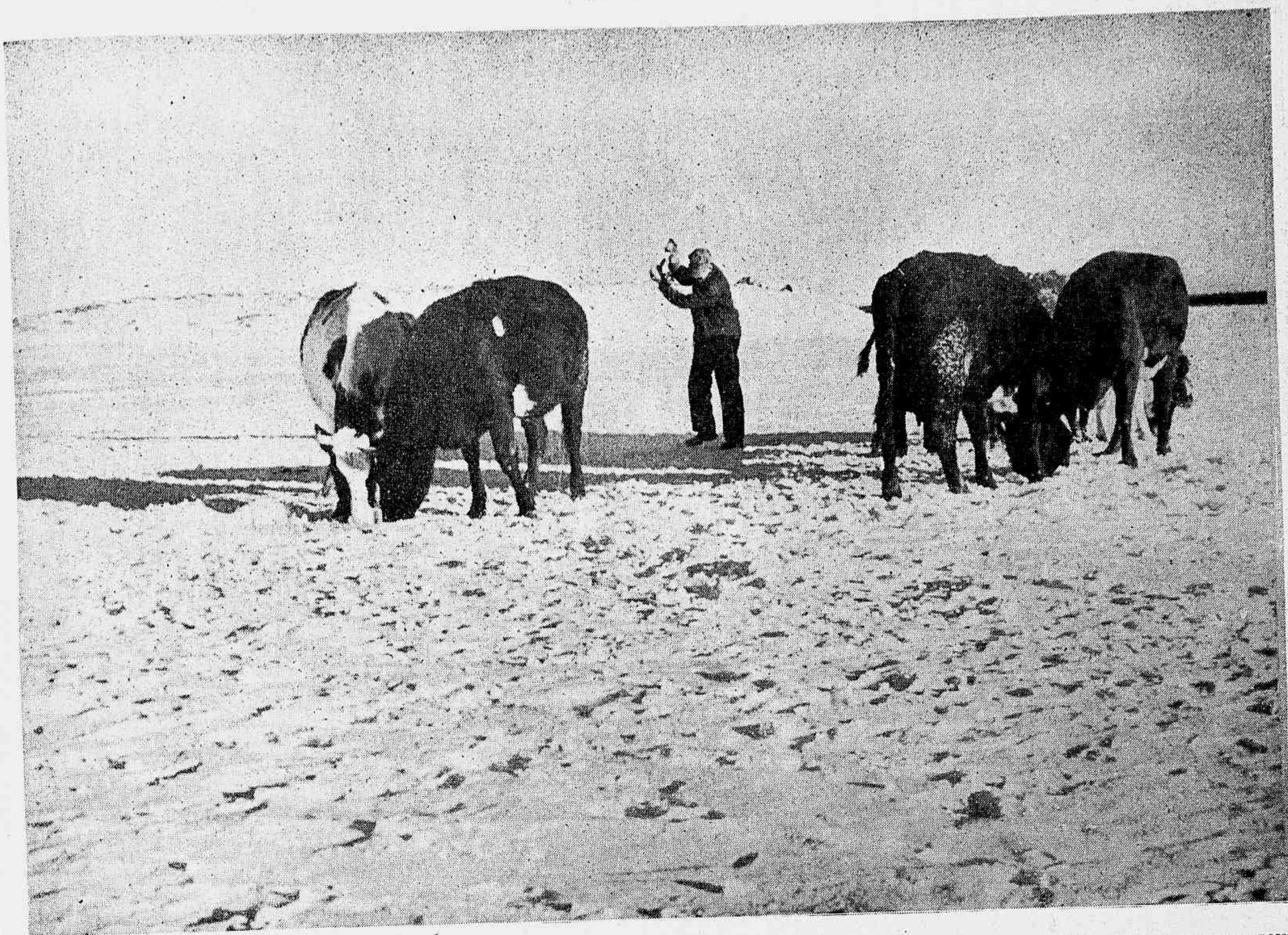
A direita, ao alto: O esquimó se casa muito cedo e geralmente tem muitos filhos. A população não aumenta em virtude dos acidentes mortais que ocorrem e do alto índice de mortalidade infantil. Vemos aqui um bebê aquecido muito bem com as vestimentas de sua mãe. Durante os dois ou três meses de verão, o "iglou" é substituído pela tenda. As tendas são de pele de foca e, nas regiões mais próximas dos centros populosos, de telhas à prova d'água. Em baixo: Vemos, o "iglou", tipo de habitação que o esquimó constrói para passar a noite. É feita de blocos de neve. Se o esquimó decidir morar mais algum tempo, revestirá o interior de peles de animais, afim de torná-la mais confortável. Nesta foto ao fundo, vemos uma floresta. Ultrapassada a que se chama a "linha das árvores", não há mais vegetação, porque a camada de terra que cobre a rocha é muito fina. Observe-se como os esquimós dispõem os cães no trenó, possibilitando independência de movimento a cada um e facilitando o controle da matilha pelo condutor. No Este Ártico, a região menos conhecida do Canadá, o cão e o trenó, constituem quase o único meio de transporte para os 6.000 esquimós que vivem da caça e da pesca.





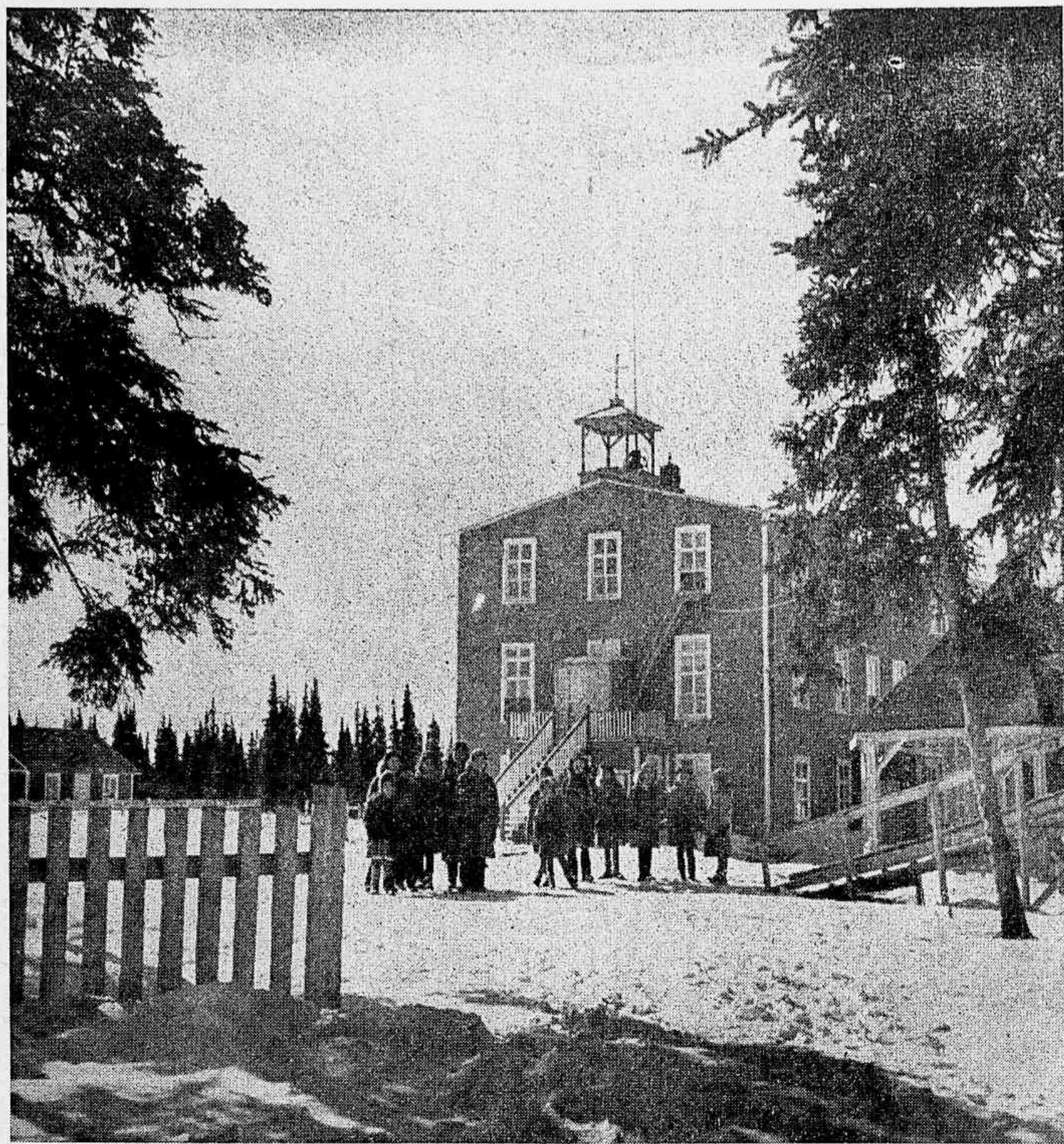


O esquimó vive exclusivamente da caça, da pesca e do comércio de peles de raposa. Aqui vemos um que prepara o arpão para apanhar uma foca. Um dardo, ligado a uma correia é preso ao cabo do arpão. Quando o dardo penetra no corpo da foca, o cabo é retirado e o esquimó carrega a caça com a correia.



Ao alto: É coisa rara gado no Este Ártico do Canadá. Os postos do governo possuem algumas cabeças. Os da fotografia pertencem à uma missão anglicana. Para que possam beber é preciso abrir buracos através o gelo. Em baixo: O caçador que se vê à direita, percorreu 188 kms. de trenó, puxado por cães, para chegar a Moosones, ponto terminal da Estrada de Ferro da Baía James.





No norte da Província de Quebec, em Fort George, nas margens da Baía James, o governo e as missões católicas mantêm uma escola para as crianças esquimós das vizinhanças. Em baixo: Para as viagens à longa distância, o governo canadense mantém um serviço aéreo. Vê-se aqui um esquimó doente que o avião transportou a Moosonee, para receber a assistência do Hospital das missões católicas. A aterrissagem do avião se faz em campos de gelo, por meio de "skies".



Esta magnífica foto ilustra bem os costumes dos esquimós. Estes dois estão à caça da foca. O da direita, prepara-se para lançar o arpão sobre um animal. A caça da foca exige muita habilidade e sobretudo muita paciência, pois muitas vezes acontece que o caçador deve esperar duas ou três horas a saída do animal pelo buraco feito no gelo.

ao longo dos terrenos alagadiços que gelam com mais facilidade do que nas terras do interior.

Como povo quase nômade, o esquimó geralmente constrói suas casas no curso de suas viagens. Geralmente faz uma pequena cabana, em uma hora, ajuntando blocos de neve. No dia seguinte, abandona a casinhola e prossegue viagem. Se, entretanto, calha construir a cabana em local favorável à caça e à pesca, o esquimó nela habita durante vários dias, atapetando as paredes de neve com peles de foca ou de urso, para torná-las mais quentes.

Os habitantes das terras árticas do Este do Canadá dependem exclusivamente dos produtos da caça para seu vestuário e sua subsistência. A alimentação básica desse aglomerado humano é a carne de foca. As vezes comem carne de urso, de baleia, de peixe ou de aves, como os gansos que visitam esta região nos dois meses do verão. Entretanto, a foca é, por excelência, o animal que o esquimó prefere para nutrir-se com sua família. Em segundo lugar vem o alce, o maior animal que habita as regiões árticas. Caçam-no devido à sua carne, à sua pele, que dá ótimo vestuário. A pele grossa do urso polar é também procurada para o vestuário e os cobertores de cama. Quanto à carne do urso o esquimó a utiliza principalmente para alimentar os cães. Caçam também a baleia, mas a pequena, porque a grande, a dos mares do Sul desapareceu completamente de suas águas, não se encontrando atualmente no Ártico senão pequenos mamíferos, de cerca de quatro metros de comprimento. Es-

(Cont. na pág. 50)



Em todo o Este Ártico do Canadá vivem apenas 150 brancos. Entre estes encontra-se o dr. T. J. Orford, que se vê aqui examinando um esquimó de uma família do Norte de Quebec, em Port Harrison. Todas as crianças são examinadas cuidadosamente. Este está tuberculoso e será levado para o sanatório mais próximo.



Quando dispõe de madeiras, o esquimó constroe uma pequena plataforma na qual guarda o produto da caça e da pesca, ao abrigo dos cães errantes. Nas regiões mais afastadas, onde não se encontra madeira, os esquimós enfurnam suas provisões na rocha.

Broadcast

A migração é fenômeno característico do meio radiofônico. Os grandes cartazes, em sua totalidade, provêm de outros centros. Assim aconteceu com o locutor César Ladeira. Repetiu-se o caso com Celso Guimarães. Confirmou-se com o rádio-autor Amaral Gurgel. Vindos da terra paulista, firmaram-se no ambiente radiofônico do Rio. Hoje, com atuação definida no "broadcasting" carioca, desfrutando extraordinária popularidade, esses três radialistas bendizem a hora em que procuraram o Rio para aqui dar maior expansão ao seu talento.

Outros, após terem conquistado os aplausos dos ouvintes cariocas, embrenham-se pelo interior do país, à conquista de novos fãs. E muitos deles foram bem sucedidos em suas

EMIGRAÇÃO

peregrinações artísticas, nas temporadas que fizeram fora do Rio. É o caso do cantor Ronaldo Lupo, ora em Curitiba, e do humorista Januário de Oliveira, atualmente na Paulicéia. Eles não se preocupam com as estações cariocas. Preferem continuar sendo aves de arribação. Ora se apresentam ao microfone de uma emissora gaúcha, ora cantam para os ouvintes de uma estação nordestina. Existem, ainda, os que emigram para fora do país. Carmen Miranda foi uma. Seguiram-lhe o exemplo sua irmã Aurora, Fernando Alvarez, Dick Farney, Marilu, Elvira e Rosina Cozzolino — as irmãs Pagãs — e Alzirinha Ca-

margo. Esse punhado de "astros" do "broadcasting" brasileiro se tem mantido distante da terra que lhe serviu de ponto de partida para a carreira radiofônica. Uns, com invulgar sucesso; outros, com êxito apenas relativo. Carmen, por exemplo, não só conquistou o público ianque, como, também, o inglês. Quanto a Dick Farney, foi interpretando melodias americanas que triunfou nos Estados Unidos.

Provenientes de todos os recantos do Brasil, afluem constantemente novos artistas para o Rio. Aqui é que se faz cartaz. Daqui é que se projeta o nome do artista, a fim de que ele possa depois ir além das nossas fronteiras, à conquista de novas glórias.

A. MIGUEIS.



Carmen Miranda, depois de filmar "A Date With Judy", em technicolor, na Metro, foi tomar Londres de assalto. A criadora de "Que é que a baiana tem?" fez um tremendo sucesso no famoso Palladium.



Elza Miranda, a "rainha das bananas", atualmente em visita ao Rio de Janeiro. Que título, o que lhe deram!

ASTROS E NEBULOSAS

Nos primeiros dias do mês corrente estreou ao microfone da Rádio Nacional, através do Programa César de Alencar, a cantora Elza Miranda, "estrela" da Columbia Broadcasting System, de tal maneira se conduziu na interpretação da música popular "Chiquita bananas", que foi agraciada com o título de "Rainha das bananas". Além disso, foi escolhida para madrinha de um navio transporte dessa vitaminosa fruta.

★ Oduvaldo Viana, conhecido escritor de novelas, entregou ao elenco rádio-teatral da Tupi sua mais recente produção, intitulada "Os maltrapilhos". Assinalando o lançamento dessa nova história em capítulos, a emissora associada instituiu movimentado concurso, o qual distribuiu sete mil cruzeiros aos vencedores.

★ O movimento artístico na Rádio Globo atravessa uma fase de intensa atividade. Almirante, o vitorioso autor de tantos programas de sucesso, prepara um novo "broadcast" a ser apresentado através do Programa Casé, além dos apreciados "Anedotário das Profissões" e "Incrível! Fantástico!".

★ Atualmente há nos Estados Unidos cerca de trinta estações com programas de televisão, enquanto que cinquenta e oito aguardavam autorização da Comissão Federal de Comunicações. A estimativa para aparelhos receptores de televisão no corrente ano é de setecentos e cinquenta mil. No Brasil, a P.R.G-3 apresta-se para utilizar tão extraordinário invento, já tendo encomendado a aparelhagem necessária.

★ Antônio Maria, conhecido radio-man patricio, autor de diversas realizações

vitoriosas, fixou residência no Rio. Tal fato prende-se à sua nomeação para diretor de "broadcasting" da Tupi, cargo em que substituiu o sr. Gilberto de Andrade.

★ Zé e Zilda já regressaram da excursão ao norte do Brasil, onde tiveram oportunidade de interpretar os números de sucesso do repertório de ambos. Reaparecendo na programação de estúdio das "associadas", a dupla lançou "Feijão duro", "Chegando sempre" e "E' p'ra teu governo", três números humorísticos que prometem abafar.

★ Anuncia-se que a popular "Conversa em família", um dos programas mais falados do momento, foi comprada por importante firma pernambucana. Assim, esse ouvidíssimo cartaz da Rádio Globo passa a ser transmitido sob exclusividade, sob a orientação de Kurt Leonardo e desempenho de Urbano Lóes, Raul

Brunini, Sérgio de Oliveira e Luis de Carvalho.

★ Odete Amaral e Ciro Monteiro voltaram a reformar o contrato que os segurava à Rádio Mayrink Veiga. Os conhecidos intérpretes da música popular afirmam estar satisfeitos com a situação reinante na P.R.A-9, daí permanecerem firmes a seu microfone. Outros, porém, não pensam do mesmo modo, razão de procurarem novo prefixo.

★ Será lançado no decorrer deste mês mais uma realização de Raimundo Lopes para o microfone P.R.E-3. Trata-se de

"No reino da fábula", em que o conhecido radio-man focalizará de maneira sugestiva lendas e histórias de sentido moral.

★ Mário Provenzano está trabalhando para dar maior impulso ao departamento desportivo da Rádio Tamoio. Além das transmissões feitas dos campos, pretende o conhecido locutor desenvolver o serviço de reportagens, reunindo elementos conhecedores do assunto. Com isso, a P.R.B-7 voltará a desfrutar a projeção que sempre teve entre os aficionados do desporto.

★ Paulo Gracindo foi escolhido para viver o papel central de "Estréla da manhã", filme que contará, ainda, com a participação de Dorival Caymmi. Outros elementos do "broadcasting" carioca, possivelmente, entrarão nesse celulóide.

★ Grande Otelo voltou ao noticiário da imprensa. Desta vez o artista "colored" apareceu como queixoso, vítima que foi do empresário do circo Atlântico. Felizmente, na delegacia, ele levou a melhor.

★ Odir Odilon desistiu da viagem à terra americana, assinando contrato com a Cia. Derci Gonçalves. Sua presença no palco do velho Recreio deu-se através da revista "Manda quem pode", de Ari Barroso e Luis Peixoto.

★ Mais um programa de Kurt Leonardo — "Conversando com o Brasil". Irradiado pela P.R.E-3, às segundas, quartas e sextas-feiras, às vinte e três horas, ele tem em Urbano Lóes um de seus pontos altos. Neste "broadcast" são

focalizados assuntos de palpitante interesse para a coletividade.

★ Nestor de Holanda anuncia para breve "Narrativas maravilhosas", que será levado ao ar com o concurso do elenco de rádio-teatro da Globo. Também Luis Serrano promete uma original atração musical.

★ A respeito da pianista Luci Sales, que "Ondas Musicais" está apresentando, escreveu Andrade Murici: "Tive como a revelação duma pianista que será alguém e duma rara natureza musical". Ela poderá ser ouvida, todos os domingos, das 10 às 11 horas, pelas emissoras Tamoio, Nacional e Globo.

★ José Mauro continua atraindo para suas realizações o interesse da crítica e do público ouvinte. Conhecedor dos segredos radiofônicos e dono de alentada cultura, não lhe é difícil apresentar programas de real valor. "Alice no país da música", que ele vem de lançar ao microfone P.R.G-3, diz bem da sua capacidade de produtor.

★ Anuncia-se como certo o retorno de Guerra Peixe às hostes da Rádio Globo. O conhecido maestro, ao que tudo faz crer, não chegou a assinar contrato com a Nacional, razão de ser apontado como o futuro condutor da orquestra da P.R.E-3. Fala-se, também, no contrato de Carioca.

★ A Tupi está seguindo o exemplo da P.R.E-3, no que diz respeito aos cartazes internacionais. Agora mesmo, depois da temporada de Eva Garza e Carlos Gil, ela está apresentando o barítono Lucas Gouthier. Esse artista argentino pela primeira vez canta para os rádio-ouvintes cariocas.



Altivo Diniz, além de ator radiofônico da Rádio Nacional, é funcionário do Ministério do Trabalho.

DUPLAS PROFISSÕES

Fora do microfone o rádio-ator Altivo Diniz é funcionário do Ministério do Trabalho; o novelista Oswaldo Gouveia, inspetor escolar; a rádio-atriz Nilza Magrassi, professora municipal; o "broadcaster" Paulo Roberto, médico da Prefeitura; o novelista Caspary, cirurgião-dentista; o humorista Jorge Murad, contador; a rádio-atriz Ismênia dos Santos, funcionária de uma instituição de previdência; o locutor Claudio Mancini, médico da A. B. R.; o cantor Moreira da Silva, funcionário da Assistência Municipal; o humorista Carlos Navarro de Andrade, guarda da Polícia Municipal; a locutora Maria Aparecida, professora pública; o cantor Francisco Alves, negociante em Miguel Pereira; o redator Raimundo Lopes, fotógrafo amador; o locutor esportivo Ary Barroso, vereador municipal, e a radialista Magdala da Gama Oliveira, professora de música. Para alguns deles, o rádio é um biscoite. Para outros, o biscoite é a outra profissão...



Nilza Magrassi, figura popular entre as nossas rádio-atrizes, é professora de português, na Escola Dramática Municipal.

VIDA

Literária

LOUIS BROMFIELD E SUAS EXPERIÊNCIAS COMO FAZENDEIRO

Louis Bromfield, um dos grandes nomes da literatura norte-americana do presente, — conhecido no Brasil através das traduções de vários dos seus romances, entre os quais "E as chuvas chegaram", — possui uma fazenda em Lucas, no Estado de Ohio. É a fazenda Malabar, onde tem sua residência permanente e onde ele próprio trabalha no campo, arando e plantando, — quando não está hospedado em um hotel de Nova York para conferenciar com seus editores, ou em um apartamento de Hollywood, preparando o "script" de um filme. Louis Bromfield confessa ter ganhado mais dinheiro com a literatura (especialmente depois que começou a vender romances e contos para o cinema) do que com a fazenda, mas que esta é indispensável ao equilíbrio de sua vida, pois só ali, realmente, sente recuperar plenamente a dignidade humana conferida pelo trabalho rudo. Agora, escreveu ele a história de um ano de vida na fazenda Malabar, sob o título singelo de "Malabar Farm", lançado pela casa Harper & Brothers, com quarenta e duas ilustrações desenhadas por Kate Lord.

Otimo narrador, contando coisas que tanto interessam ao homem do campo como ao homem da cidade, é esse o primeiro ensaio de natureza autobiográfica tentado pelo autor de "Mrs. Parkington" e "Green Bay Tree".



O fazendeiro Louis Bromfield, autor de "Malabar Farm".

dias, dirigida por Jean Clairjols e Henri Rollan, prestes a estrear no Teatro Municipal, na temporada oficial de 1948, vai nos dar, finalmente, uma obra de Jean Paul Sartre, o discutido líder do existencialismo francês. Essa peça é "Huis Clos", que fez sucesso na França e fracassou em Nova York, onde esteve em cena apenas sete dias. Por ser uma peça curta, "Huis Clos" será representada juntamente com outra obra do repertório daquele elenco francês.

QUEIXAS DE AFFONSO SCHMIDT

Em um artigo de Richard M. Morse, publicado no suplemento literário do "New York Times", sobre "A vida literária no Brasil", encontramos o seguinte trecho:

"Affonso Schmidt, cujos romances históricos são largamente conhecidos, outro dia se queixava a mim de que um editor pagou menos pelo seu último livro do que pelo modesto anúncio que inseriu nos jornais para apregoar a edição."

UM CAPÍTULO NOVO. DEPOIS DE PRONTO O LIVRO

Ao revêr as provas de seu novo romance, a escritora Lúcia Benedetti, que os leitores de REVISTA DA SEMANA frequentemente encontram nestas páginas, achou que estava faltando um capítulo, essencial ao bom desenvolvimento da narrativa. Esse capítulo, anteriormente, fora eliminado de "Noturno sem leito" pela autora, porque lhe parecera supérfluo... Tendo destruído o original, não lhe restou outro recurso senão sentar-se à máquina de escrever e levar um dia inteiro para reconstituí-lo...

BALZAC RECOMENDA STENDHAL

Editando em nosso idioma "A Cartuxa de Parma", obra prima de

Stendhal, que Vidal de Oliveira traduziu com apuro, a Livraria do Globo, de Porto Alegre, teve a feliz idéia de fazer anteceder o volume o magnífico estudo crítico que Balzac escreveu sobre aquele famoso romance. Esse estudo é bastante elucidativo, especialmente no que se refere à identificação de alguns dos personagens do romance de Stendhal. Mosca, como se sabe, é o retrato do príncipe Metternich, o genial diplomata austríaco. "A Cartuxa de Parma" foi filmada recentemente na Itália, por um consórcio cinematográfico franco-italiano, como REVISTA DA SEMANA teve oportunidade de publicar.

SARTRE, AFINAL, NO NOSSO TEATRO

A Companhia Francesa de Comé-

UMA CHILENA TRIUNFA NOS ESTADOS UNIDOS

Maria Luisa Bombal, a jovem e brilhante escritora chilena, que se radicou nos Estados Unidos, acaba de ter seu segundo livro publicado em inglês, por uma editora norte-americana. O primeiro, que obteve grande venda foi "House of Mist". O segundo, que acaba de ser editado e está sendo anunciado com grande destaque nos jornais americanos, se intitula "The Shrouded Woman". Maria Luiza Bombal, Ciro Alegria e Érico Veríssimo são hoje os ficcionistas sul-americanos mais divulgados nos Estados Unidos.

Um livro de Eisenhower



O general Eisenhower, numa caricatura de Berger.

O general Dwight D. Eisenhower, comandante em chefe das forças aliadas na Europa, acaba de aparecer como autor em "Eisenhower Speaks", livro lançado por Farrar, Strauss & Co., de Nova York, e coordenado por Rudolph L. Trenenfeld. Nesse volume de trezentas páginas figuram proclamações, mensagens e discursos do famoso soldado, inclusive uma carta na qual ele declara não alimentar qualquer ambição de natureza político-partidária.

JOSEPH GOEBBELS ESCREVE UM "BEST-SELLER"

UMA das sensações literárias dos últimos tempos vem sendo constituída pela publicação de "diários" e "memórias" de personalidades famosas. Tivemos há pouco o "Diário" do conde Clano, genro de Mussolini, mandado fuzilar pelo próprio sógro quando contra ele se insurgiu. Tivemos as "Memórias" de Winston S. Churchill, com muita coisa interessante, sem dúvida, mas também com muita prolixidade e uma boa dose de egocentrismo, coisa de que o velho líder conservador britânico não consegue libertar-se. Tivemos as "Memórias" de Cordell Hull, o homem ilustre que, durante a guerra, conduziu os rumos da política exterior dos Estados Unidos, aconselhando Roosevelt, às vezes até divergindo dele, entrando em contacto com homens como Churchill, De Gaulle, Stalin, Molotov, Litvinoff e tantos outros.

Tivemos as reminiscências de James F. Byrnes, sob o título de "Falando francamente" e temos, agora, a mais sensacional de todas essas proezas literárias, — o "diário" do nazismo, do minúsculo e claudicante Joseph Goebbels.

Nos Estados Unidos, onde apareceram em volume, as anotações de Joseph Goebbels causaram a mais viva impressão, — a impressão que nos causa um homem diabólicamente inteligente, embora servindo a

uma causa inteiramente injusta, errada, perdida. Nada menos de 300.000 exemplares foram vendidos.

Houve críticos que compararam a desenvoltura e a sinceridade desses escritos com as de Benvenuto Cellini, na sua famosa autobiografia, e às de Samuel Pepys, no seu famoso "Diário". Joseph Goebbels, o suicida de Berlim, o homem que preferiu a morte pelo veneno à morte da fôrça de Nuremberg — tão certo estava ele de que não escaparia com vida, — conseguiu postumamente esta proeza: ser autor de um "best seller" nos Estados Unidos... No Brasil, ex-certos desse "diário" estão sendo publicados na imprensa. Quem os tem lido não pode deixar de admirar a segurança do estilo de Joseph Goebbels, a sua capacidade de formular julgamentos penetrantes em meia dúzia de palavras, a lucidez de suas análises sobre erros e falhas da organização germânica, etc. Imaginamos o que não seriam as memórias de Churchill se tivessem sido filtradas através de um estilo enxuto e breve como o de Joseph Goebbels. Sem dúvida, alguma coisa de verdadeiramente novel. Goebbels era, na verdade, uma inteligência prodigiosa, uma grande cabeça. Embora sendo uma grande cabeça errada e uma prodigiosa inteligência voltada para o mal... — R. M.



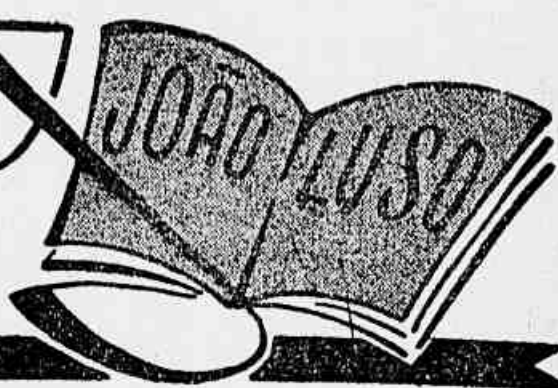
Emílio de Menezes. Faz trinta anos que ele desapareceu. Ninguém se lembrou dele, — nem mesmo seus velhos companheiros de boemia...

O 30.º ANIVERSÁRIO DA MORTE DE EMÍLIO DE MENEZES

Os habitantes de Curitiba comemoraram a passagem do 30º aniversário da morte de Emílio de Menezes, o magnífico poeta e boêmio inveterado, colocando uma placa de bronze em sua sepultura, na capital paranaense. No Rio, a cidade de que ele foi uma das figuras mais populares, com sua figura volumosa, seu chapéu, seus enormes bigodes, seus trocadilhos e sua veia satírica, não houve comemoração alguma. Nem mesmo a Academia Brasileira de Letras se manifestou, o que, de resto, é natural, pois Emílio de Menezes foi eleito acadêmico mas nunca tomou posse, em razão de ter sido considerado "inconveniente" o seu discurso de posse... Em lugar de escrever outro, mais moderado, o que ele fez foi forjar os mais mordazes epigramas contra vários dos seus colegas de Academia, como Paulo Barreto, Lauro Muller, Oliveira Lima e outros...

LIVROS

Novo



CONTOS DO RIO VERDE

★
DE CARLOS DA SILVA
ARAÚJO

★
Rio de Janeiro
1948

O sr. Carlos da Silva Araújo é um apaixonado de Caxambu. E que homem ou mulher, velho ou criança, tende simplesmente visitado aquela cidadezinha sul-mineira. Não consagra verdadeiro amor? A beleza de Caxambu provém de alguma coisa envolvente, insinuante e difícil de explicar. Não está na perspectiva das ruas, as quais, sem as filas de ibiscos com que algumas se enfeitam, se assemelhariam, todas elas, a quaisquer outras; nem nos edifícios, porque, excetuado um hotel, não oferecem qualquer superioridade ou particularidade de edificação; nem nos panoramas, porquanto a localidade pouca ao fundo de uma encosta, de onde para todos os lados se sobe. Para gozar uma vista pitoresca e larga, tem a gente que montar a cavalo ou tomar uma *charrette* e deslocar-se bastante da zona urbana. A sedução está, pois, no "meio", no ambiente; vem para dentro de nós, respira-se; e, tendo nos penetrado o coração, nunca mais este a esquece ou passa a querer-lhe menos bem. Ora, o autor do presente livro não conhece Caxambu, somente como turista ou como, para empregarmos a designação local, aquático. De certo modo, é de Caxambu. Dá-se, por assim dizer, como todos os habitantes e todos como a parente próximo o estimam; anda pelas imediações como se realmente sempre ali tivesse vivido; e donos de fazenda ou sítio e simples roceiros o acolhem com efusão, fazendo-o interessar-se pelos seus casos de política, de família, de negócios e também pelas suas anedotas. Eis o livro.

No livro entram vários gêneros de contos: o histórico, o naturalista, o sentimental, o humorístico. Algumas vezes, o narrador eruditamente remonta ao passado, para nos dizer como certa povoação nasceu e se desenvolveu — pela mineração, a lavoura ou a pecuária; e assim, também nos explica as lendas ou nos revela a causa primária das tradições. Outras vezes, conta-nos práticas e feitos de uma gente tão definida nos vestígios ancestrais que conserva e naquilo que veio acrescentando ou modificando na herança de raça. A exposição, sem prejuízo do estilo pessoal, obedece à natureza, à imposição do assunto: ora se distende em detalhes descritivos, deduções, comentários, ora se movimenta ou precipita em situações e desfechos teatrais. Um dos contos: *A terra que os olhos virem* fala do conflito armado entre um dono de terras, que ambicionava dilatar os seus domínios, ao bem ou à força, até onde da varanda da sua casa se avistasse, e uma família, mãe viúva e dois filhos extremosamente apegados ao tecto e ao torrão que o chefe lhes legara. A história é contada com singeleza e vigor, em linguagem direta e segura; e parece-nos que um Maupassant poderia sem desdouro assinar estas páginas.

Um dos recursos vitoriosos e o que predomina na obra do sr. Carlos da Silva Araújo, consiste em combinar a realidade e a ficção de maneira a ficarem as duas em perfeita harmonia. Aos homens antigos que por aquelas terras correram aventuras e praticaram feitos memoráveis se juntam os indivíduos de hoje, com a sua existência retirada, toda na sombra, mas na qual não deixa de haver também graves riscos a afrontar e nobres empresas a realizar. Aqui nos aparece o idílio bem rústico, bem roceiro, ali o rasgo de bondade, heroísmo ou abnegação; e uma ou outra velha historietta, como a do capira que, antes de intentar a demanda, vai consultar o advogado, apresentando-se como se fora o outro contendor — uma ou outra facécia mantida na tradição oral pelas conversas de jardim público e de ao pé do fogo, recebe do contista um trato que a reanima, a renova e, a bem dizer, toda a originalidade.

Nos *Contos do Rio Verde* a Imaginação e o Fato se casam e, como nos romances e comédias mais amáveis, ambos são muito felizes.

O Povo na Literatura Portuguesa

★
SELEÇÃO E PREFÁCIO
DE JOÃO DE BARROS

★
Livreria Editora
Guimarães & Cia.
Lisboa — 1948

E' uma antologia sábia e atentamente organizada com um fim ou num sentido especial. Trata-se de colher em cada homem de letras, português dos mais ilustres e de mais amplo prestígio, alguma coisa em que melhor se retratasse, se definisse o próprio povo. Há a obra de imaginação e de arte meramente ou sobretudo pessoal. Esta pertence a qualquer pai, tanto vale dizer que se não; é de nenhum. Nasceu de uma individualidade, para, conforme a sua aspiração de origem e o engenho da sua execução, se restringir à roda íntima do criador ou se expandir, correndo pelo mundo. Há outra obra que procede do meio, do ambiente em que se vive, para ser sentida e interpretada. Vem por herança ou se transmite pelo envolvimento da personalidade. Traz em si a inteligência, o caráter, o sentimento que dominam nas manifestações coletivas de uma época ou de sempre. Pertence ao povo ou à raça. E não pode ter outro dono. O cuidado exigido para a composição do presente florilégio consistia, pois, na escolha de trechos e passagens de livro onde o povo português entrasse predominantemente com os seus júbilos e os seus sofrimentos, as suas paixões e as suas misérias, as suas lutas vitoriosas e os impressionantes sacrifícios; os seus momentos de tristeza ou desânimo, as suas horas de heróico ressurgimento — e sempre com a substância original, a própria essência da sua alma. Ora, semelhante tarefa, ninguém de certo a cumpriria melhor do que esse mestre sempre estudioso, poeta como poucos, artista completo que é o sr. João de Barros.

A relação dos autores, que principia no século XV com Fernão Lopes e termina em 1908 com Antônio Arrôio, compreende trinta e seis nomes. Cada um deles vem precedido de uma rápida nota biográfica e de comentário crítico. E outro volume, com excertos de autores contemporâneos, aparecerá brevemente, completando a obra.

Futuro da língua portuguesa no Brasil

Estudos e artigos de polémica de Agostinho de Campos. Prefácio de Serafim Silva Neto

Edições Dois Mundos
Rio de Janeiro
1948

Agostinho de Campos, que os leitores tanto admiraram na seção *Pombos correios do Jornal do Comércio*, em colaboração com Alberto d'Oliveira, mantinha ali uma feição decidida, insubmissa, não raro paradoxal, mas sempre cativante. Essas páginas breves, de singular espontaneidade, vieram depois a formar dois volumes: *Europa em guerra*, *O homem lobo do homem*; e, assim reunidas, tão lógica e intensamente relacionadas entre si, assumiram, com uma eloquência nova, todo o seu valor. O cronista expendia, às vezes, acerca, por exemplo de alemães e Aliados, juízos que vinham de encontro ao pensar da grande maioria dos leitores e ao critério do próprio jornal. Nem por isso os seus *Pombos* deixavam de ser procurados e apreciados. Era forçoso respeitar a probidade e o brilho daqueles comentários. Podia a gente não os seguir nas conclusões dogmáticas; negar-lhes, porém, a agudeza, a elegância, a vivacidade, isso, nunca.

Esses requisitos de alto jornalismo num temperamento amigo de combater tornaram Agostinho de Campos um polemista, não dos mais temíveis porque a sua maneira era sempre educada e amena, mas, sem contestação possível, dos mais interessantes. E, filólogo excelente como era, devoto das boas normas e do bom gosto do estilo, cioso da pureza do idioma que superiormente conhecia e cultivava,

Bem andou o sr. João d'Antas de Campos promovendo a publicação póstuma desta obra de seu ilustre pai. Pena seria que tais trabalhos, escritos em várias ocasiões, para vários periódicos, mas sobre o mesmo assunto e com a mesma orientação, ficassem restritos, condenados ao esquecimento, nos arquivos da imprensa.

não lhe faltavam ensejos para tomar a pena, como nobre espada, e sair a campo, bem mostrando ser um daqueles a quem, na sua *Antologia Portuguesa*, chamou "paladinos da linguagem". Daí vem alguns dos capítulos que formam o presente volume. Dentre eles se destacam as respostas a Medeiros e Albuquerque, o mais enérgico e surpreendente adversário que a imprensa brasileira já conheceu. Bastante se poderia então aprender de um lado e outro. E, se fosse possível agora pôr em confronto as duas argumentações, ambas com isso ganhariam — e nós também.

O autor de *Futuro da língua portuguesa no Brasil* tinha Medeiros em elevadíssimo conceito e não deixava nunca de o atestar nos seus escritos dentro e fora desta série especial. Além do aprêgo intelectual, votava-lhe funda simpatia. Louvava-o, não só porque lhe reconhecia o valor mas igualmente porque lhe queria bem. Esta tendência afetiva e familiar do seu espírito estendia-se a tudo o que fosse brasileiro. Nos seus artigos para a imprensa lisboeta, nas suas correspondências para o Porto, nas suas conferências, nas suas preleções de catedrático, frequentemente o Brasil aparecia, exaltado por aquele sentimento paternal que em Portugal nunca deixará de existir. Agostinho de Campos, era, em todos os sentidos, mestre. Não podia deixar de ensinar. Se, porém, há professores cujas lições vêm impregnadas de pedantismo e azedume, as do autor da obra presente eram — e continuam a ser — finalmente subtis, sugestivas, penetrantes pela própria brandura da inspiração. E sem dúvida o seu êxito de livreria, excederá pela largueza da vulgarização aquela que tão vitoriosamente obtiveram no jornal.

Erudito e ponderado, o prefácio do sr. Serafim Silva Neto é digno do livro.

Catullo para Crianças

★
BIOGRAFIA POR HÉLIO
BASTOS COUTO

★
Editora Aurora — Rio
de Janeiro
1948

Catullo da Paixão Cearense teve e continua a ter amigos e admiradores apaixonados. Um destes, e dos mais ardorosos, é o sr. Hélio Bastos Couto, que, no presente opúsculo, lhe chama várias vezes "o maior poeta do Brasil". Pelo que se lê nas presentes páginas, a vida do autor do *Meu sertão* teria sido pouco movimentada. Não compreende episódios propriamente sensacionais. Nascido na capital do Maranhão, partiu Catullo, aos dez anos, com a família, para o sertão do Ceará, onde passou toda a sua "juventude primaveril". Veio depois para o Rio de Janeiro, exerceu empregos modestos, foi professor dos filhos de Silveira Martins; teve uma escola sua em Piedade; fez versos e tocou violão. Ao sertão, que arrebatadamente louvava nas suas poesias e do qual dizia sentir infinitas saudades — sobretudo quando o comparava ao espetáculo da cidade, cheio de mentiras e misérias — nunca mais quis voltar. Exibiu-se, já sozinho, já em companhia do cantador, seu grande amigo, João Pernambuco, em *shows* complementares de programas de cinema. Não vem este pormenor na biografia organizada pelo sr. Bastos Couto que também se não refere à passagem do poeta pelo teatro, tomando parte, no antigo São José, na representação da peça de sua autoria *O marroeiro*. Sem dúvida, outras coisas interessantes se poderiam narrar acerca do cantor da *Mata iluminada*. A obra presente não vai além de sessenta e duas páginas, tipo largo, disposição folgada; e desse espaço ocupam mais da terça parte desenhos de vários artistas e versos do próprio Catullo. Realmente, é pouco. Mas, talvez o sr. Bastos Couto, refletindo bem, resolva fazer, com mais empenho de pesquisa e em mais considerável volume, outra biografia daquele que o honrou com a sua intimidade.

Note-se: a classificação de "biografia" é o sr. Hélio que a dá a este trabalho. E a abundância informativa estava, como a clareza de apreciação, indicada numa obra consagrada às crianças como diz a capa e mais ainda exige esta dedicatória expressiva: As crianças do Brasil, especialmente os meus amiguinhos e admiradores — Hélio.

NOS BASTIDORES FEMININOS

DEVERIA existir um curso de organização e controle para todas as mulheres, pois, ser organizada é uma qualidade indispensável, seja qual for a situação social ou financeira em que elas se encontrem. A ausência destas qualidades tem colocado em apuros não só as diretamente responsáveis como também aqueles que com elas vivem. Quando solteiras, deverão saber controlar sua mesada ou o seu salário, não permitindo que a tentação tome as rédeas, o que lhes traria consequências bem desagradáveis. É comum, muito comum mesmo, gastarem as mo-

ças no princípio do mês quase tudo o que ganham; vão comprando tudo o que lhes agrada a vista, mesmo em se tratando de objetos totalmente desnecessários; às vezes resolvem comprar um sapato ou um chapéu só porque gostaram, não procurando antes verificar se um ou outro vai bem com pelo menos um dos seus vestidos; só depois de haverem feito a compra é que se lembram disso e então, naturalmente será pre-

ciso fazer um vestido que combine com o sapato ou com o chapéu.

Outras ainda, compram "à prazo" tudo o que lhes é oferecido, sob a alegação de que terão muito pouco a pagar por mês; porém, compram tanta coisa que no fim de cada mês, somando as pequenas "prestáveis", têm que pagar quase que o ordenado inteiro.

E não param aí as extravagâncias; gastam sem a menor preocupação do dia de amanhã, reve-

ROSALIND RUSSEL (RKO)

(Cont. na pág. 55)





Em sêda azul marinho, mangas compridas e original drapeado. Lindíssima sugestão de Paris

Temporada

Criação de Pierre Balmain em cetim brocado dourado. Écharpe do mesmo tecido guarnecida de "vison"



Vestido de noite, em veludo côr de chumbo. Jaqueta de veludo ouro, e peles. Modelo de Jacques Fath



Em cetim verde é este modelo de Robert Piguet. O corpete é bordado de lantejoulas douradas. Decote quadrado



Criação de Jeanne Lanvin
em cetim branco coberto
de renda de sêda negra.
Grande laço de veludo

Modêlo em cetim branco. A saia, muito ampla, leva
um "pouf" bordado com pérolas, bem como o corpinho



Para mocinhas, Christian Dior sugere êste modêlo em
cetim brocado rosa, de saia muito ampla. Corpete justo

Elegante



Modêlo de Pierre Benoit em
sêda azul claro estampada, bor-
dado com pérolas e "paillettes"

jeune filles

JEAN BAILLE



JEANNE CONSTANT



IANE SYLVAIN

ROSINE PARIS



PIERRE CLARENCE

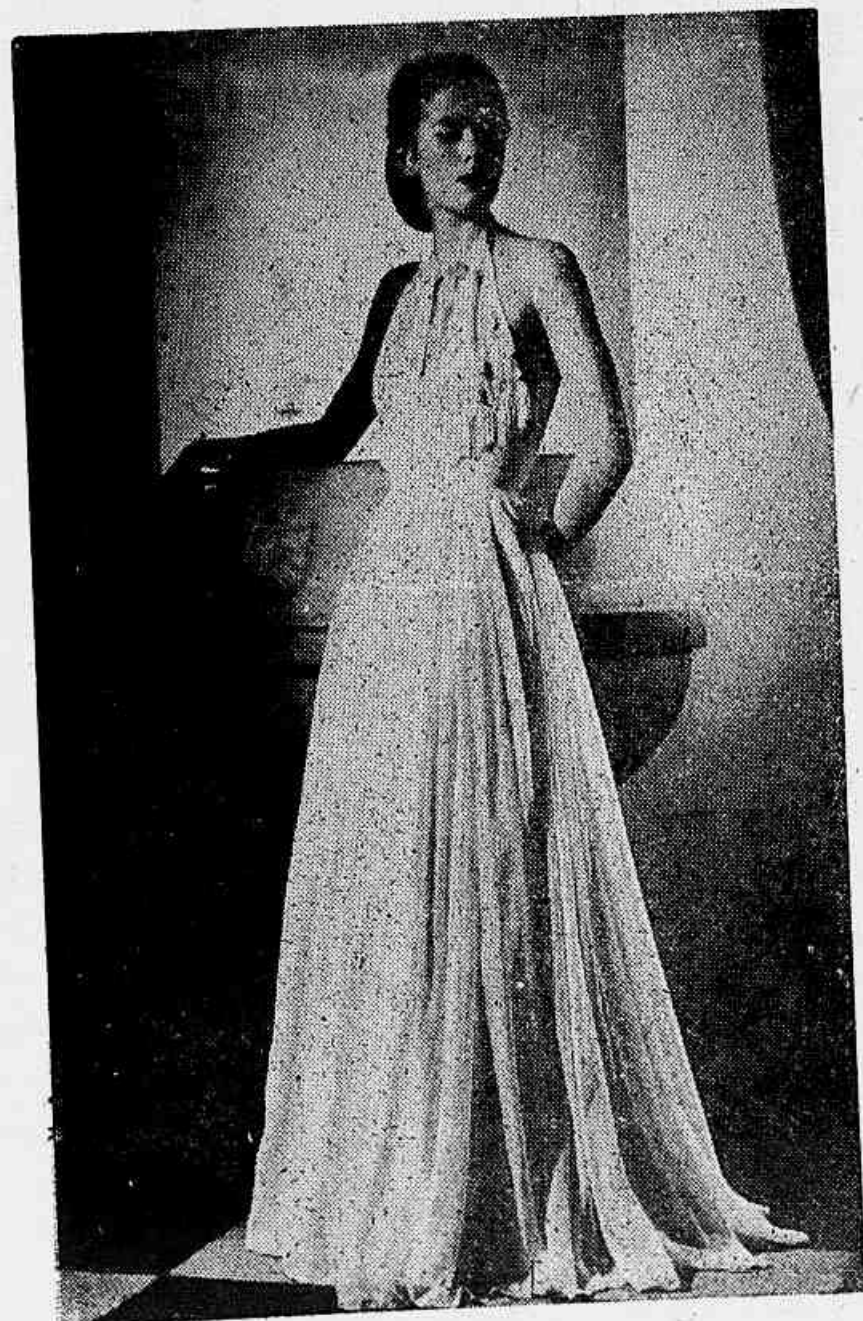
HA em Paris um grande número de costureiros que se dedicam exclusivamente à criação de modelos para "jeune-filles". A eles pertencem os modelos aqui apresentados, uns para o dia outros para a noite. Os tecidos escolhidos vão da fina lã às mousselines e aos tafetás. Também o veludo continua muito em voga, prestando-se, principalmente para a confecção de pequenas jaquetas. Cada um destes modelos dispensa comentários; eles falam por si. Em qualquer um deles encontramos a mocidade e a graça de braços dados. Portanto, é só escolher.



TRÊS MODELOS

★

PARA o chá, para o "cocktail" ou para a "soirée" aqui estão três encantadoras sugestões: Ao alto: De Pierre Benoit, túnica de renda branca sobre saia preta. Cinto de veludo negro. À direita: Modelo de jersey de seda negra, de inspiração oriental. "Toque" de veludo negro com véu também negro. Em baixo: de Lucien Lelong, é este encantador modelo em mousseline branca, corpete bordado com pequenas pérolas.



O ESPÍRITO Feminino ATRAVÉS DOS TEMPOS

JÓIAS

Cornélia Otis Skinner, descrevendo um jantar durante a guerra — "Comemos batatas de Idaho assadas no forno. Alpo de Utah. Alcachofras da Califórnia. E as duas costeletinhas de carneiro, arranjadas com enorme sacrifício, pareciam duas jóias importadas do Oriente."

SACRILEGIO

Quando Cornélia Otis Skinner e Emily Kimbrough seguiram para Hollywood, a fim de escrever o diálogo de "Cora dos Inocentes" — um filme autobiográfico, tiveram as mais variadas dificuldades e cometeram as mais lindas gafes que um mortal possa se orgulhar de ter cometido. Conta Emily que num dia de grande atividade, depois de ter trabalhado toda a manhã no estúdio, tocou-se para o restaurante. Não havia um lugar vago. No meio do barulho e da muita multidão, ela se acotovelou e, de repente, caiu uma mesa e uma cadeira desocupadas. Sentou-se ali sem pensar em mais nada. No mesmo instante, ela a atenção se voltou para ela. Fez-se silêncio no restaurante. Muito contente com o repentino sucesso, Emily julgou que afinal todas as celebridades presentes reconheceriam nela uma personalidade digna de silêncio e de atenção.

Durou pouco esse triunfo. Um garçon veio informá-la de que a cadeira pertencia a Cecil B. De Mille e que há quinze anos não era ocupada por mais ninguém a não ser ele.

RESSACA

Durante os dias multíssimos excitantes em que os artistas do Teatro Fênix estiveram de greve, ninguém mais dinâmica que a pequena e linda Maria Della Costa. Durante o dia ensaiava a peça e a decorações aos jornais, discutia com os colegas sobre o futuro trabalho, posava para os fotógrafos, lutava pelos seus direitos como uma heroína. Ao lado delas as outras atrizes faziam o mesmo, senão que à noite dormiam sobre o duro chão, confiantes na justiça. Veio a justiça e Maria Della Costa depois das primeiras expansões e alegrias, tornou-se muito quieta. Na noite da vitória, estava tranqüila, representou a sua "Pérola" e sumiu. Alguns amigos queriam conversar, comentar a vitória. Della Costa explicou: — Tenham paciência, mas fazer greve também dá ressaca...

EMÍLIA E O IMPERADOR

Emília Eduarda, popularíssima atriz portuguesa, estava no fim de sua carreira velha e, de repente, quando foi com o marido para uma estação de águas. Dias depois, percebeu que uma senhora muito bela, estava lançando sua rede de encantos sobre o Cruz, seu companheiro. Notando que a jovem estava sendo apanhada, Emília encetou com o marido a seguinte conversa:

— Escuta, Chico, tu achas direito o que os brasileiros fizeram com o Imperador?

Sentimental, o marido respondeu:

— Acho que foram cruéis. Por que perguntar?

— Porque a mim também parece que foram cruéis, expulsando o pobre velho da terra que tanto amou...

— Então, podiam ter esperado que morresse e então fariam sua república.

— O mesmo aconteceu comigo. Estou velha e frágil. Espero que eu morra e depois então fazer a tua república como entenderes...

Francisco Cruz não se deu por mais nada para partir dali com a mulher, em busca de outras águas.

TIMAS

Durante o ensaio de uma revista, a atriz Irene Manzoni cantava uma canção em que havia o seguinte estribilho:

— Ocha, ochá, ochá, ochá!

Um jornalista amigo seu, que assistia ao ensaio, perguntou:

— Que vem a ser isso de ochá, ochá?

— Isso quer dizer que o demônio do autor nunca achará rima para galochá! respondeu a atriz irritada.

VIVENDO E APRENDENDO...

Mme. Palva, de nome português, mas de nacionalidade russa, gostava de reunir no seu palácio dos Champs-Élysées, em Paris, homens de letras e artistas famosos. Alexandre Dumas Filho, Théophile Gautier e outros frequentavam a casa da linda e cortada "demi-mondaine" do Segundo Império. Embora extremamente calada, Mme. Palva era muito bem. Um dia, perguntou-lhe o crítico Arsène Houssaye:

— Foi o amor quem lhe ensinou o francês?

Não, — respondeu ela. — Mas foram os franceses que me ensinaram o amor...

ESTADO INTERESSANTE...

A atriz francesa Rachel era tão magra, que, um dia, tendo ficado em estado interessante, sua prima Judith dela disse o seguinte:

— É um fio de linha em que deram um nó no meio...

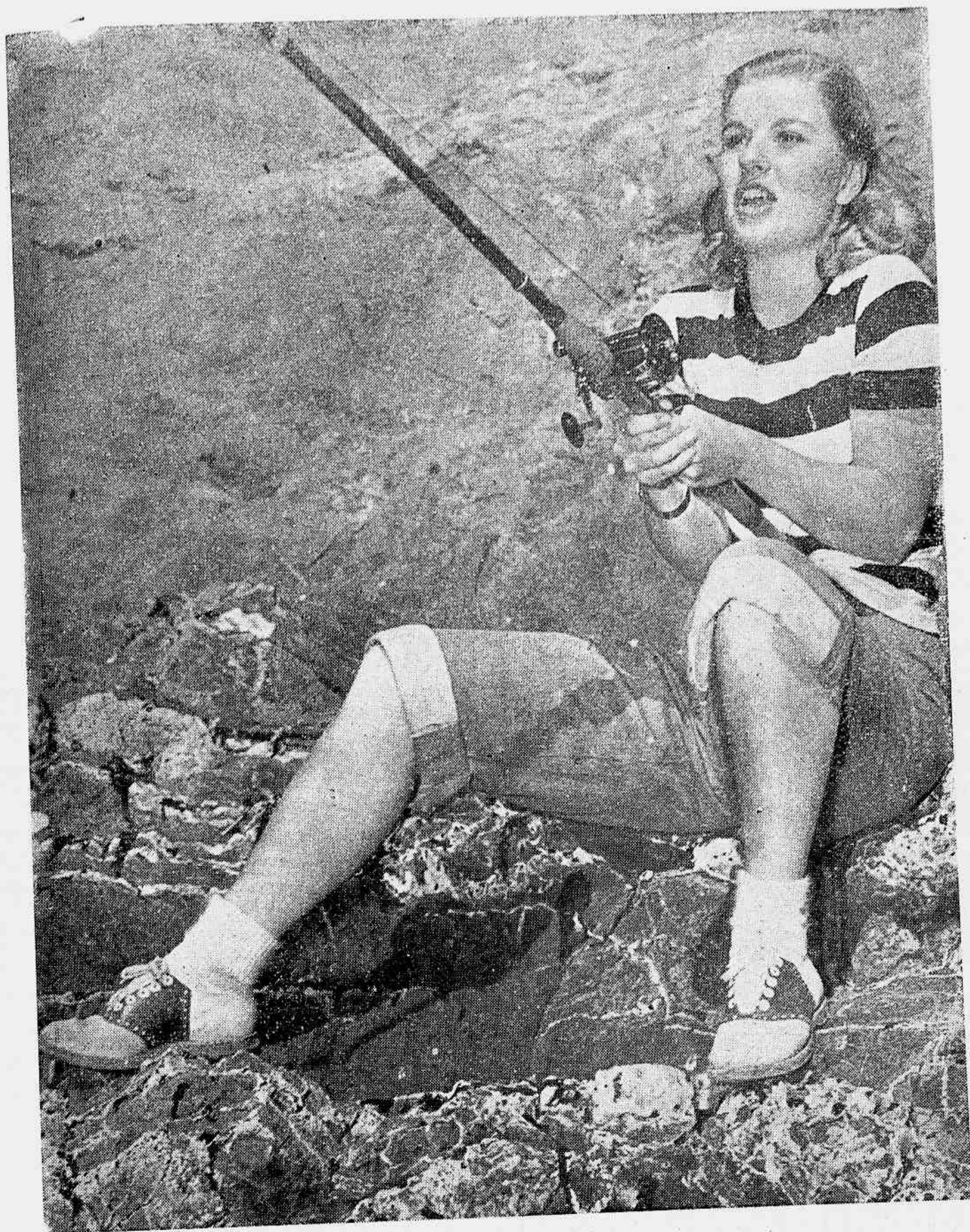
A grande trágica nunca lhe perdoou essa piada...

(Seleção de L. B. especialmente para REVISTA DA SEMANA)



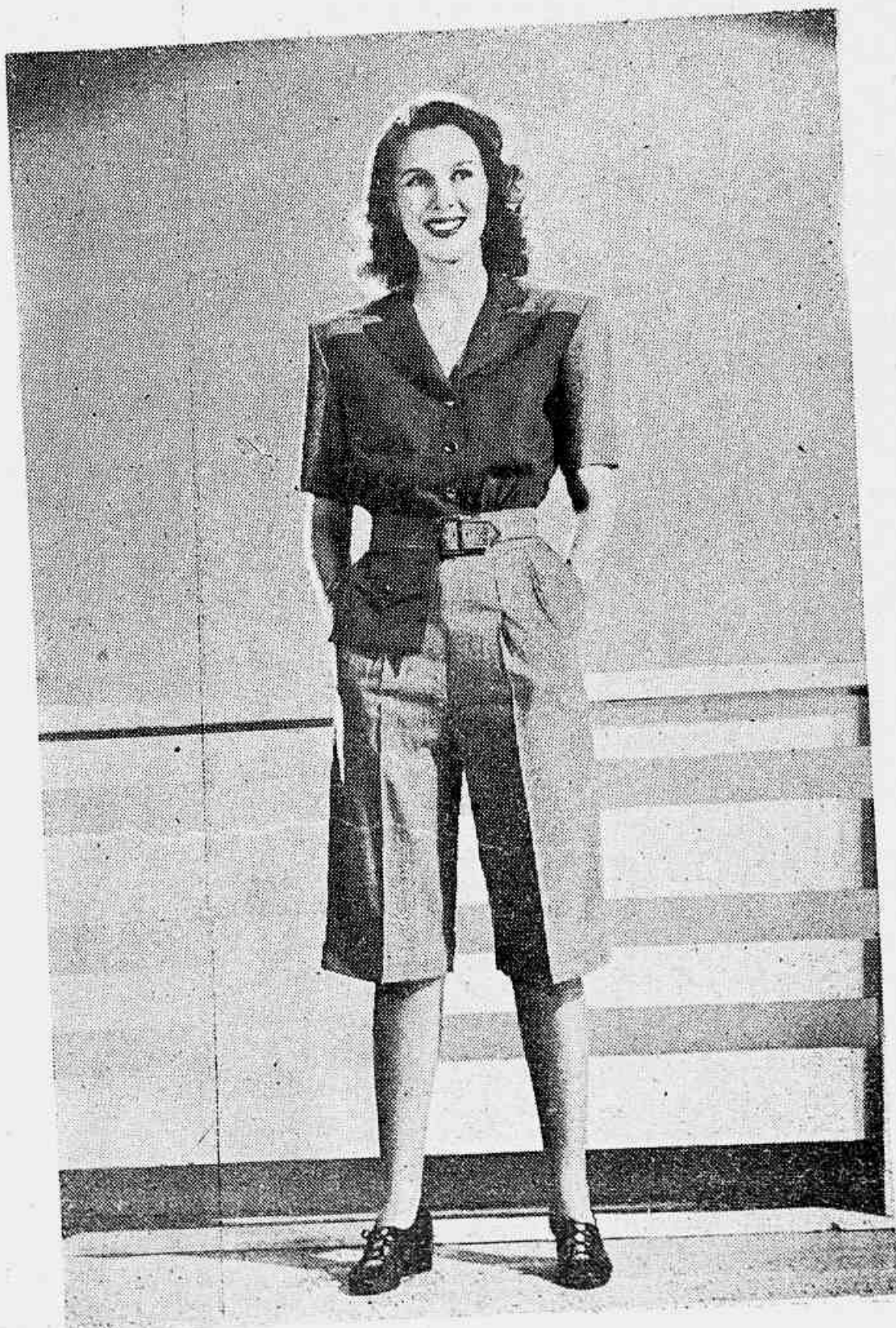
A DERROTA DAS

COM a "feminização" da moda feminina, as calças compridas sofreram uma tremenda derrota. E, confessamos, é uma derrota que "já vem tarde", porque pouquíssimas são aquelas que podem ostentar com elegância uma calça comprida e, como falta a muita gente o senso de auto-crítica, presenciava-se, a cada instante, espetáculos nada elegantes e estéticos. Hoje, só se admitem calças compridas para o campo e cer-



CALÇAS COVIPRIDAS

tos esportes, como, por exemplo, a pesca. Não resta a menor dúvida de que a mulher lucrou consideravelmente com essa derrota, pois as saias amplas e longas lhes dão mais feminilidade e graça. Nestas páginas, Joan Bennett, da Universal International, Barbara Bel Geddes e Nan Leslie, da R.K.O., e Lynne Roberts, da Republic, exibem ainda calças compridas e "três-quartos", mas só para as finalidades acima indicadas: campo e esporte.



A PERSONALIDADE da Semana

A primeira dama do teatro

Conchita de Moraes não queria conversar com jornalistas. A polidez, a cordialidade e a confiança da revista não lhe tiraram o caráter de decisão irrevogável: "Não quero publicidade. Sinto-me triste e acabrunhada demais para falar à imprensa."

Sim. Está muito triste a grande Conchita. A morte de Atila, o companheiro de quase 10 anos, e uma dor presente nos seus olhos, nos seus longos momentos de silêncio. Foi perguntando por ele, pela sua vida, pelos seus gostos, que conseguimos compor esta entrevista, num intervalo de "Dona do Mundo".



Conheceram-se em São Paulo. Ela estudava teatro com Ismênia dos Santos, avó da que hoje trabalha na Rádio Nacional e, segundo Conchita, a mais perfeita, a mais expressiva, a mais completa de todas as artistas brasileiras. Ele era acadêmico de Direito e frequentava o curso como amador.

— A princípio não gostara de mim. Era um rapaz caído e discreto, muito fino e bem educado. Eu era um azougue. Falava muito. Ria demais.

— Deu um pouquinho. E concluiu vitiosa: — Foi castigado. Acabei gostando de mim de verdade. E para sempre."

Conchita de Moraes não sabe em quantas peças tomou parte. A custo recordou a estréia, em "Emília, a fala-deira".

— Eu era a Emília naturalmente. Sempre me eram papéis brejeiros na mocidade.

— Gosta do tipo?

— Gosto. E também dos papéis que exigem ternura, carinho, compreensão. E de representar solteirinhas impenitentemente esperançosas. Não gosto de fazer damas dramáticas e compeñeiras da própria importância.

"Onde está a felicidade?", de Tolstói. "Sinhá Zeca chorou" e "Sem rumo" de Forniari. "Fetivô", de Otaviano Viana são as peças em que trabalhou com mais prazer. Gosta do seu papel em "Dona do Mundo".

— Mas não compreendo como acham graça em mim. Não sei como se pode fazer rir a tanta gente quando se é triste como eu sou agora.

Entretanto, como artista que é até a medula, adora a manifestação da platéia. Por isso prefere o teatro ao rádio; a frieza do microfone no estúdio deserto e silencioso não consegue transmitir-lhe a emoção de estar sendo ouvida por milhares de pessoas.

— E o cinema?

— Fico triste quando me vejo na tela. Lembro-me da Conchita de antigamente. Fina, esbelta, pintura de cera. Eu também fui moça e elegante, não acredita?

— Parecia-se com Dulcina?

— Não. Era outro tipo. O tipo majestoso. Tanto que me deram sempre os papéis de grandes damas.

Mas o lugar que ela ocupa no teatro nacional não permite esses caprichos. A vida não é só das moças. E se não houvesse uma Conchita de Moraes, quem faria com o mesmo sentimento e a mesma verdade, as sogras tarareias, as mães preteridas e as vovós cheias de ternura?

É verdade que ela está muito triste agora. Mas a saudade de Atila é ainda um motivo para que permaneça no cartaz; afinal, foi no palco que ele a namorou pela primeira vez. De mentira. Mas daí veio o romance verdadeiro.

Admira a música clássica. Mas...

— Ela não mexe aqui dentro. Também não gosto de samba. Mas há certas valsas, não lhes sei o nome, que me fazem esquecer tudo o que é mau e triste na vida. Já disse aos meus filhos: — "Quando eu for morrer, se a agonia se prolongar, ponham uma dessas valsas na vitrola. Bem baixinho. Suavemente. E não chorem. Eu morrerei feliz."

Mas esse dia há de tardar muito ainda. E até lá, ninguém tomará a Conchita o lugar que lhe pertence no teatro brasileiro e, principalmente, no coração do público.

SARAH MARQUES



DE HOLLYWOOD

Os chapéus novamente voltam à moda; como não poderia deixar de acontecer, este complemento indispensável à elegância feminina vem merecendo outra vez a atenção dos grandes chapeleiros de todos os centros mundiais de criações da moda. Vemos nesta página três lindos modelos dos mais variados feitios, apresentados por Dorothy Malone (ao alto), Rosamund John (ao centro) e Loretta Young (em baixo)

Muro das LAMENTAÇÕES

WALTER — Rio — Seu modo de encarar a vida nos parece totalmente errado, e extremamente perigoso para o seu futuro. Essa sua mania de esperteza irá levá-lo a situações de resultados imprevisíveis, por ser nociva à vida em sociedade. Imagine se todos pensassem como você? O mundo está ruim exatamente porque muitos adotaram o seu ponto de vista; se esse ponto de vista se generalizasse, a destruição total chegaria muito rapidamente. Não, Walter, embora nossos desejos e ambições sejam legítimos, e viver será talvez realizá-los, não podemos levá-los ao ponto que você quer. Os outros existem, Walter, e têm os mesmos direitos que nós. Viver em comum, viver em sociedade, é justamente fazer o equilíbrio entre todos esses desejos, encontrando uma linha média que não prejudique a ninguém. Você deve ter absorvido essas idéias perniciosas em romances de aventuras, de lamentável orientação psicológica, fazendo imaginar a possibilidade dos "super-homens" e outras tolices. A vida social não permite "super-homens" desse tipo, super-egotistas super-malvados. Os únicos "super-homens" que a vida permite são justamente os que se servem de suas capacidades excepcionais para beneficiar a humanidade. E assim mesmo têm que lutar tanto! Procure tirar essas noções absurdas da cabeça, lendo obras sadias e construtivas, a fim de aprender a usar melhor essas energias que você pretende empregar tão mal. E temos certeza de que não se arrependerá, ao contrário do que aconteceria se você permanecesse neste seu caminho atual, que só poderá arrastá-lo, insensivelmente, para o crime, o crime que, pode estar certo, jamais compensa, nem mesmo quando não descoberto: o castigo da nossa consciência não tem limites, Walter.

★

NEUZA F. — Ilhéus — Houve, realmente, leviandade de sua parte ao aceitar o namoro do segundo rapaz. O João, embora não sendo seu noivo oficial, tinha adquirido certos direitos em virtude da promessa que você lhe havia feito. Embora, aparentemente ele também houvesse quebrado a promessa que lhe fizera, você não deveria ter tomado qualquer atitude sem primeiro ter-se explicado com ele. Ora, bem; eis vocês dois, em idêntica situação ambos com culpas no cartório. Como vemos pela sua carta que você parece gostar muito do rapaz, achamos que poderia provocar um entendimento com ele, a fim de dizer-lhe porque agira inconsequentemente. Acreditamos que, purgados os dois das culpas recíprocas, ser-lhes-á fácil encontrar, então, o doce caminho da reconciliação.

★

LILIAN — Niterói — Seria muito difícil, quase impossível, mesmo, traçar uma "linha de normalidade" para o homem e para a mulher, porque as divisas são muito sutis. Pelos pormenores que nos dá de seu caso, embora não contendo nada que nos pareça muito grave, achamos conveniente que consulte um psiquiatra. Procure um médico inteligente e afetivo, converse com ele sem nada esconder, como fez conosco, e ele lhe poderá dizer o verdadeiro caminho a tomar. Felicidades, Lilian, e não tenha receio.

★

ALBERTO E ALBERTINA — Onde estiverem — A situação em que se colocaram é totalmente insustentável, sob todos os aspectos, principalmente sob o aspecto moral. Tomem imediatamente uma decisão para o sim ou para o não, e tentem, depois, arrepender-se do que estão fazendo agora.

CONFIDENTE

★

As pessoas em dificuldades que nos desejarem ouvir, poderão escrever-nos aos cuidados da REVISTA DA SEMANA, para a Rua Visconde de Maranguape, 16, Rio.



O inverno aí está e, naturalmente, no guarda-roupa de uma mulher elegante não deverá faltar nunca um agasalho de pele. Ava Gardner, Lois Maxwell, Stephanie Bachelor e Catherine McLeod apresentam as mais diversas sugestões nesse sentido

PELES



AS CRIANÇAS E OS CÃES

NÃO venho aqui falar na velha história do cão amigo do homem; isto já é assunto muito gasto para ser utilizado numa exigua coluna como esta; venho, isto sim, comentar a desvalorização crescente da espécie humana em relação aos cães. Troquemos esta afirmativa em miúdos: conheço uma senhora, bela jovem e rica; de poucas letras e nenhum filho; não joga e não gosta de viagens; seu "hobby" preferido são os cães; um "pêlo de arame" que tem o avô catalogado mereceu-lhe uma soma considerável. Seus cães têm babá, que os leva para passear na praia; assegura-me a gentil senhora que eles distinguem perfeitamente a carne congelada da fresca, e, no primeiro caso, a rejeitam, obrigando-a portanto a adquirir carne de frango ou de vitela para os seus requintados paladares. Dormem os mimosos num quarto só para eles num belo apartamento de Copacabana e sobre um macio colchão que só falta ser de molas e ventilado; dispõem dos cuidados assépticos e embelazadores de um Instituto, semanalmente, e uma vez por mês consultam um veterinário, quer dizer, um veterinário é consultado para eles. Se, apesar de todos estes desvelos adoeçam inexplicavelmente, vão para uma casa de saúde, onde os tratamentos mais modernos lhes são prestados.

Eu me detive a enumerar todas as regalias da vida principerica destes cães, e pela fartura de detalhes que a dona me fornece poderia até escrever um romance a respeito, para que muitos entes humanos reconsiderem o lugar-comum de vida de cachorro e sintam até um pouquinho de inveja por não serem cães e pertencerem a uma criatura tão compreensiva e bondosa quanto esta. Há poucos dias perguntei a esta jovem, se nunca lhe passara pela cabeça a idéia de adotar crianças; não com tanto mimo, é claro, para não estragá-las, mas da maneira comum e pouco canina com que elas são criadas às vezes. A jovem madame fez um estremecimento de puro e legítimo horror.

— Eu?!... Deus me livre! Detesto crianças! Depois... isto de criar filhos dos outros nunca dá resultado. A gente só recebe ingratidão e aborrecimentos.

Perguntei-lhe qual seria a recompensa que obtinha e esperava dos seus filhos cães e se eles já lhe haviam dado alguma paga pelo seu trabalho e despesa.

— Claro que não e nem eu estou esperando uma coisa destas. E só gosto de vê-los assim tão arrumadinhos e bonitinhos!... E como gostam de mim! Você nem calcula!...

Claro que eu calcula e ata-lhe com feito as descrições de gracinhas dos pimpolhos que viriam fatalmente; é um corujismo natural das mães extremosas. Falei no entanto, da possibilidade dela se interessar, de uma forma distante, mas efetiva, pelas criancinhas do morro, que neste momento, precisamente, estão mais do que nunca ameaçadas em sua miséria, sob as ameaças constantes de ficarem sem teto. Novo estremecimento do mais puro horror:

— Estes molequinhos de morro?! Mas cheiram tão mal!

Falei-lhes sobre as virtudes maravilhosas da água e sabão, quando empregados de maneira abundante e constante, mas a jovem se manteve irreduzível sobre o mau cheiro, como se este fosse indelével mancha de Lady Macbeth. Aludi, então, à possibilidade dos cães emitirem junto às narinas por demais sensíveis, odores pouco suportáveis.

— Não diga uma heresia destas! "Gilda" e "V8" são até perfumados; eu gasto bons perfumes com eles.

Guardei para mim a impressão de que bom perfume alteraria também os desagradáveis odores dos garotinhos do morro, mas aventurei a hipótese de se adotar criancinha loirinha, de olhos azuis como bebê germânico, ariano puro, segundo as leis hitlerianas porque também existem deste tipo abandonados.

— Nem me fale nisto. Criança dá muito trabalho, chora de noite e tem sempre dor de barriga. Prefiro os meus cães. Eles são um amor!...

O chá com torradas interrompeu-me a catequese e em outro dia darei aos leitores a ciência de um novo avanço neste terreno árido; contento-me, pois, em descrever o meu fracasso atual no sentido de converter a uma humaníssima e civilizada senhora a ter uma opinião menos depreciativa sobre a espécie humana. Mas o que realmente me fez pensar sobre a desvalorização crescente do nosso semelhante é o fato desta opinião não ser um caso isolado, mas de uma frequência aterradora em nossa sociedade; entre cães e gente, muitas pessoas nem hesitam, preferem os cães. A humanidade lhes fede nas narinas e os cães agradam totalmente às suas partículas olfativas.

Os meus dons intelectuais não me levam até o terreno da filosofia, porque se tal acontecesse eu tomaria este sintoma olfativo como um ponto de partida para explicar a inimizade entre os homens, o surgimento das guerras e toda a luta social que se trava em nossos dias. Talvez, na verdade, tudo não vá além de mal estar causado pelo cheiro do corpo humano e o remédio da paz universal esteja, não em fatores econômicos, mas em se entregarem as nações a uma fabricação intensiva de sabonetes e desodorizantes...

★
ZOIA DE LAET

CARMEM ALONSO — Agradeço as gentis referências que faz a esta seção. Tem muita razão em afirmar que "há escolas que formam mestres, mas não as há, porém, que formem mães". A sua opinião abalizada de professora e psicoterapeuta muito nos honrou.

WEEK-END na Cozinha

As refeições diárias deveriam ser não só tão apetitosas à vista que despertassem o interesse, como também deveriam reunir a maior quantidade possível de elementos nutritivos. Talvez não seja muito difícil obter-se uma refeição nessas condições diariamente, mas a dificuldade está em torná-la variada. No entanto nada mais agradável do que surpreender a família, de vez em quando, com um prato especial. Planeje-o para uma ocasião em que alguém irá ter um dia muito trabalhoso, ou para quando os ânimos estiverem um tanto desequilibrados, ou então planeje-o mesmo sem motivo algum. A surpresa agradará a todos e o entusiasmo compensará o seu trabalho. Tudo deverá ser determinado com antecedência: o prato deverá ser escolhido logo e se houver alguma coisa que deva ser preparada de véspera, convém prepará-la, naturalmente tomando o cuidado necessário, afim de que ninguém descubra o "segredo".

E no dia seguinte, bem arranjada e sorridente, você oferecerá com prazer a sua "surpresa" que, com maior prazer ainda será recebida.



CONCHAS DE FRANGO

Ingredientes: 100 grs. de queijo Parmesão ralado; 50 grs. de manteiga; 40 grs. de farinha; 1 frango ensopado; 1 xícara das de chá, de leite; 1 ovo; 1 gema; sal.

Preparação: Toma-se o frango, tiram-se-lhe as peles e os ossos e passa-se a carne na máquina. A parte, mistura-se a manteiga com a farinha e leva-se ao fogo para tostar; em seguida, juntam-se-lhe o molho do frango, o leite, a gema e o sal suficiente para temperar. Mexe-se tudo e acrescenta-se a carne do frango. Despeja-se em que possam ir ao forno, cobrem-se com o ovo batido e polvilham-se com o queijo. Levam-se ao forno para tostar.



COSTELETAS A MILANESA

Ingredientes: Costeletas de vaca; manteiga ou banha; ovos; sal; pimenta; farinha de rosca.

Preparação: Tratam-se as costeletas, cortam-se temperam-se com sal e pimenta e, em seguida, passam-se em ovos batidos e em farinha de rosca, ou de pão torrado. Fritam-se de ambos os lados em manteiga ou banha bem quente.



BALAS DE BANANAS

Ingredientes: 500 grs. de açúcar; 12 bananas pra'a; 1 colher, das de sopa, de manteiga.

Preparação: Descascam-se as bananas, machucam-se com um garfo e depois passam-se em uma peneira. Em seguida, juntam-se-lhes o açúcar e a manteiga, mistura-se tudo, põe-se numa caçarola e leva-se ao fogo, mexendo-se continuamente até aparecer o fundo da mesma. Retira-se então e despeja-se numa pedra mármore. Quando começar a esfriar, corta-se em pedacinhos que se embrulham em papel impermeável.



PUDIM DE VINHO

Ingredientes: 400 grs. de açúcar; 1 cálice de vinho do Porto; 12 gêmas.

Preparação: Põe-se o açúcar numa caçarola com um pouco d'água e leva-se ao fogo. Quando formar uma calda em ponto de fio, retira-se e deixa-se esfriar. Acrescentam-se-lhe então as gemas e o vinho. Mistura-se tudo, passa-se por uma peneira, põe-se numa forma barrada com o caramelo e leva-se ao forno para cozinhar em banho-Maria. Depois de completamente frio, vira-se num prato.



JANE GREER

A linda "estrela" da RKO, que aparece em "They won't Believe me" apresenta este lindíssimo costume para viagem. Modelo elegantíssimo executado em lã marrom com listras brancas, chapéu em feltro, da mesma cor, luvas em camurça branca completam esta elegante "tot".

FESTA BRAVA

(Cont. da pág. 14)

Senhora Ortega. E não sequer pousava em Pepe, embora o amasse. O seu coração pertencia a ele, mas não se dava...

Voltaram ao hotel, às três horas, e ela jurou solenemente que encontraria o esposo à porta da praça de touros. Subiu então, a correr, as escadas, a caminho do que se supunha ser o quarto de Mário, e dentro dele encontrou Chato desmaiado, fatigado de atender a um bando de jornalistas obstinados, e aflito com a visita do próprio Don Antônio, que viera a Puebla.

A notícia da chegada do pai aumentou a sua apreensão. Don Antônio via humildemente, como pai orgulhoso, fazer as pazes com o filho; e trouxera-lhe um presente: a escada que fora usada por El Magnífico. Após ter sido repetido, quase à força, pelo pobre Chato, o idoso ex-herói popular acreditou que o filho se recusava a recebê-lo porque não se esquecera ainda do que acontecera naquela dia aziago, em Cuadajajara. Don Antônio saiu do hotel com o coração partido.

Mas o fato é que eles atravessaram o pesadelo, e foram ter à praça de touros. De novo aflua a multidão de espectadores, para aclamar o seu favorito. Ao verem, da barreira, a entrada do touro, Chato observou: — Cuidado, Maria. Ele vira-se com rapidez. Tenha cuidado, ao dar-lhe as costas. — Porém Maria não via o touro. Seus olhos estavam voltados para as arquibancadas, como a examinar fisionomia por fisionomia, incansavelmente.

— Cuidado com o touro! — suplicou Chato.

Ela avançou para arena, completamente desiludida, para receber os aplausos da turba. — *Olé, Morales! Olé, Mário!*

Mas, se ele não aparecesse; se ela não o encontrasse antes de partir o avião que os levaria, a ela e a Pepe, para Nova York...

Atigou o touro, como os longos anos de observação a haviam ensinado a atigá-los... sacudindo o capote, arcurando o corpo delgado para que o animal, na sua arremetida, passasse tão perto que entre os dois não se pudesse enfiar nem mesmo uma lanterna reluzente do seu manto. Todavia, os seus movimentos eram produto de uma técnica fria. Ela quase não tinha consciência deles.

Em dado momento, enquanto lhe umedecia a capa, a fim de que não se alvoroçasse com o vento que com cara a soprar, Chato lhe disse: — Havemos de encontrar Mário. Mas, pelo amor de Deus, não se distraia, enquanto estiver na arena!

Qualquer outro veterano da arena lhe teria pedido a mesma coisa, e ela sabia que o pedido era sensato. Muitas vezes ouvira o pai, à mesa do jantar, falando ao filho: — Concentração, é preciso muita concentração. — Naquele instante, porém, ela quase duvidava da realidade do touro. Deixou-o passar bem perto, e fê-lo contornar o seu próprio corpo, girando com desenvoltura o capote. Os aplausos da assistência eram delirantes.

E, de repente, avistou-o!

Naquele momento o touro estava imóvel, confuso e arquejante de raiva, o adorno cravado no coçago.

— Mário! — Um sorriso de pura alegria iluminou-lhe o rosto, deu um passo involuntário na direção do irmão.

O seu movimento quase imperceptível afrouxara a tensão hipnótica que mantinha o touro imóvel. Num relance, ela percebeu o terror que se estampara nas fisionomias de Mário e Chato. Ouvia o grito de advertência que partira das arquibancadas. E só muito tarde se lembrou de que a morte estava perto, que se aproximava nos chifres daquele touro veloz, de ventas dilatadas e bafejamento.

Voltou-se justamente quando o animal iniciava a investida assassina.

Com destreza, deu um jeito ao corpo, para deixá-lo passar; mas o movimento retardado nem mesmo por milagre poderia inteiramente bem sucedido. Os chifres agressivos não lhe atingiram a carne, mas cravaram-se salvamente na vistosa capa. O touro derrubou-a com o corpo.

Agora estracalhava a cara, arrastando-a na arena, pateando-a vingativamente, sob o clamor da assistência. E lá no fundo da massa humana, ela encontrou o rosto de Pepe, brilhante de suor e terror de pavor. Nesse instante o touro voltou-se, e arremeteu para ela, que estava impossibilitada de mover-se.

Sem saber de onde, viu de repente que outro capote esvoaçava agora, entre ela e os olhos do animal enfurecido. O audacioso movimento desviava-o, e, enquanto ele se afastava, Maria avistou o irmão, sacudindo a capa. Devia tê-la apanhado ao saltar a barreira, pois não tinha tempo a perder.

Com graça a peralta, Mário atraía o touro de perto

da irmã, que continuava caída. No mesmo instante Chato alcançou-a, e ajudou-a rapidamente a levantar-se. Estavam os dois a meio caminho da barreira, onde encontrariam segurança, quando os novilleros correram no encalço de Mário e do touro, e a multidão, completamente histérica, aplaudia o ato de heroísmo.

Quando os novilleros conseguiram dominar o animal, Mário saltou de novo a barreira. Mas desta vez não o valeram. Desta vez não atiraram almofadas à arena, era sinal de descontentamento. Ao contrário, assistência em péso enrouquecia de gritar.

Mário, entretanto, parecia não ouvir as aclamações, ajoelhado ao lado da irmã. Ergue-a nos braços. — Sentese bem Maria? Não está ferida?

— Oh, Mário! — exclamou ela, por fim tranquila. — Eu sabia que o encontraria.

*

Nessa noite o pátio da fazenda regorgitava de pessoas que tinham vindo participar da festa que Don Antônio promovera em homenagem ao filho. A música dos mariachis confundia-se com a brisa morna, e todos dançavam e cantavam, de alegria. O próprio Pepe, enraivecido com a peça que Maria lhe prestara, arriscando-se daquela maneira, se abrandara e desfizera em perdões.

Mário contara a todos como passara as semanas em que estivera desaparecido. Ouvira a irradiação do programa de Señor Contreras, numa hospedaria situada nas montanhas, onde ele e seus companheiros se haviam plantado para almoçar, quando iam a caminho de uma plantação distante. Regressa então, às pressas, à cidade do México, a fim de manifestar ao maestro toda a sua gratidão.

Fôra Contreras quem primeiro lhe falara de novo e sensacional herói que enfrentava touros sob o nome de Mário Morales. Mário corraera então a Puebla, a fim de saber quem era o impostor. Mas já atinara mais ou menos com o que estava acontecendo. Só um discípulo de Don Antônio poderia ser capaz de façanha apregoa-da. E esse discípulo só poderia ser sua irmã Maria.

Ia alta a noite, quando Don Antônio regressou da sua viagem a Puebla. Entrou no pátio como um leão majestoso, e pôs-se a procurar entre os dançarinos o rosto do filho, que ele acreditava não o ter querido receber antes da grande tourada.

De repente, o coração de Maria deixou de bater. Ela viu o pai avançar, o rosto inexpressivo. E viu também que, em sentido contrário, se aproximava o Señor Contreras, de sorte que iam ambos alcançar Mário no mesmo instante. Se uma palavra imprudente fôsse proferida...

— Mário! — a voz de Don Antônio fez-se ouvir acima dos mariachis.

Mário afastou-se para encarar o idoso homem, e instintivamente Maria colocou-se ao lado do irmão. Sem nenhuma dos dois saber porque, suas mãos gêmeas se estenderam e apertaram. Estavam unidos, como tinham crescido, desde o dia em que nasceram, e para nunca se separarem.

— Que quer, meu pai? — o olhar de Mário era firme.

— Gostei da sua exibição de hoje, — disse-lhe o pai, falando calmamente.

Ao ouvir tais palavras, Mário engoliu em seco. — Eu... o Sr. me viu?

— Está claro que vi. E por que não? Gostei muito das suas verónicas, Mário. Lentas e bem executadas. Gostei também das chicalinas. Não posso criticar o modo como você maneja a capa. Uma coisa, porém, você não aprendeu, Mário. A concentração. Acho que me enganei. Você não nasceu para toureiro.

Quanto não devia ter custado ao pobre homem aquelas palavras, Maria nem sequer quis pensar. Porque, evidentemente, Don Antônio ainda não compreendera a realidade. Continuava imaginando que o filho fôra o alvo dos aplausos; que fôra ele quem tomara na arena, porque num momento fatal não se concentrara o bastante no touro. Quando prosseguir, suas palavras exprimiram a renúncia de um sonho acalentado durante toda uma existência.

— Talvez ele tenha melhor sorte, Señor Contreras, quando estiver estudando música. Agora dançam, meus filhos! Esta festa é dedicada a vocês. Divirtam-se — Afastou-se com altivez, sorridente, e enlaçou com o braço a esposa ainda amada.

A música parecia mais animada — como se soubesse que enfim os corações daqueles que haviam fundado um lar na fazenda se tinham reconciliado. Mário rodopiava entre os dançarinos, levando nos braços a sua querida Conchita.

Quando Maria se abandonou nos braços de Pepe, seus olhos brilhavam como a melodia que os mariachis estavam tocando, parecendo refletir uma luz imortal.

FIM.



Inaugurou-se a 20 de abril, em Montreal, Canadá, a Terceira Conferência do Departamento de Regulamento do Ar e Controle de Trânsito Aéreo da Organização Internacional de Aviação Civil (ICAO). A Conferência, que deverá durar umas três semanas, tratará, entre outros assuntos, do controle de trânsito aéreo, em zonas de muito movimento, por meio do radar e outros dispositivos eletrônicos, do estabelecimento de normas especiais sobre trânsito aéreo para permitir que os helicópteros voem a baixa altura em condições atmosféricas que normalmente impediriam a saída das aeronaves de asas fixas; do estabelecimento de prioridade para as diferentes classes de aeronaves que voem por instrumentos e da adoção de normas especiais de trânsito aéreo para as aeronaves dedicadas ao transporte combustível em voo.

*

Notícias de Buenos Aires informam que o novo aeródromo nacional que está sendo ali construído será inaugurado este mês. O referido aeródromo, que foi criado em 70.000.000 de pesos, dispõe de dez pistas capazes de suportar as aeronaves mais pesadas e está ligado com a capital platina por uma super-estrada, cujo percurso é feito em vinte e cinco minutos.

*

Foi estabelecido um novo recorde de salto em paraquedas por um entusiasta francês. O recordista saltou da altura de 21.000 metros e só 10 segundos depois de haver deixado o avião foi que puxou o cordão do aparelho.

*

Vão ser ministrados cursos de engenharia aeronáutica em várias escolas argentinas, sob a supervisão do Instituto Argentino de Aeronáutica, de Córdoba.

*

Cooperando com o Serviço Nacional de Tuberculose do Brasil, a companhia de navegação aérea Panair do Brasil concedeu transporte gratuito e preferência de embarque para todos os volumes contendo vacina contra tuberculose para qualquer ponto do país.

*

Recentemente uma manada de asnos selvagens invadiu o campo de aviação civil de Acapulco, no México, tendo causado sérios danos às pequenas aeronaves ali estacionadas, arrancando asas, fuselagem etc. Ao que parece, as pequenas alimarias são mesmo contra a velocidade.

*

O almirante John H. Towers, há pouco afastado do serviço ativo da Marinha norte-americana em virtude de reforma, foi nomeado sub-vice-presidente da Pan American World Airways. O almirante Towers se distinguira nas duas grandes guerras e aprendeu a voar em 1911.

*

Durante o ano de 1948 os Estados Unidos gastaram cerca de meio milhão de dólares com o treinamento de estudantes latino-americanos em diversas fases da aviação civil.

*

Alguns "B-29" Boeing foram adaptados de modo a poderem ser reabastecidos em voo, aumentando sua autonomia. Acredita-se que o sistema usado seja o desenvolvido pelos britânicos. A Flight Refueling, Ltd., companhia britânica, fez alguns trabalhos em Wright Field durante a guerra e afirma que seu sistema foi instalado num "B-17", aumentando sua autonomia de voo com a carga completa para 5.800 milhas (9.932 quilômetros).

*

A American Overseas Airlines foi autorizada pelo Conselho de Aeronáutica Civil dos Estados Unidos a estender seus serviços na Alemanha a mais quatro cidades — Hamburgo, Bremen, Colônia e Dusseldorf.

*

Dois projetos de lei idênticos foram apresentados na Câmara e no Senado dos Estados Unidos, os quais estabelecem penalidades para as operações de câmbio negro na venda de passagens nas estradas de ferro e nas linhas aéreas. Os projetos também estipulam multas de 10 por cento sobre as restituições sobre passagens canceladas no último dia e o cancelamento, pelas companhias, das reservas que não forem pagas dentro do tempo especificado antes da partida da viagem.

*

Delos W. Rentzel, presidente da Aeronautical Radio, Inc., e da Comissão Técnica de Rádio para a Aeronáutica, foi nomeado Administrador da Aeronáutica Civil dos Estados Unidos, pelo presidente Truman, para preencher a vaga aberta com a renúncia de T. P. Wright. A nomeação de Rentzel foi recebida como uma vitória para aquele setor do governo e para a aviação particular, que desejava uma nova orientação na Administração da Aeronáutica Civil.

(Noticiário compilado por E. de OLIVEIRA, especialmente para REVISTA DA SEMANA)

Molière fotógrafo da burguesia

(Cont. da pág. 28)

Assim, as relações de classes, o pensamento de classe, o dinheiro sempre estão presentes nas comédias de Molière. Bastará compará-las com os malabarismos verbais de Marivaux (cujos criados são tão elegantes e cujas arabescas psicológicas se desenrolam num jardim feérico ou num palácio sem enderço, ambos de lona pintada) e aproximar estas com as "Tôdas de Figaro", cujo conde é tão pouco parecido com seu barbeiro e as "Tôdas de Figaro" com as comédias de Musset, que, tão deliciosas sejam elas, ignorem os lugares, os tempos e as realidades sociais (quem nelas não vive das suas rendas?) para compreender que a palavra realismo não é tão desprovida de sentido que os afogadores de peixe procurem fazer-nos crer.

ENTRE OS MONCÓIS DO HEMISFÉRIO OCIDENTAL

(Cont. da pág. 34)

tes, os esquimós os caçam com as suas armas preferidas, o arpão e o fusil, para aproveitar a carne e o óleo. Não se considera, em geral, conveniente fornecer armas de

fogo aos esquimós, por que com elas matarão mais caça do que a necessária para o consumo, desta forma a extinção rápida de certas espécies existentes e que são indispensáveis à sua subsistência.

O esquimó, porém, não caça apenas para se alimentar. Também pratica o comércio, caçando a raposa branca, por meio de armadilhas. A raposa, muito apreciada pela sua magnífica pele, pesa na balança comercial do Ártico com a importância que hoje se eleva a mais de 500.000 dólares, sendo esta a única contribuição do Ártico à vida econômica do Canadá. Tem-se tentado, por várias formas, fazer o comércio de certos produtos da região, entretanto os meios de transporte constituem o grande impedimento e, além disso, os esquimós, dado o seu nomadismo, dificilmente podem entrar em contacto regular e constante com os interessados.

Não são frequentes os contactos dos esquimós com os brancos. Nas pequenas aldeias, o esquimó vive lado a lado com o missionário, um agente da polícia canadense ou mesmo com o branco que chega à procura de aventuras nestas regiões do deserto ártico. Entretanto, para os que vivem nas ilhas isoladas, muito ao norte da Baía de Hudson, a presença de um branco é muito rara. Na época do ano, porém, o esquimó procura o contacto com os brancos. É no verão, época em que aportam no Ártico os dois únicos barcos canadenses que visitam a região nos doze meses do ano. Estes dois navios, um pertencente à Companhia da Baía de Hudson, e o outro ao

governo canadense, trazem anualmente o correio, provisões para os postos espalhados na região, bem como remédios para as populações indígenas, armas e equipamento variado. A bordo destes navios chegam também sábios, que vêm fazer observações antropológicas, médicas, especialistas, técnicos de rádio, etc., etc.

Os esquimós sabendo a data provável da chegada destes barcos se dirigem para os portos em que devem ancorar. E para eles uma grande festa, por que é o momento em que podem traficar suas peles de raposa, em que se fazem examinar pelos médicos, etc. Os gravemente doentes são transportados para o centro mais próximo onde há um hospital. No extremo-norte da província de Quebec, encontram-se aldeamentos onde os missionários construíram escolas e hospitais. Em Moosonee, que constitui o ponto terminal de uma estrada de ferro, os missionários católicos edificaram um hospital que presta inestimáveis serviços à população. Durante o inverno, quando os barcos não podem navegar nas águas do Ártico os doentes são transportados por avião até Moosonee. E por esta razão principalmente, que aqui e ali, na extensão da costa, são instalados postos transmissores de rádio. Sabe-se da existência destes postos, com relativa facilidade, os esquimós podem ser socorridos.

Que poderá o futuro reservar às populações esquimós do Ártico-este do Canadá? Não nos parece que devam esperar muitas mudanças. Certas pessoas, ao corrente da

A vida de Charles...

(Cont. do número ant.)

David Copperfield é o retrato retorcido mas não o espelho de Charles Dickens, visto através do espelho do seu gênio cômico. As próprias iniciais de David Copperfield (D. C.) são as iniciais de Charles Dickens (C. D.) invertidas. Como Charles, David nasce na pobreza, mas, diferente de Charles, é obrigado a viver com um padrasto cruel, Edward Murdstone. Aos 11 anos, tanto David como Charles, vão trabalhar numa fábrica de grãos para calçados e aqui de novo a ficção misturase com a realidade. Enquanto David está empregado na fábrica, mora com Mr. e Mrs. Wilkins Micawber e sua filha Linda. Essa pessoa Micawber é na realidade a casa da família Dickens. Wilkins Micawber é o pai de Charles Dickens. É um adorável bonzinho, um tanto espalhafatoso, desculpado e imprevidente, acreditando apenas na bondade da Providência, sempre à espera de que aconteça alguma coisa, mas sem nunca arredar um dedo para procurar qualquer mudança nos acontecimentos. Acossado pelos credores, Mr. Micawber é lançado na prisão por dívidas, está constantemente entre as garras de exploradores sem escrúpulos e finalmente, com a ajuda da tia de David, consegue ir começar vida nova na Austrália, onde provavelmente Charles Dickens também quisera ver seu pai, não salvo o benéfico, mas o mais longe possível da sua vista. Pois o pobre de John Dickens nunca bem de finanças dava constantes sangrias na bolsa do filho e era uma fonte perene de desgastosego para ele.

O resto da história é também uma habilidosa urdidura de realidade e fantasia. David, como Charles, trabalha no escritório de um advogado, aprende taquígrafia, torna-se um autor triunfante e casa-se com uma etíerica insípida. Neste ponto a similitude se interrompe mais uma vez. David perde a esposa (os modernos psicanalistas diriam que a isso o prenascimento de um filho de Charles Dickens) e casa-se com uma mulher de gênio mais parecido com o seu.

Quanto ao resto da história — o casamento da sobrinha Fanny com o cocheiro Peggotty, seu pai disposto a casar, a hipocrisia e o desamoramento de Urias Heep, a traição de que é vítima Emília e a morte de seu pai — não há, em seu esforço para salvar da naufrágio a Fanny, o homem que a traiu — todos estes episódios e tipos pertencem à parte imaginativa da vida



um NOVO VALOR é acrescentado...

— quando você completa sua refeição com

Malzbier da Brahma

Um novo valor!... E que valor!... Altamente nutritivo porque Malzbier da Brahma enriquece qualquer refeição. Prepara a base do malte mais rico, Malzbier da Brahma melhora o almoço, completa o lanche e equilibra o jantar. Tenha sempre Malzbier em sua mesa, para compensar a falta de um ou outro alimento. De baixa graduação alcoólica, Malzbier é uma cerveja preta, levemente adocicada, que se tornou a favorita do lar... preferida por todas as famílias. Aumente o valor nutritivo de sua refeição com Malzbier da Brahma!



Cuça as transmissões esportivas da Rádio Nacional, todos os domingos, à tarde, em ondas curtas e longas. Aos sábados, pela Rádio Mauá, à tarde ou à noite.



EM GARRAFAS E 1/2 GARRAFAS

Record 3212

PRODUTO DA CIA. CERVEJARIA BRAHMA S.A. B. — RIO DE JANEIRO — S. PAULO — CURITIBA — PORTO ALEGRE — P. FUNDO



questão ártica, acreditam que, um dia, talvez, esta região seja aberta ao turismo. Afirmando que, apesar dos rigores do clima, esta parte do Canadá é muito pitoresca, com suas geleiras, seus picos de 3.300 metros, suas ilhas e suas planícies desertas. Acrescentam, ainda, que a natureza ali, durante o verão, é muito bela. Entretanto, tudo isso são hipóteses longínquas. Enquanto isso, os esquimós continuarão a viver sua vida de nomadismo, de aventuras, de perigos. Cheia também do grande silêncio do norte, em contacto com a natureza, independentes e livres, e quem sabe? — mais felizes do que nós...

O sacristão

(Cont. da pág. 19)

souzeiros. Descobri para meu espanto que você não sabe ler, nem escrever.

A expressão do sacristão não denotou o menor embaraço.

— O antigo vigário sabia disso, senhor. — respondeu. — Disse que não fazia a menor diferença. Ele sempre dizia que para o seu gosto o que havia no mundo era muita educação demais.

— E' a coisa mais espantosa que já ouvi. — gritou o general. — Você quer mesmo dizer que é sacristão

desta igreja há dezessets anos, e isso sem saber ler nem escrever?

— Comecei a trabalhar aos doze anos, senhor. A cozinheira da primeira casa em que trabalhei uma vez quis me ensinar, mas parece que eu não dava mesmo para a coisa. Depois, uma coisa e outra e nunca mais tive tempo. Na verdade, nunca senti falta disso... Pensei até que essa rapaziada por aí perde um bocadinho de tempo a ler quando podia estar fazendo alguma coisa de útil.

— Mas não lhe interessa saber as novidades? — perguntou o outro tesoureiro. — Nunca precisou escrever uma carta?

— Não, excelência. Creio que tenho me saído muito bem assim mesmo. E nestes últimos tempos eles põem tantos retratos no jornal que eu fico sabendo direitinho o que se passa. Minha mulher é muito instruída e quando eu preciso escrever alguma carta ela escreve para mim. Não sou nenhum escriturário...

Os dois tesoureiros olharam embaraçados para o vigário e depois baixaram os olhos para a mesa.

— Muito bem, Foreman. Já conversei muito sobre o seu caso aqui com os senhores tesoureiros e eles concordam comigo em que a situação é insustentável. Numa igreja como a de São Pedro, na praça Neville, não é possível um sacristão analfabeto

O rosto fino e pálido de Albert Edward ruborizou-se um pouco. Ele se mexeu, inquieto, mas nada respondeu.

— Espero que me compreenda, Foreman... Não tenho a menor queixa de você. Você perfaz suas obrigações muito satisfatoriamente; tenho na mais alta conta tanto o seu carácter como a sua capacidade; mas nós não temos o direito de correr o risco de qualquer acidente que possa ser causado pela sua lamentável ignorância. É uma questão tanto de prudência como de princípio.

— Mas será que você não pode aprender, Foreman? — perguntou o gen. ral.

— Não, senhor, receio que não possa; já é tarde. O senhor vê que já não sou tão moço como era, e já que não fui capaz de meter as letras na cabeça quando era guri, não creio que arranje alguma coisa agora.

— Não queremos prejudicá-lo, Foreman. — disse o vigário. — Mas os senhores tesoureiros e eu já nos decidimos. Dar-lhe-emos três meses; se ao fim desses período ainda não souber ler e escrever, recio que tenha de sair.

Albert Edward nunca fôra muito com o novo vigário. Desde o princípio achara que fôra um erro dar-lhe a igreja de São Pedro, pois não era o tipo talhado para uma confraria seleta como aquela. Então, ele se apru-

(Cont. da pág. 56)

de Charles Dickens. Imaginativa, mas não menos real para o autor, porquanto na mente do artista criador é difícil extremar o limite entre o fictício e o real. "Eu vivo", disse Charles Dickens, "com cada um dos meus personagens".

VI

A proporção que envelhecia, mais sociável ficava. Vivia num animado rodopio de alegres sensações. Estava sempre escrevendo novos livros, fazendo novas amizades, aprendendo novos passos de dança. Sua filha nos conta que certa vez, tendo-se iniciado num novo passo mais difícil, Dickens pulou da cama numa noite muito fria e começou a praticá-lo ao compasso do próprio assobio, causando isso forte aborrecimento a toda a família assim despertada.

Não passava de uma criança irresponsável, inquieta, caprichosa, extravagante. Com que facilidade o dinheiro lhe entrava em casa! E com que facilidade saía! Sabia perfeitamente da estonteante agitação que era a sua vida e com isso rejubilava. "Olarila!", berrava exultante. "Sou metade louco e outra metade maluco!"

Seu espírito, cuja atividade suplantara incomparavelmente a da maioria, penetrara agora numa nova avenida de sensações. E seu corpo, como que já começava a sentir a fadiga, meteu-se afoito pelo mesmo caminho. Tornou-se empresário teatral, diretor de cena e ator. Com uma companhia composta de gente tão leviana como ele próprio, cruzou os campos em várias direções, reatualizando velhas peças, escrevendo novas, flertando com as cachopas e deixando atrás de si, por onde quer que passasse, vestígios de seu bom humor e de sua alegria.

Gostava especialmente do teatro para crianças. E' que se entendiam muito bem, ele às crianças e as crianças a ele. No redemoinho intenso de suas atividades, nunca estava ocupado de mais para entretê-las. Sua casa estava sempre cheia de crianças, havendo então dez suas, e não falando nos inúmeros amigos que vinham visitar as de casa. E muitas vezes, diz-nos sua filha, o "Tio Boz" interrompia uma frase a meio para ir brincar com os "patifezinhos".

Em sua atitude para com as crianças, Dickens revelou-se não somente cheio de comichidade mas de ternura. Um dos seus amigos relata este episódio verificado com Dickens ao passearem eles pelos bairros pobres da cidade numa fria noite de inverno. "Na porta de um miserável

Bolo Royal da Semana

Faça bolos... Esta semana... E sempre... Sem esperar os grandes dias. As amigas ficarão encantadas, as visitas ficarão captivas. Fermento Royal está a seu dispor para assegurar-lhe bolos bonitos e apetitosos.

BOLO SOL

- 2 COLHERES (SOPA) MANTEIGA
-
- 1 XICARA RASA AÇÚCAR
-
- 3 GEMAS
-
- 1/2 XICARA LEITE
-
- 1 COLHER (CHÁ) ESSÊNCIA
-
- 1 1/2 XICARAS RASAS FARINHA DE TRIGO
-
- 3 COLHERES (CHÁ) ROYAL

Bata bem a manteiga com o açúcar. Acrescente as gemas que também devem estar muito bem batidas, e a essência. Peneire juntos a farinha e o Royal e adicione-os alternadamente com o leite à primeira mistura. Forma untada e forno brando, durante mais ou menos 45 minutos. Cubra o bolo com creme de chocolate, massa de suspiro ou creme Chantilly.

OBTENHA O CARTÃO ROYAL E GANHE O "LIVRO DE RECEITAS ROYAL"
Solicite hoje um Cartão Royal de seu fornecedor para saber como ganhar gratuitamente o famoso Livro de Receitas Royal. Ou escreva para Caixa Postal 3215 — Rio de Janeiro.

GRÁTIS!

PROD. DA STANDARD BRANDS OF BRAZIL, INC. — RIO DE JANEIRO

O SEGREDO DA "BOA MÃO"



Senhoras!
e
Natureza Falha
MENAGOL
REGULA!



São João está aí...

FALA-SE num grande concurso de músicas juninas, apesar de São João estar batendo à porta... É mais uma iniciativa de Heber de Boscoli, com a qual se procura despertar o interesse dos compositores para uma das festas mais populares de que se tem notícia no Brasil. Talvez sob a influência dos cruzeiros, os maiores da música popular se resolvam a dar um ar de sua graça, rendendo, musicalmente, louvores ao santo dos balões e das fogueiras. Isto porque há vários anos não ouvimos nada que supere as gostosas composições de João de Barros, Alberto Ribeiro e outros da velha guarda. O que se tem feito nesse sentido, não consegue despertar o interesse do povo, morrendo na incubadora. Assim, esperamos que a iniciativa de Heber de Boscoli marque nova etapa nas comemorações juninas, através das produções de nossos autores populares. A eles cabe apreciável parcela no incentivo às comemorações que se realizam no mês de junho, em louvor a três importantes figuras da Igreja. Que venham as marceiras alegres para animação dos bailes caipiras, tão do agrado de nossa gente.

A. MIGUEIS

SURPRESA
(Samba)

Letra e música de Jorge Viana.

I

Entrava eu num Café
Quando na primeira mesa
Ouví para minha surpresa
O teu nome na boca de alguém.
E os conceitos então emitidos
Feriram cruéis meus ouvidos:
Eu, que te conheci tão bem.

II

Sentido, então me dirigi
Ao que falava
E disse que ele se enganava
Em tudo aquilo que ouvi.
Mas, para aumentar os meus males
Ele sabia até os detalhes
De tua vida, que eu não conheci.

III

Não pude controlar o meu capanto.
Dois anos te mudaram tanto.
E a verdade foi a causa do teu fim.
Gostavas tanto de ouvir galanteios.
Que o teu nome correu todos os meios
Indo parar num botequim.

★

TRAIÇÃO
(Canción Ranchera)

De Gilberto Parra.

Ya no tengo que pensar-la
Eras tú mi consentida
Las ofensas que me has hecho
Acabarón con mi vida
Para que te quise tanto
Si estás llena de traición
Ve te y déjame sufriendo
Destrozando el corazón
Para que vivas tranquila
Tienes que ser más sincera
Yo te dejo en libertades
Busca otro hombre que te quiera
So lo este favor te pido
Que recuerdas mi pasión
Vette y déjame sufriendo
Destrozado el corazón.

(Tango)

VIVIANE DE PARIS

De Horacio Sanguinetti e Carlos Vican.

Tus ojos verdes hicieron feliz
La colecta del viejo Paris
Y cien pintores buscaron tus ojos
Y cien poetas rimaron su amor
Tus ojos verdes, murmullo del mar.
Londan la costa de mi soledad.

Viviane, en tus ojos verdes.
Viviane, se quedo mi amor.
Pensar que este amor juramos
La tarde que entramos
Ala en Notre Dame...
Viviane, hoy te extraño tanto.
Que he mi quebranto
Solo se llorar.

Tus ojos verdes mi vieja ilusión.
Los lloro dentro de mi corazón.
Encadenados igual que esmeraldas
En un engarce de penas y amor.
Tus ojos verdes, murmullo del mar.
Rondan la costa de mi soledad.

★

ZING-ZING-BUM...
(Samba-swing)

De Black-out e Zé Maria.

Zing-zing-zing-zing-zing-bum!...
Ela, no samba, é uma coisa louca
Zing-zing-zing-zing-zing-bum!...
Deixa a moçada com água na boca.
Zing-zing-zing-zing-zing-bum!...
Ela, no samba, desacata o mundo in-
[Teio]
Já vi essa cabrocha requebrando,
Sapateando num batuque no terreiro.

II

Tem cadência no samba — tem — tem
Tem ginga de samba — tem — tem
Olhar que conquista — tem — tem
Tem sangue de artista — tem — tem
Tem cadência no samba — tem — tem
Tem ginga de samba — tem — tem
Olhar que conquista — tem — tem
Também tem sangue de artista!

casobre (a manhã se aproximava e o ar gelado quase me cortava até aos ossos) vi-o tomar uma criança dos braços da pobre mãe embriagada e levá-la suja como estava, para dentro da casa, a fim de que lá tivesse calor e carinho. Outro amigo seu nos pinta um quadro de Dickens, igualmente belo, enquanto os dois caminhavam por Hungerford Market. Diante deles um carregador de carvão levava nos braços o filhinho cujo rosto rosado e sujo aparecia por sobre o ombro do pai. Dickens piscou para a criança e esta piscou para Dickens. Estabelecido assim entre os dois esse laço comum de compreensão, Dickens comprou um saquinho de cerejas numa carruagem de frutas e as foi dando uma a uma à criança sem que o pai percebesse o entremez.

A vida, como o sabiam Dickens e as crianças, podia converter-se numa comédia, para tanto bastando encará-la como se deve. Também Dickens ia o destino alimentando com cerejas que lhe deixavam na boca um agradável sabor.

E a consequente indigestão. Dickens comprara Gads Hill, o "palácio" onde, como dissera seu pai, ele poderia residir um dia se trabalhasse com ardor e fosse persistente. Mas a posse dessa casa e sua conservação vinham exigir mais perseverança e trabalho ainda mais árduo. E mais amigos, mais divertimento, mais irritação de sua mulher e um definitivo rompimento com ela.

Depois, um abalo sério em sua saúde. Mas nenhuma interrupção no seu trabalho. As despesas aumentavam, um público faminto clamava por mais histórias suas e exigia sua presença. Empreendeu uma série de preleções públicas sobre trechos de suas obras, realizando-as tanto na Inglaterra como nos Estados Unidos. E em toda parte era uma torrente de ouro e de aplausos. De Exter escreveu ele a um amigo de Londres: "Nunca vi coisa igual à afeição pessoal que me demonstram". Em Nova York uma mulher o deteve na rua e disse-lhe: "Mr. Dickens, deixe-me tocar na mão que encheu meu lar de tantos amigos". Era como se "todos quantos leram minhas histórias estivessem agora ansiosos por ouvir-me relá-las para eles". E nada havia nisso que admirar. Pois "esse homem", como fez notar uma senhora de Boston, "é um verdadeiro mágico... é toda uma companhia num só ator... Parece fisicamente transformado ao passar de um personagem para outro; tem tantas tonalidades de voz quantos tipos têm seus livros". Ocasionalmente houve em que toda a assistência parecia arrebatada por uma corrente de lisonja histórica. Não havia como fazer parar as explosões de gargalhadas e lágrimas, as palmas, o bater de pés e os gritos frenéticos de bis, bis, e mais bis!

E Dickens ia entretendo os seus admiradores, bisando-lhes o que pediam, ia recolhendo seus ganhos e comprometia seriamente suas energias. Depois de uma excursão de cinco meses pela América voltou para a Inglaterra com cem mil dólares no bolso e o sêlo da morte estampado no rosto.

Embora seu coração fosse ainda o de uma criança, seu corpo era o de um homem muito velho. "A menor comoção", escreveu em seu diário uma senhora de suas relações de amizade, "faz seu sangue afluir-lhe às mãos a ponto de às vezes ficarem quase negras". Sua digestão tornara-se tão difícil que ele não podia tocar em alimentos sólidos. Seu regime alimentar diário consistia em alguns biscoitos embebidos em creme, uma xícara de caldo de carne, um cálice de xerez e uma gemada com umas gotas de rum para "dar-lhe um gosto humano". Sofria continuamente de insônia e sentia um esquisito entorpecimento no pé esquerdo, "como se uma parte de meu ser já estivesse morta".

Contudo, prosseguiu em suas preleções públicas sobre livros seus durante toda a primavera de 1869 e — exceto um breve descanso no verão forte — durante todo o outono e o inverno de 1869, entrando pela primavera de 1870 a dentro.

Mas aí não teve mais ânimo para uma tal contensão. "Destas luzes vivas", disse ele em sua derradeira conferência, "me afastou agora para nunca mais voltar, e o faço com um adeus sentido, grato, respeitoso e cordial".

Foi apenas algumas semanas mais tarde que apareceu pela primeira vez diante de seu povo público — Uma assistência imensa de pessoas que adoram o riso, "pois que deles é o reino do céu".

Coisas de Franceses

(Cont. da pág. 22)

assimilação e arrebatada, por sua vez, para um discurso a favor da candidatura de D. Pérez.

Se na Espanha se vivesse sem mentes calças. Depois de brincar pela pátria desdoutou D. Seferito o trapo foi um passe a Espanha com honra, outro de peito a Gibraltar com os ingleses dentro, um de mérito a D. Pérez, sua nova lucidíssima luta, ainda que algo ballada, acerca da importância e caráter da questão e, por fim, rematou a sorte dando ao Governo uma estocada até aos ossos.

O público gritava: *¡olé que salero!* e pedía para darem ao tribuno a crelha do bicho, unido nos seus vivas D. Pérez e D. Seferito.

Então também ali o grande organizador das orações, o Barnum espanhol, o populareíssimo empresário D. Carrascal, que se propunha levar em *tournee* pela Espanha o sábio D. Pérez, tal como já tinha feito com o grande poeta nacional.

O bom de D. Pérez deixava-os proceder, traido e levado pelos seus admiradores, sem saber em que iria dar tudo aquilo.

Mas nem a eloquência tribunicia do teureiro D. Seferito, nem a atividade do populareíssimo D. Carrascal, nem a proteção do grande político D. Encinas, comoveram o Governo espanhol, que continuou a comer a dois carrinhos e surdo às vozes do povo, conforme é seu costume.

E desta forma continua de pé o Rochedo de Gibraltar com os ingleses lá dentro!

★

Convenhamos em que só um francês é capaz, depois de enfiar tal colar de disparates, sobretudo o de apresentarmos um touriro como tribuno a favor da candidatura a deputado de um sábio. Só um francês, dizíamos, é capaz de apresentar tal conto como característico dos costumes de Espanha. Coisas de franceses!

Oh! Senhor! Quando hão-de aprender os nossos vizinhos a conhecerem-nos pelo menos tão bem como nós nos conhecemos?

O BICHO DO TIO BELHOMEM

(Cont. da pág. 21)

Pronto. Lá está a subir... ui!... ui!... ui!... que desgraça!

Caniveau impacientou-se.
— É a água que o faz raivoso, a esse bicho. Se calhar está acostumado ao vinho.

Puseram-se a vir. Ele continuou:
— Quando os garmos ao café Bourbon d'la guarda que ele não bulirá. Garante-te.

Mas Belhomme já não podia mais com a dor. Pôz-se a gritar e como a lhe arrancassem a alma. O cura viu-se obrigado a segurar-lhe a cabeça.

Pediu-se a Cécile Hérault que morasse na primeira casa que aparecesse.

Era uma herdade que estava à beira da estrada. Transportaram Belhomme para ali depois deitaram-no na rede da cozinha para começar a operação.

Caniveau aconselhava sempre que lhe misturassem aguardente com água, para embebedar o bicho, matá-lo, talvez. Mas o cura preferiu vinagre.

Fiz ram correr a mistura, desta vez gota a gota, para penetrar bem até ao fundo, deixando-a depois alguns minutos no brado habitado.

Trouxeram novamente uma bacia, e Belhomme foi virado todo inteirinho, de uma só vez, por esses dois colossos, — o cura e Caniveau — enquanto o

mestre escola batia com os dedos na orelha, para avisar bem a outra. O próprio Césaire Horiaville entrou para ver, de chique na mão.

De repente, avistouse no fundo da sacia um peso no ponto escuro, com a aparência de uma sentença de esbela. Mas aquilo mexia. Se era uma pulga. Levantaram-se gritos de espanto seguidos de risos retumbantes. Uma pulga. Ah! aquela era bem boa, bem boa! Césaire batia na côxa: Césaire Horiaville fazia estalar o chicote: o cura ria como os burros quando orçavam, e o mestre escola como quando se espirra: as duas mulheres soltavam gritinhos de alegria, semelhantes aos cacarejos das galinhas.

Belhomme sentara-se sobre a mesa e com a bacía polida nos joelhos, contemplava com uma atenção grave e uma cólera alegre no olhar, a bestiola vencida, que rodopiava na sua gota de água. Resmungou: "ai estás meu monte de estrume", e escurrou-lhe em cima.

O cocheiro, doido de alegria, repetiu: — Uma pulga, uma pulga, oh! até que enfim, minha pulga... Depois, tendo-se acalmado um pouco gritou: — Vamos a caminho. Já chega de tempo perdido.

E os passageiros rindo sempre, voltaram para o carro.

Entretanto, Belhomme que vinha em último lugar, declarou:

— Eu volto para Crique-tot, já que não tenho que fazer no Havre.

O cocheiro disse-lhe:

— Não importa, para o lugar.

— Só te pago metade: não passei de meio caminho.

— Pague tudo porque marcaste até ao fim.

E começou uma discussão, que se tornou dentro em pouco uma querela furiosa.

Belhomme jurava que não daria mais de duas coroas, Césaire Horiaville afirmava que não receberia menos de quatro.

E batavam, nariz contra nariz, os olhos nos olhos.

Quem se tornou a dizer.

— Primeiro, deves quatro coroas ao cura, ouves, e depois uma roda a toda a gente. Isto faz cinco coroas e depois deves duas ao Césaire. Está bem assim, oh espertalhão!?

O cocheiro, encantado por ver Belhomme descrembiar sete coroas, respondeu:

Está bem.

— Então paga.

— Isso e não pago. O cura não é médico.

— Se não paga, despego-te no carro do Césaire e levo-te para o Havre.

E o colosso, agarrando Belhomme pelos rins, levantou-o como uma criança.

O outro viu que era preciso ceder. Puxou da bolsa e pagou.

Em seguida o carro pôs-se a caminho, para o Havre, enquanto Belhomme voltava para Crique-tot, e todos os passageiros, mudos agora, olhavam pela estrada branca a blusa azul do camponês a balouçar por cima das suas longas pernas.

A VIDA DE CALVINO

(Continuação da pág. 33)

Não há lugar para a confiança ou o desespero, por parte de nenhum homem. Pois ninguém pode saber se é ou não um dos Eleitos, senão mediante um sinal interior de Deus. E cada um deve esperar o sinal interior. Enquanto há vida há esperança. E essa esperança no sinal interior que deve levar cada homem a ter uma vida de retidão inabalável. Realmente, nenhum homem no seu próprio juízo há de querer levar uma vida de pecado dando assim ao mundo uma prova exterior de que pertence ao número dos condenados.

Calvino era um mestre de ação, não de teorias. Era um advogado que lidava com provas concretas. Qual é a prova de que um homem está entre os Eleitos? Sua vida reta. E Calvino estava decidido a forçar cada um de seus discípulos ao extremo de uma vida moral incansável. "Deveis submeter-vos ao supremo padecimento para descobrir se estais destinados a bemaventurança".

Esta sombria concepção de Deus e do homem é uma forma exagerada da reação protestante contra o catolicismo. Em alguns aspectos, é um retorno a uma religião muito mais antiga do que o catolicismo — a religião da lei mosaica. Calvino rejeita o Deus cristão do amor e retrocede até Jeová, o Deus da ira. Repudia um Pai que perdoa, e adota um Padrao que nunca esquece. Tira sua inspiração maior, não do "Sermão da Montanha", mas dos "Dez Mandamentos", e erige em principal artigo do seu credo o segundo desses mandamentos: "Não terás outros deuses diante de mim; não farás para ti imagem de escultura".

A doutrina calvinista dos Eleitos foi moldada segundo a idéia do Povo Escolhido, exposta no Velho Testamento. Era um pacto entre um povo favorecido e um Deus favorito. Olho por olho, dente por dente, bênção por bênção. O Senhor prometia: "Eu não escolherei outros homens diante de vós". Mas, em troca, exigia: "Vós não preferireis outros deuses diante de Mim". Jesus, o Senhor da clemência divina, exaltara a todos os homens. Calvino, o profeta da majestade divina, esmagou a todos os homens — com a exceção de uns poucos eleitos.

Mas aí! se o meu Salvador sangrou.

Se o meu Redentor morreu.

Acaso o santo corpo imolou

A um verme como eu?

Mas, a despeito do seu dogma acerbo, o Calvinismo era um credo de retidão moral. Representava uma filosofia de padrões éticos relativamente elevados, numa época imperfeita. Noblesse oblige! A nobreza dos Eleitos deve ter ferro no sangue e coragem no coração. Foi essa rigidez da disciplina calvinista que habilitou Cromwell a derribar a tirania, e os puritanos a construir uma sociedade nova na terra virgem da América.

▼

Os burgueses de Genebra não receberam de boa sombra o homem que se supunha o promotor público de Deus contra os pecadores do mundo. Um dos correligionários de Calvino expressou em termos muito moderados essa atitude, ao dizer-lhe: "Sois um homem irritável". Depois de alguns anos dessa irritabilidade, os genebrinos resolveram desembaraçar-se dele.

Calvino foi para Estrasburgo e empreendeu novo curso de estudos — um rigoroso adestramento no tato social. E então, a fim de se preparar ainda mais para o seu papel de "legislador da Esparta protestante", saiu a viajar entre as diversas seitas luteranas da Alemanha. Achou os alemães muito "tíbios" no cumprimento de seus deveres religiosos. As doutrinas "bonacheironas" de Lutero perturbaram-no profundamente. E os alemães, por sua parte, lhe chamaram "francês bulhento e fanático", e o aconselharam a não meter o nariz nos assuntos deles.

Entretanto, seguindo o exemplo de muitos teólogos protestantes, Calvino casara-se. E mal se estabelecera com a sua viúva e os dois filhos dela, os volúveis habitantes de Genebra, que em sua ausência tinha ganho afeição ao "excelente mestre", lhe pediram que tornasse para junto deles.

Voltou. E desta vez conseguiu impor-lhes sua vontade de ferro. Durante vinte e três anos, até morrer, governou os genebrinos, substituindo ao antigo imperialismo romano o novo imperialismo das Escrituras. E por toda parte se dizia: "Calvino em Genebra, como o Papa em Roma, é agora um fato histórico".

Todos os cidadãos de Genebra foram obrigados, sob juramento, a professar a fé protestante. "Não se toleravam roupas vistosas... Fiscais andavam de casa em casa, para informar sobre a moralidade dos cidadãos e certificar-se de que as leis estavam sendo executadas". Muitas infrações leves eram rigorosamente punidas por essa "gendarmeria dos domínios de Deus". Três homens foram detidos porque riram durante um sermão de Calvino. Outro foi severamente repreendido por dizer que preferia os antigos pregadores. Proibiu-se a dança. Fecharam-se as tabernas, estabelecendo-se "abadias" onde era servido vinho "com moderação" até as nove horas.

MAS A ENCERADEIRA G.E.

Faz tudo isto...



---lava e esfrega---

--- encera ---



e lustra!

Além de tornar mais cômoda a tarefa de encerrar e lustrar, a nova enceradeira doméstica G.E., modelo EA-9, é mais do que uma enceradeira porque também lava e esfrega qualquer espécie de assoalho, — seja madeira, mármore, ladrilho ou linóleo. Procure ver a nova enceradeira General Electric!

Ouca os Festivais G.E. todas as quartas-feiras às 20:30 horas na onda da Rádio Nacional.



8279

GENERAL ELECTRIC

RIO DE JANEIRO — SÃO PAULO — RECIFE — SALVADOR — CURITIBA — PORTO ALEGRE



PARE!

A QUEDA DE SEUS CABELOs

USANDO

PETROLINA MINANCORA

OTONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOs

E DEMAIS AFECCOES DO COURO CABELUDO



O Creme Dental Nicotan (fórmula original americana) é recomendado especialmente para fumantes. Remove completamente as manchas da nicotina acumulada nos interstícios dos dentes e causadas pelo uso contínuo do cigarro. Nicotan dá aos dentes um brilho deslumbrante e às gengivas uma coloração natural e sadia. Não ataca o esmalte. Não contém pedra pómei nem substâncias ácidas ou corrosivas. Tem sabor de cerejas.

NICOTAN

CREME DENTAL ESPECIAL PARA FUMANTES



A BELEZA É OBRIGAÇÃO

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feita quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface "Brilhante" ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O creme de Alface "Brilhante" permite a pele respirar ao mesmo tempo que evita os danos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

É um produto dos Laboratórios Alvim & Freitas.

CABELLOS BRANCOS

CASPA Quêda dos Cabellos

JUVENTUDE ALEXANDRE

da noite. Nessas "casas autorizadas de libação", o freguês devia dizer as graças antes e depois de cada copo. Três meses desse regime, e o governo se viu compelido a reabrir as tabernas, tão grande era o clamor público pelas "boas bebidas dos tempos antigos".

Além dos "hediondos crimes de homicídio, adultério, frequência nos bailes, e ausência da Igreja às quartas-feiras e domingos", o cidadão podia ser processado "por tentar suicidar-se, por possuir um exemplar de livro proibido, por dizer requiescat in pace sobre a sepultura de um marido, por declarar que não existe diabo nem inferno, por concertar o casamento de uma mulher de setenta anos com um homem de vinte e cinco, por falar contra a condenação à morte devida a opiniões religiosas, por criticar a doutrina dos Eleitos, por dizer que o Papa é boa pessoa, por cantar canções difamatórias contra Calvino".

Em certas ocasiões, os cárceres pareciam "ante-salas do paço real, tão apinhados estavam. Quase ninguém se forrava a alguma sentença. Damas da sociedade, membros do conselho, eclesiásticos, todos tinham de entrar numa prisão, mais cedo ou mais tarde".

Chamava-se a atenção dos cidadãos para uma lista de nomes de batismo que em caso algum deviam dar a seus filhos. Qualquer pai que batizasse um filho com o nome de Angelo, Evangelista, Pentecostes, Domingo, Páscoa ou Jesus, ficava sujeito à pena de prisão.

A moralidade dos governantes era tão miudamente fiscalizada como a dos governados. De três em três meses os legisladores se reuniam "em amor e caridade", para curvarem as cabeças e confessarem os seus pecados uns aos outros.

Assim se transformou a "mais desgraçada cidade do Diabo" na "mais comedida cidade de Deus". Sem embargo, os cidadãos não cederam sem luta as suas liberdades e prazeres. Chamavam Calvino de "Calm", e davam aos cães o nome do pregador. Em uma ocasião, o partido dos Libertinos planejou fazê-lo voar para a eternidade e tornar a depositar o governo em "mãos sensatas". Mas os chefes foram presos e decapitados, e seus corpos esquartejados e expostos nas praças mais frequentadas. Genebra fizera-se piedosa. Não havia alternativa.

Mas nem bem Calvino acabara de sanear as casas dos vizinhos, e veio a descobrir a existência de impurezas na sua própria sala de visitas. A mulher do seu irmão foi condenada por adultério com um criado oculto. Depois, sua própria enteada foi acusada do mesmo crime. Cheio de vergonha, ele fugiu de Genebra. Mas passado algum tempo regressou para cumprir a sua missão, que era "mais importante do que qualquer desgraça de família".

Nenhuma alegria ou dor familiar o desviava do seu intento. Nenhum triunfo ou provação pessoal. Nenhum parente chegado, e certamente nenhum estranho, poderia jamais esperar dele clemência, desde que esta se atravessasse no caminho do dever. "Se o dever leva à morte, que assim seja". Tal foi a sua atitude no caso de Miguel Servet. Este médico erudito — que, setenta e cinco anos antes de Harvey, demonstrou a circulação do sangue — defendia princípios religiosos contrários à Igreja Protestante. O Conselho de Genebra ordenou que "o herege" fosse queimado vivo. E Calvino, pôsto que desejasse castigo mais brando para Servet, não trepidou, entretanto, em cumprir a vontade do Conselho.

Servet teve dificuldade em aceitar a morte. Ainda mais dificuldade tinha Calvino em continuar a viver. Passou mortalmente enfermo os últimos anos de sua vida. Escarrava sangue em profusão, padecia dores de cabeça insuportáveis. Consumia-o a tísica, a febre reumática e a gota. Que era que o mantinha vivo? Não a resignação filosófica, o senso humorístico ou uma doce cordura. Era unicamente a capacidade de matar por suas crenças que o habilitava a viver por elas.

VI

Sentado lá no gabinete, guarnecido de móveis de nogueira, da sua casinha em Genebra, com as costas voltadas para os gigantes Alpes, adivinhará Calvino qual a parte de sua doutrina que há de sobreviver? Não será o poste, o pelcuri-

nho. Estes constituem apenas as vagas furiosas que hão de ser esquecidas no inquieto oceano do tempo. Calvino orientou uma nova classe de pessoas para um novo gênero de vida. No século XVI a classe média assumiu um papel preeminente no palco da história, e o pregador de Genebra forneceu a esses banqueiros, industriais e comerciantes uma religião que lhes guiasse o comportamento austero, um espírito de classe que os inspirasse na luta pelo predomínio social, uma justificação moral ao desejo material de se imporem como os Eleitos. Vida simples, pensamentos elevados, esforço incansável.

Frugalidade, sobriedade, parcimônia, economia, laboriosidade. Um dólar gera outros dólares. Calvino, em Genebra, após a sua chegada a um costume que a Igreja Católica nunca se dispusera a adotar. Permitiu aos seus adeptos emprestar dinheiro a juro. Desempenhou não pequeno papel de fomento do capitalismo nascente. Que os santos da Igreja Católica sonhem com o céu; os santos da Igreja Calvinista acham-se firmemente plantados na terra. O homem que trabalha com afinco para superar o próximo na procura do sinal da preferência divina, dificilmente poderá evitar de acumular riquezas durante esse tempo. "O troféu da graça de Deus pertence aos que vencerem a competição".

O calvinismo estimulou a ambição da classe média. E a sua independência inspirou aos huguenotes a paixão de especular, e aos lanques o gosto de comerciar e construir navios. E levou um dos homônimos do genebrês, Calvino Coolidge, à presidência dos Estados Unidos, com uma plataforma de liberdade de empreendimento para todos e concessão dos melhores prêmios aos Eleitos.

Extensas foram as ramificações da doutrina que Calvino instituiu escrevendo a mártires e reis. Embora tenha sido, anos a fio, o ditador incontestado de Genebra, Calvino deu impulso à marcha do governo constitucional em todo o Ocidente. "Se um soberano administra mal, perde o direito de governar". Seus discípulos formularam a doutrina da "soberania popular" nas barbas dos reis Valois. Declararam que nenhum rei governa por direito divino; que todo governo é um contrato com o povo: que o povo tem o direito, e o dever, de determinar sua própria forma de governo.

Muitos eram os exilados protestantes que procuravam abrigo em Genebra e depois voltavam aos seus países de origem para disseminar a doutrina do calvinismo. O calvinismo dos Eleitos. O capitalismo da classe média. A Democracia da competição pela glória material e pela graça espiritual.

E o evangelho da educação universal. Foi de conformidade com a tradição do Profeta de Genebra que os puritanos da Nova Inglaterra, quase imediatamente depois de construírem a primeira Casa de Oração, fundaram o Colégio de Latim de Boston e a Escola de Harvard.

Os inimigos de Calvino esperam-lhe a morte com impaciência. Mas Calvino não morre. A melhor parte da sua personalidade sobrevive aos Cotton Mathers e aos caçadores de bruxas da Nova Inglaterra. Pois a doutrina calvinista do Dever — o "Severo Legislador" — serve, não apenas como "um açoite para deter os transviados", mas também como uma luz "para preservar do mal as estrélas" e conservar "vivos e fortes os antigos céus".

(Do livro "Vidas dos grandes capitães da fé".)

O sacristão

(Cont. da pág. 56)

loja vazia, alugou-a. Também esta foi um sucesso. Mais uma tarde lhe ocorreu que se podia ter duas, podia ter meia dúzia, de modo que começou a perambular por Londres, e sempre que achava alguma rua comprida que não tivesse charutaria mas tivesse uma porta para alugar, ele a alugava. No fim de dez anos tinha nada menos de dez lojas e ganhava dinheiro com toda a facilidade. Nas segundas-feiras percorria os negócios, recolhia as rendas da semana e levava tudo para o banco.

Numa certa manhã, quando depositava um respeitável maço de notas e um re-



OS ANOS DESAPARECEM



com uma simples
demão de

ENAMELOID

Fácil para pintar, ENAMELOID não deixa marcas de pincel e seca rapidamente, proporcionando um maravilhoso acabamento de porcelana. Forma uma superfície dura e brilhante resistente ao sujo, às manchas e à água quente, que pode ser limpa com um pano úmido! Compre, hoje mesmo, ENAMELOID e dê nova vida e beleza às suas cadeiras, portas, batentes, rodapés, móveis etc. Para as paredes, use KEM-TONE.

TINTAS E

VERNIZES

SHERWIN WILLIAMS

DO BRASIL S. A:

S. Paulo: R. Barão de Itapetininga, 124 4.º and. - Tels.: 4-6681 e 6-1229

R. de Janeiro: R. André Cavalcanti, 23 Tel.: 22-2077

AS MULHERES LINDAS AFIRMAM:



RUGOL

facilita o tratamento da pele porque equivale a 2 CREMES NUM SÓ!

O Creme Rugol simplifica extraordinariamente o seu tratamento de beleza, por ser ao mesmo tempo um creme embelezador e de limpeza! Suaviza, clareia e nutre a pele. E serve também como excelente creme-base. Rugol é muito indicado nos casos de pele imperfeita, com espinhas, cravos, rugas ou manchas. Comece a usar hoje mesmo o Creme Rugol, que dá à cutis maravilhosa brancura-difano esplendor de primavera.



Quase todas as imperfeições da cutis nascem nas chamadas camadas subcutâneas, onde é necessário estimular e nutrir a pele.



Applique Rugol todas as noites, com massagens de 2 a 5 minutos.

CREME

RUGOL

Mantém em segredo sua idade, porque LIMPA, CLAREIA E EMBELEZA A PELE

Números atrasados deste

Revista no Para

Pedir

Albano H. Martins & C.

Travessa Campos

FEI PA

gular saco de moedas, o caixa o avisou de que o gerente queria lhe falar. Albert Edward foi introduzido num gabinete e o gerente lhe apertou a mão.

— Sr. Foreman, eu quero lhe falar sobre o capital que tem em depósito conosco. Sabe exatamente a quanto monta?

— Exatamente não, senhor; mas faço uma idéia.

— Fora o que depositou hoje, vai um pouco além de trinta mil libras. E' uma soma avultada de mais para ficar em depósito e eu acho bem interessante que o senhor a inverta em algum negócio.

— Eu não gosto muito de arriscar não, meu amigo. Sei que está seguro aqui no banco.

— Não precisa se preocupar. Nós faremos para si uma relação de títulos absolutamente garantidos, que lhe darão juros muito melhores do que lhe podemos proporcionar.

Um olhar de dúvida sombreou as feições distintas do sr. Foreman.

— Eu nunca andei metido com ações e apólices, de modo que teria de deixar tudo em suas mãos...

O gerente sorriu.

— Cuidaremos de tudo. A única coisa que o senhor tem a fazer é assinar as procurações, na próxima vez que aqui vier.

— Isso eu posso fazer — disse Albert, hesitante. — Mas como é que vou saber o que estou assinando?

— Creio que o senhor sabe ler, disse o gerente em tom de impaciência.

O sr. Foreman endereçou-lhe um sorriso desconcertante.

— Bem, senhor; aí é que está. Não sei. Sei que parece mentira, mas é isso mesmo: não sei ler nem escrever; apenas o meu nome, e assim mesmo depois que me fiz comerciante.

O gerente ficou tão espantado que saltou da cadeira.

— E' a coisa mais extraordinária que já ouvi.

— E' muito simples, senhor. Nunca tive oportunidade até que ficou tarde de mais, então eu não quis. Cismei com a coisa.

O gerente o olhava como se ele fosse um monstro pré-histórico.

— E o senhor quer me dizer que construiu o importante negócio que possui o que fez uma fortuna de trinta mil libras sem saber ler nem escrever? Grande Deus, homem, que não seria hoje se o soubesse!

— Isso eu lhe posso dizer, senhor, — disse o sr. Foreman, um ligeiro sorriso nas feições aristocráticas. — Seria sacristão da igreja de São Pedro, da praça Neville.

Tesouros artísticos da

(Cont. da pág. 27)

do último lustro à admirável devoção dum ilustre sacerdote baiano, o cônego Odilon Moreira, capelão da Basílica do Salvador, uma verdadeira cruzada pelo espólio da arte religiosa da Bahia. De fato, em longa e desajudada perseverança, que somente a sua fé e o seu amor à terra natal seriam capazes de manter imperturbável, vem o cônego Moreira, paciente e dedicadamente, reunindo, num imenso salão da sacristia da sua igreja venerável, o mais fabuloso acervo de imagens antigas, santos, Cristos, Madonas, querubins, quadros e esculturas de três e quatro séculos, alguns prodigiosamente belos, todos comoventemente sugestivos, como a famosa imagem da Virgem das Agonias, diante da qual o padre Antônio Vieira teria sentido o estalo que o mudaria de pobre clérigo burrinho em gênio vocabular do continente. Tudo isso

enfileirado numa ronda esplêndida de figuras extáticas ou sofredoras, duma arte refinada ou ingênua, algumas de matéria preciosa, cravejadas de ouro e de diamantes, como jóias; outros pobrezinhos, na sua dolente graça florescida ao milagre da crença do toreuta humilde do sortão. Um maravilhoso museu de arte religiosa que tem sido constantemente visitado por todos os estrangeiros ilustres que passam por último na Bahia e de que até certa publicação americana, em Tóquio, já deu notícia, por ser desde agora o mais rico e o mais belo de toda a América Latina.

Sabe-se que a capital da Bahia comemorará no próximo ano o quarto centenário da sua fundação, idade provecta para uma cidade do Brasil, dentro da sua descuidosa juventude de país eternamente menino.

Seria hora de todo o país iniciar uma romaria como a um santuário sagrado pela fé e pela intrepidez, pelo patriotismo e pela cultura dos nossos antepassados daquele recanto abençoado da pátria, romaria que pudesse devassar ao maior número possível de forasteiros a esplêndida revelação das suas glórias artísticas e históricas, tão numerosas como as esquinas das suas ruas de quatrocentos anos.

As esplêndidas fotos aqui reproduzidas são apenas como que um índice gráfico desses tesouros: a pintura da Bahia, a torêutica da Bahia, a cerâmica portuguesa dos azulejos da Bahia, na glória do seu prestígio secular, a que se junta, como traço de união mais sugestivo desta idade a arte de um Presciliano Silva, desabrochada como última flor da mesma emoção e do mesmo espírito que impregna o âmbito da grande nave que é toda a velha e amada cidade do Salvador.

NOS BASTIDORES FEMININOS

(Cont. da pág. 33)

lando assim a completa ausência de um senso de responsabilidade e controle.

O mesmo acontece com aquelas que dependem exclusivamente dos maridos; ao receberem a mesada destinada às despesas da casa, julgam-se muito ricas e passam logo a gastar como si realmente o fossem, num completo desrespeito à confiança e aos esforços daqueles que as mantêm. Poucos são os maridos que gostam que as esposas lhes pecem dinheiro além do que eles costumam dar e, esse assunto tem servido de base para sérias discussões entre marido e mulher, chegando, muitas vezes, a provocar uma situação insustentável, que deveria, de todos os modos, ter sido evitada. E' preciso que a mulher saiba dar valor ao trabalho alheio e ao seu próprio, organizando a sua vida de maneira que nunca se venha a colocar em apuros. O aconselhável, é manter-se um caderno no qual seriam anotadas todas as despesas, por pequenas que fossem e, só depois de decorrido o mês, si houvesse alguma "sobra", lhe seria permitido fazer uma extravagância. As coisas necessárias viriam em primeiro lugar, naturalmente sem prejudicar o bem estar e o conforto dos seus. Uma mulher equilibrada e organizada, pode dar a tudo e a si mesma um aspecto agradável mesmo sem gastar fortunas. — KITTY

COLCHÃO DE MOLAS "BRASIL"



GARANTIDO POR 10 ANOS COM CERTIFICADO
VENDAS A PRAZO EM 10 PRESTAÇÕES
Exposição e informações com o Representante exclusivo
A BLUM SOBRINHO
RUA DO CARMO, 6-10.º ANDAR
Salas 1.009/10 — Fone: 42-2455



das o que
um fica.

Pode-se assim dizer da ÁGUA INGLESA GRANADO que há mais de 60 anos é usada com os melhores resultados nos casos de ANEMIA, CLOROSE e CONVALESCÊNCIAS.

TÔNICA E APERITIVA

ÁGUA INGLESA GRANADO

Dr. José de Albuquerque

Membro efetivo da Sociedade de Sexologia de Paris

DOENÇAS SEXUAIS DO HOMEM

R. Rosario 98 — Rio de Janeiro

Não permita que a prisão de ventre prejudique o seu organismo

Conserve os seus intestinos sempre limpos. Todos sabem que um grande número de moléstias tem como responsável a prisão de ventre ou constipação intestinal. As indigestões, flatulências, hemorroidas, dispepsia, vertigens, neurastenia, lassidão, insônia, perda de apetite, dor de cabeça pontadas nas costas, palpitações, mau hálito, espinhas no rosto, úlceras na boca, apendicite, congestão hepática, etc. são manifestações do mau funcionamento do estômago, fígado e principalmente dos intestinos. As Pilulas Aloicas auxiliam os movimentos peristálticos dos intestinos, regularizando-os. Desinfetam o tubo gastro-intestinal. Expulsam os gases e des congestionam o fígado. As evacuações produzidas pelas Pilulas Aloicas não são acompanhadas de dores ardor ou mal estar. Sua ação é branda e completa. Não se aventure ao risco de agravar uma doença já por si tão grave usando purgantes violentos e irritantes, que ao invés de regularizar os intestinos ressecam-nos cada vez mais. Recorra sempre às Pilulas Aloicas. Elas nunca falham, por antiga ou rebelde que seja a sua moléstia.

Cartas: CX. Postal 2453 — São Paulo

Pasta Dentifrícia S.S. WHITE

O DENTIFRÍCIO INDICADO
PARA HIGIENE E
CONSERVAÇÃO DOS DENTES

DA MOCIDADE ÀS PORTAS DA VELHICE...

A mulher se encontra sempre diante do seu grande problema: os males próprios do seu sexo. Desde os 13 anos, quando se torna verdadeiramente mulher até os 50, quando atravessa a chamada idade crítica os seus incômodos se repetem todos os meses, refletindo, muitas vezes, enfermidades que, se forem descuidadas ou tratadas com remédios ineficazes tornar-se-ão crônicas e incuráveis. E tão grandes e torturantes são os sofrimentos que essas enfermidades lhe trazem que a sua vida se resume numa sucessão de martírios e há, para ela, em cada mês muitos dias que lhe são verdadeiros espantinhos. Não se deixe, prezada leitora, dominar por esses males. Não permita que eles lhe roubem a saúde, porque perder a saúde é perder a mocidade, os encantos, a alegria! O Regulador Xavier — fabricado em duas fórmulas diferentes, o N.º 1 e o N.º 2, de acordo com as naturezas diferentes das enfermidades femininas — é o remédio eficaz e poderoso contra essas enfermidades, pois as combate com vigor e as afasta definitivamente. O Regulador Xavier N.º 1 se aplica nos casos de regras abundantes, repetidas, prolongadas, hemorragias e suas consequências. O Regulador Xavier N.º 2 se aplica nos casos de falta de regras, regras diminuídas, irregulares, retardadas, insuficiência ovariana e suas consequências.

Milhares de atestados médicos e populares, vários anos de grandes sucessos, consagraram o Regulador Xavier como o remédio de confiança da mulher.

O REGULADOR XAVIER assegura para a mulher — desde a mocidade até as portas da velhice — a saúde que é a chave e o segredo de sua felicidade, de sua alegria e de seu bem estar.

O sacristão

(Cont. da pág. 51)

mou: conhecia o próprio valor e não ia permitir que o humilhassem.

— Sinto imensamente, senhor, mas creio que não há jeito. Já sou muito velho demais para aprender as letras. Passei bastantes anos sem saber ler nem escrever e nunca pensei em me levantar... o elogio próprio é má recomendação... mas não recuso dizer que tenho cumprido o meu dever nesta posição que a divina providência me concedeu e mesmo que eu pudesse aprender agora, não sei se me interessaria.

— Neste caso, Foreman, recuso que tenha de sair. — Perfeitamente, senhor, compreendo muito bem. Terei o maior prazer em lhe entregar o meu pedido de demissão assim que o senhor encontrar alguém para o meu lugar.

Mas quando Albert Edward, com a sua habitual delicadeza, acabou de fechar a porta atrás do vigário e dos dois tesoureiros, não mais pôde manter a expressão de serena dignidade com que aparara o golpe. Seus lábios estremearam. Ele caminhou devagar de volta à sacristia e pendurou a sua opa num determinado cabide. Suspirou, pensando nos inúmeros funerais e casamentos que assistira. Arrumou tudo direitinho, vestiu o casaco e o chapéu na mão desceu a nave. Fechou a porta cuidadosamente, como sempre. Atravessou a praça mas, concentrado que estava em tristes pensamentos, não tomou a rua que sempre o levava ao lar, à sua bela xicara de chá: enveredou por outra rua. Foi caminhando vagarosamente, de coração pesado. Não sabia o que fazer. Neri sequer se permitia pensar em voltar ao serviço doméstico: depois de ser dono de si mesmo durante tantos anos — pois o vigário e os tesoureiros podiam dizer o que bem entendessem, mas era ele quem dirigia a igreja de São Pedro da praça Neville — seria até uma humilhação aceitar tal posição. Albert Edward economizara uma boa quantia, embora insuficiente para sustentá-lo sem trabalhar, com a vida assim cada vez mais cara. Nunca pensara em vir a defrontar tal dificuldade. Os sacristãos de São Pedro, como os papas de Roma, eram vitalícios. E sempre imaginara a carinhosa referência que o vigário faria, no primeiro domingo após a sua morte, aos dedicados e longos anos de serviço e ao caráter exemplar do falecido sacristão Albert Edward Foreman. Suspirou profundamente. Albert Edward não fumava e não bebia, de um certo modo; isto é, gostava de um copinho de cerveja, ao jantar, e quando cansado apreciava um cigarrito. E naquele ponto lhe ocorreu que um lhe cairia muito bem, e já que não costumava trazê-los no bolso procurou uma charutaria onde pudesse comprar um maço de Gold Flakes. Não viu nenhuma e continuou a procurar. A rua era muito comprida e tinha toda a espécie de varejos, mas nenhum onde se pudesse comprar cigarros.

— Esquisito, — disse Albert Edward.

Para se certificar tornou a percorrer a rua de ponta a ponta. Não, já não restava dúvida. Parou e olhou pensativamente de um lado para outro.

— Não posso ser o único homem que passa nesta rua e que fica com vontade de fumar, — disse ele. — Não sei não, mas um sujeito podia fazer um bom negócio com uma portinha aqui. Tabaco e doces, é claro. E ele deu um salto.

— É uma idéia, — pensou. — Engraçado... como as coisas aparecem quando a gente menos espera.

Voltou-se, foi para casa e tomou o seu chá.

— Você está muito calado hoje, Albert, — comentou a esposa.

— Estou pensando, — ele explicou.

Considerou o assunto sob todos os pontos de vista e no dia seguinte passou de novo pela tal rua e por pura sorte encontrou uma lojinha descalçada que lhe servia perfeitamente. Vinte e quatro horas depois deixou para sempre a igreja de São Pedro da praça Neville e se estabeleceu com charutaria e banca de jornais. A esposa achou que aquilo era uma degradação depois de ser sacristão da igreja de São Pedro mas ele respondeu que se precisava caminhar com a época, que a igreja já não era mais aquela e que dali por diante haveria de dar a Cesar o que fosse de Cesar. Albert Edward saiu-se muito bem. Tão bem que cerca de um ano depois achou que podia abrir uma segunda loja e admitir um auxiliar. Procurou outra longa rua que não tivesse charutaria e assim que a encontrou, com uma

(Cont. na pág. 54)

Contra o esgotamento físico e mental!

VINHO DA VIDA

VINOVITA

RENOVADOR DAS FORÇAS

Tônico poderoso

Seu primeiro Amor.

ficou gravado com uma câmera fotográfica, para ser lembrado por toda a sua vida. Um aparelho que garante mesmo a criança resultados perfeitos e alameda.

MITHRA

— Box 47 —

É uma joia de acabamento. Uma obra prima da indústria suíça. Uma câmera acessível a todas as bolsas.

SECCÃO CINE-FOTO

MESBLA

RUA DO PASSEIO, 48/54 RIO

Enlace Newton Masson Pereira-Maria Luiza Bessa



Na Igreja do Sagrado Coração de Jesus, à rua Benjamin Constant, consorciaram-se no dia 29 do p. p., às 14.30 horas, a srta. Maria Luiza Bessa Nascimento, filha da viúva Marconilla Bessa Nascimento, com o sr. Newton Masson Pereira de Andrade, filho do dr. Francisco Pereira de Andrade Neto, médico e vereador em Teresópolis. Serviram de padrinhos, da noiva, no religioso, o dr. Raimundo Barbosa Lima Sobrinho e senhora, e do noivo, o zel. Delmiro Pereira de Andrade, presidente da Associação dos Ex-Combatentes da F. E. B., e senhora. No civil, que se realizou às 9 horas da manhã, na residência da família do noivo, pararam a cerimônia, por parte da noiva, o dr. Cesar Tinoco e senhora e do noivo o sr. Eurico Fernandes e senhora.

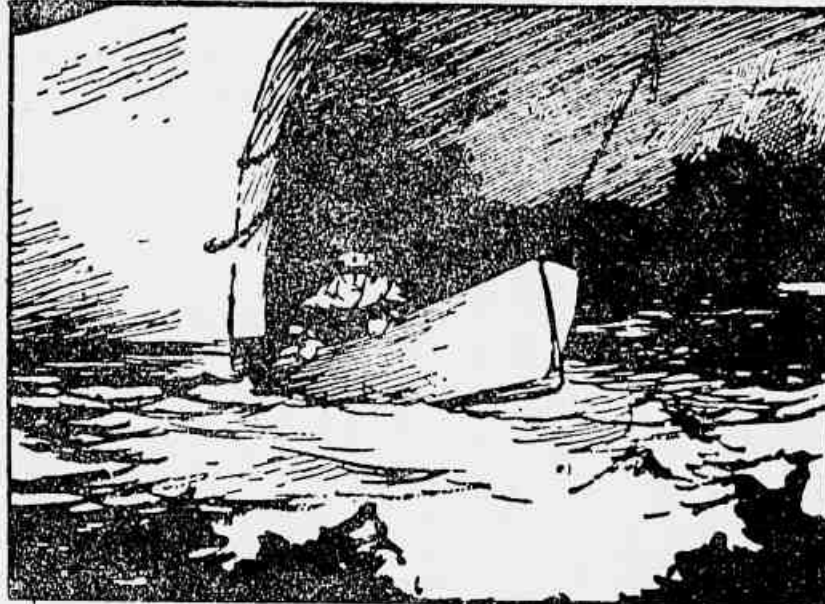
NA ESTEIRA DO "BRUXO VERMELHO"

Um folhetim-sintético-ilustrado de RE-
VISTA DA SEMANA — Direitos ad-
quiridos ao King Features Syndicate.

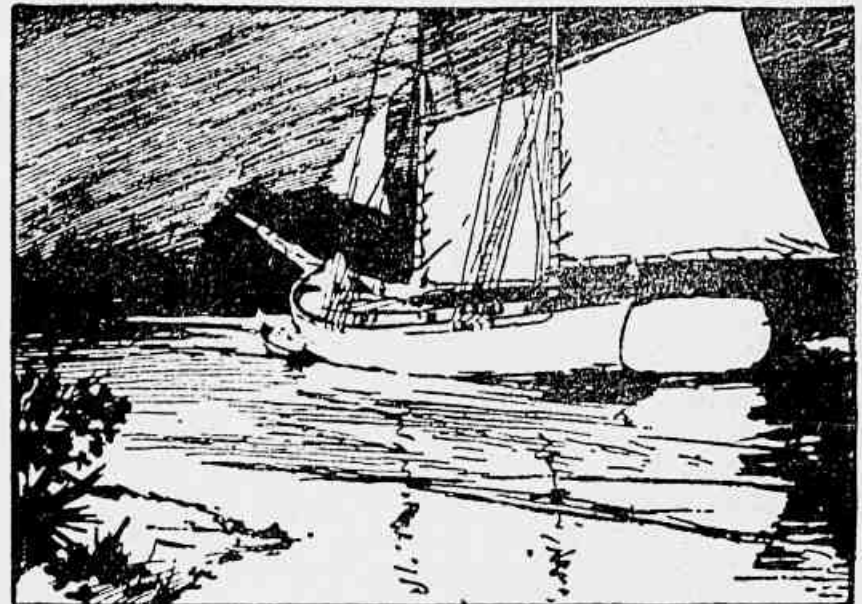
História de GARLAND
ROARK — Desenhos de
F. R. GRUGER



Os malaios soltaram as amarras...



Eu ia sob a prôa, dando as instruções...



Um clarão iluminou a "Garota"...

Pouco depois de afastado o perigo da metralhadora, por obra de Teleia, o sol se punha no horizonte. Estávamos prontos para forçar a saída da laguna. Ralls mandou que os malaios fossem à terra, soltar as amarras. E na penumbra a "Garota de Melbourne" começou a deslizar, a velas semi-icadas. Tomei o meu lugar no bote que ia atado ao gurupês, levando-me à proa da escuna, munido de uma lanterna submarina, dando as instruções através do perigoso canal forrado de coral. — A bombordo, — sussurrei, com bastante antecedência ao instante da manobra para que a ordem pudesse subir a cadeia formada por Ralls e Tewelliger até o timo-

neiro, — que era Ripper. — A bombordo, — e o barco obedeceu. O vento de popa era um sonho tornado realidade. Sorri quando pensei em Sidney vindo a laguna com uma escuna de menos. No momento propício dei voz de "Tudo a bombordo" e logo depois o leme virava todo. Continuei a cantar a direção até que Ralls notou luz no "Flores", acrescentando que nada havia de anormal.

A escuna continuava a sua marcha pelo canal, em busca da liberdade. Ralls então cantou: — Movimento a bordo do "Flores". — E logo: — Arriscaremos mais algum pano: — Era o funeral dele, não o meu. Esqueci

de tudo, menos o que me competia, e dei nova ordem, imaginando se nos seria possível. E logo o barco perdeu a velocidade, o leme preso a alguma coisa. Eu sabia, com tanto pano... Desceram alguns malaios e afinal conseguimos safar o barco, no instante exato em que do "Flores", que começava a andar, vinham os primeiros disparos. Esperávamos que não se arriscassem ao canal, mas de qualquer maneira seríamos um excelente alvo. A primeira salva passou alto, mas a segunda acertou o mastro grande enquanto a terceira, bem colocada, produziu um grito de Ripper, que estava à roda do leme...



Ralls devolve o fogo...



Gritei que as barras estavam arriadas...



A popa da escuna saltou das águas...

Ralls começou a devolver os tiros do "Flores". Canhão contra pistola. Gritei-lhe para que pegasse a roda do leme e desse pano. — Peguei alguém — foi a resposta. Voltei a atnção para o círculo de luz à minha frente, no mesmo instante percebi eu ser um excelente alvo, como também alguém do "Flores" pereceu. Continuei na minha tarefa e o artilheiro continuou na sua. De novo a escuna navegava com excesso de pano. Ordenei menos velocidade, procurando no fundo a barreira de ferro. Quando a encontrei, estava deitada, fora de ação. Fiquei perplexo... mas logo me lembrei

brei de Teleia. Devia ter localizado o motor! — Ralls! As barras estão arriadas! Todo o pano! — Não quero mesmo vir conosco? Tens certeza? — Tenho, Ralls. Boa sorte! Algum dia nos veremos! — e com isso fui remando para a margem. — O mesmo para ti, sócio! — ouvi a voz de Ralls, que já calmo, de cigarro na boca, enquanto a escuna acabava de deixar o canal. Pensei no "Flores" e gritei: — Por que será que nada fazem? — Ralls respondeu: — Até breve, Sam. Ver-te-ei em Singapura. — E quando ele dizia isso um clarão violento tudo iluminou. Eu olhava para a popa da "Garota de Melbourne";

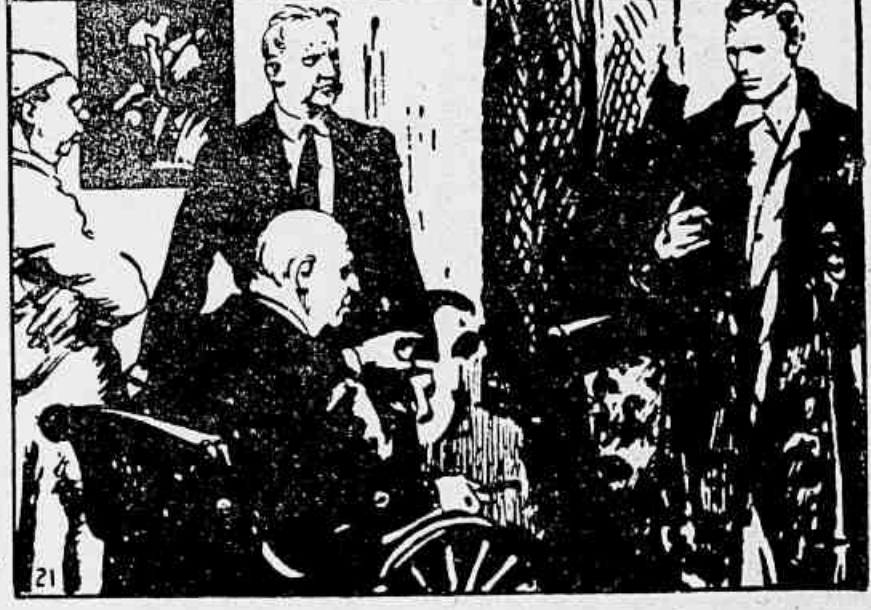
já estava em pleno mar, quando aconteceu... A terra estremeceu e a popa da escuna literalmente saltou de dentro d'água, abrindo-se em duas partes. O leme ficou no alto, ao lado de uma estranha coisa, um enorme tubo cinzento. Um pedaço de metal fez um rombo no barco antes de me pegar o ombro. E quase ao mesmo tempo qualquer coisa raspou na minha cabeça. Um grito, outro, e à luz da quarta explosão a "Garota de Melbourne" adernou violentamente e aos poucos foi se afundando, todinha, naquela mar de profundidade insondável. Então tudo escureceu...



— Tem tempo, — avisei ao dr. Van Arken.



A porta estava trancada.



Sidney quis saber por que eu não embarcara.

A manhã veio muito rápida. Sentei-me numa cama desconhecida, num quarto estranho, a cabeça latejando e o ombro doendo imensamente. Cai de novo para trás e adormeci. Quando tornei a abrir os olhos, dei com o rosto marmoreo do médico pessoal de Sidney, doutor Van Arken. Sem uma palavra ele renovou meus cuidados. Cometi então o erro de me referir com ódio aos que afundaram a "Garota" e de falar em vingança. A resposta foi o silêncio. Logo depois o doutor saiu. Levantei-me para explorar o quarto, contando encontrar alguma bebida. Encontrei roupa, livros, um baralho e um copo de água de quinina. Experimentei a porta: estava trancada. Durante dois dias não tive outra visita senão a do médico e a do servo que me trazia as refeições. Joguei muito solitário e escutei... No terceiro

dia fui honrado com visitantes. Eu já estava disposto a receber com agrado até o diabo... e foi ele em pessoa quem entrou, na cadeira de rodas. Sidney vinha flanqueado por Batjock, o membro nativo da firma e por Van Schreeven, seu meio-irmão. Cumprimentei-os e Sidney foi direto ao ponto: — Preciso fazer-te algumas perguntas, Rosen. Por que dirigiste a fuga da "Garota" e depois não embarcaste? — Eu e Ralls nos separamos ali. — De modo que tu esperavas ajudar Ralls a fugir e depois voltar para o nosso lado? Isso só de louco! — Não me preocupe em pensar nas consequências. Já estava cheio de Ralls. Mas não me arrependo do que fiz, — e fiquei imaginando se Ralls estaria morto, pois nada transparecia da fala de Sidney. Até que ele se explicou: — Viemos pedir teu auxílio, — e fi-

que sabendo que uma lancha-patrolha australiana vira os clarões e localizara os destroços. Era preciso uma explicação e Sidney queria que eu assinasse um papel declarando que fôramos bem tratados pelos holandeses e que nessa carga de dinamite explodira acidentalmente, matando Tewelliger, ferindo Ripper e dando Ralls como desaparecido. — Pagar-te-ei pela escuna, — terminou Sidney. — Depois iremos em busca do "Bruxo Vermelho", seguindo então para Java, para assistirmos o casamento de Teleia com nosso sócio Jan Hooch, em Julho. — Mandei logo um gole para dentro, para ocultar meus sentimentos. — Em Julho ela já estará boa... — completou ele, — do tiro que levou de bordo da "Garota"!

NA ESTEIRA DO "BRUXO VERMELHO"

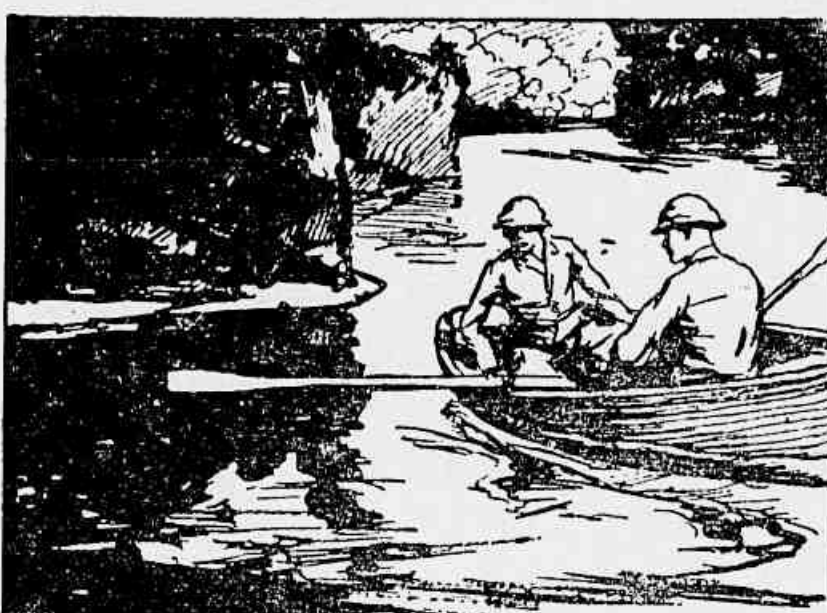
Este folhetim continuará no
próximo número, nestas
mesmas páginas.

Tradução de JORGE A. FORTES
especialmente para
REVISTA DA SEMANA



— Que tal se me contasse a verdade?

Foi assim que eu soube que Teleia fora ferida na refrega, como também que se casaria com o tal de Jan Hooch. Deixaram-me a pensar durante alguns dias a afinal resolvi escrever um "finis" tanto em Ralls como em Teleia. Mas em nenhum momento me arrastendi da decisão tomada... As investigações sobre a explosão haviam trazido à ilha um oficial inglês, Sheraton. Foi incumbido de acompanhá-lo. Caminhávamos certa vez pela praia quando ele disse: — Suponhamos, sr. Rosen, que me conte a verdadeira história do naufrágio da "Carota de Melbourne". — Respondi: — Com todo o prazer. Está narrada aqui nesta folha de papel, — e lhe entreguei a declaração que eu assinara para Sidney.



— Aqui içamos o pano, — explicou.

Ele a leu devagar, com toda a atenção. — Vamos dar umas remadas, sr. Rosen? — Pouco depois estávamos no canal que eu vira pela última vez com o auxílio da lâmpada. Passámos pelo banco de coral que prndera o leme da escuna e chegámos depois às barras submersas deitadas no fundo, e não contive um gesto de surpresa. Sidney nem as retirara... Sheraton perguntou o que havia. Expliquei: — Foi aqui que içamos o pano e rumámos para o mar. Logo depois o inferno explodiu. — Sr. Rosen, — disse o oficial britânico, ameaçador, — alguém está dizendo mentiras bem no meu nariz. — Não comprando, — respondi, inocentemente. — O sr. se lembraria, meu amigo, se passasse alguns dias atrás



Sheraton achava Ripper morto...

das grades. Eu quero saber é por que há orifícios recentes de balas no "Flores"; por que os ferimentos nas pernas e nos braços do sr. Arrezo são de balas e por que o sr. não escreve verdades em sua declaração... Receio que não possa responder... — Sr. Rosen, o senhor poderia ser preso por homicídio e por outras coisas, — pensou ele alto. — Obrigado, — replicou. — Mas, diga-me como é que chegou a essa conclusão a respeito de Ripper... digo, do sr. Arrezo. Eu ainda não o vi. — Muito simples. O italiano escapou à noite passado e eu o encontrei na praia esta manhã. Morto, sr. Rosen... Morto! — O inglês não era nenhum bobão...



— Podia prendê-lo por homicídio!

De volta à casa do holandês, eu vinha pensando em Teleia. E me senti mais só do que nunca. Depois a amargura de vê-la casada com o jovem holandês. Resolvi fazer qualquer coisa... Na sala azul, eu e Sheraton nos sentamos para refrescar. Sidney entrou seguido pelo dr. Van Arken. Imediatamente Sheraton largou a sua primeira bomba: — Por que é que o "Flores" mostra orifícios de balas? — Isso não é da sua conta, — respondeu Sidney. — Esta manhã encontrei na praia um homem agonizante, — continuou Sheraton, — que já foi um dia oficial de um dos seus malogrados navios. Eu podia prendê-lo por homicídio, sr. Sidney. — Aqui eu me meti: — Talvez nossa munição estivesse na linha da explosão... — Talvez, — resmungou o inglês, — mas eu quero provas. — Respondi: — Neste caso, que



Teleia correrá em meu auxílio...

o senhor prove em contrário. — E' possível que tenha razão, — disse ele, e eu logo peguei sua estratégia... aparentar a derrota mas continuar as investigações. Pedi licença e saí. Encontrei Carter no saguão. Fomos para o meu quarto e ele então me disse que Teleia estava passando bem, que fora ferida no ombro. Perguntei onde estava. Carter me informou e depois: — Estás amando a garota, não, Sam? Mas, seja como for, deves esquecê-la. Ela vai se casar com o menino bonito da Batjak. — Isso veremos, — retorquii. — E agora, conte-me como foi a coisa... — Carter então contou o que sabia. E' que a boca da laguna fora minada, o que deu fim ao nosso barco. Apesar de ferida, Teleia correrá em meu auxílio e pedirá que me socorressem, antes de perder os sentidos. — O dr. Van Arken levou-me ao terceiro



— Tenho o diabo em pessoa, — dissera Van Arken.

andar da casa, — prosseguiu Carter, — e diante de uma porta disse-me o seguinte: "Tenho aqui o diabo em pessoa", e mostrou-me o aposento. Na parede havia um quadro de um navio vermelho com uma cabeça diabólica no meio das nuvens. Gravadas na moldura de metal havia as palavras "Bruxo Vermelho". Um homem olhava para o quadro e não nos deu importância. — Nest ponto meu copo se espatifou no chão. Eu já estava em pé, sacudindo Carter pelos ombros: — Ralls! — Ralls, — ele respondeu. — E vivinho!

Então fora por isso que Sidney me fez ra assinar o papel que fora entregue ao inglês. Oficialmente Ralls estava morto e Sidney poderia fazer dele o que bem entendesse. E fora eu quem o fechara na armadilha.



O escaler do cargueiro encostou no cais...

Pensando em Ralls, ouvi ruídos de ancoragem. Sabia que um barco era esperado e depois o vi, um cargueiro desconhecido ancorado fora da barra sul da laguna. Seu escaler a motor encostou no cais de bambu e dois capitães da Batjak se encaminharam para a casa de Sidney. Eu sabia que todos convergiam sobre Ralls. E sobre Sam Rosen, também... Minha última oportunidade se extinguiu quando Sheraton, o oficial inglês, embarcara em seu barco patrulha e partira. Respondendo a um pedido meu, Teleia mandou dizer que me receberia na manhã seguinte, às dez horas. Na hora marcada bati na porta, que imediatamente se abriu deixando sair o noivo dela. Cumprimentei-o, ele respondeu,



Saiu o noivo de Teleia...

e logo depois o esqueci, pensando em coisas mais importantes. Teleia me fez bem aos olhos. Fiquei imóvel, emudecido, procurando beber toda a sua beleza num gole só. E que voz melodiosa!... — Bom dia, Sam. — Bom dia, Teleia. — Nossa conversa de introdução foi curta. Depois desabafei: — Teleia, já corri este Pacífico inteiro. Devia estar mesmo te procurando, embora não o percebesse até o instante em que te encontrei. Mas agora que já sei disso, não estou disposto a ceder lugar a Jan Hooch. Compreendes? — Sam, — começou ela, — és livre para sair desta ilha; estás livre de Ralls; será que a tua parte já está cumprida nessa história de ódios e vinganças? — Não, — confessei, — mas muito breve, espero... — Nesse momento entrou o dr. Van



— Sam... eu te amo!

Arken. Não me importei com o seu olhar e fui para a janela, até que terminasse. Assim que ele saiu, notei o sorriso nos olhos de Teleia. — Sam, Van Arken parece gostar de ti. E eu... eu também gosto. — Gostas de mim? Eu esperava mais, Teleia. Tu sabes, eu te amo muito. — Ela olhou-me e eu me sentei, passando os braços em torno dela. E aquele beijo foi eterno... dava-me a vida o que tinha de mais doce! — Sam, eu te amo, — ela sussurrou. — E quando é que vais dizer isso a Jan Hooch? — perguntei logo. — Devemos aguardar, Sam. Não faça cara feia. Tudo está caminhando para um fim. De certo modo depende apenas do que tu fizeres agora...



D o r m i t ó r i o

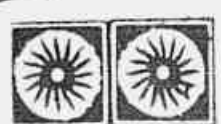
Móveis Colonial Americano, de imbuia encerada. As cortinas executadas em cretone estampado, harmonizam com o tom claro do aposento, em contraste com a forração do assoalho de côr gris-perle.

MOBILIARIOS — TAPEÇARIAS — DECORAÇÕES

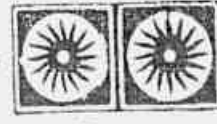
ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA



Fundada em 1912



65 - RUA DA CARIOCA 67 - RIO



CIA. DE CIGARROS

Souza Cruz



NELSON